



A BUSCA PELA MODERNIZAÇÃO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA  
ENTRE A RÚSSIA IMPERIAL (1861-1914) E A RÚSSIA SOVIÉTICA (1921-  
1939)

FLAVIO SCHLUCKEBIER PINTO SARAIVA NOGUEIRA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional, do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre em Economia Política Internacional.

Orientador: Prof. Dr. Daniel de Pinho Barreiros

Rio de Janeiro  
Maio de 2013

# A BUSCA PELA MODERNIZAÇÃO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A RÚSSIA IMPERIAL (1861-1914) E A RÚSSIA SOVIÉTICA (1921-1939)

Flavio Schluckebier Pinto Saraiva Nogueira

Orientador: Prof. Dr. Daniel de Pinho Barreiros

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional, do Instituto de Economia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre em Economia Política Internacional.

Aprovada por:

---

Presidente da Banca Prof. Dr. Daniel de Pinho Barreiros

---

Prof. Dr. João Márcio Mendes Pereira

---

Prof. Dr. Raphael Padula

Rio de Janeiro  
Maio de 2013

## FICHA CATALOGRÁFICA

Nogueira, Flavio Schluckebier.

A Busca pela Modernização: uma Análise Comparativa entre a Rússia Imperial (1861-1914) e a Rússia Soviética (1921-1939). - Rio de Janeiro: UFRJ / IE, 2013.

260f.: 31 cm.

Orientador: Daniel de Pinho Barreiros

Dissertação (mestrado) – UFRJ/ IE / Programa de Pós-graduação em Economia Política Internacional, 2013.

Referências Bibliográficas: f. 92-99.

1. Rússia Imperial. 2. Rússia Soviética 3. Sistema Internacional 4. Modernização 5. Poder. I.Barreiros, Daniel. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional. .III. Título.

## **AGRADECIMENTOS**

A minha família, por todo o apoio que me foi dado durante todo o período, em especial meu pai pelas dicas e sugestões que ajudaram na realização deste trabalho.

Ao professor Daniel de Pinho Barreiros, pela orientação, compreensão e pelas inúmeras contribuições que fizeram desta uma obra melhor.

Ao IE/UFRJ, por todo conhecimento que me proporcionou durante a minha vida acadêmica.

Ao PEPI/UFRJ, que expandiu o meu horizonte de pensamento.

A todos aqueles que, enfim, colaboraram, direta ou indiretamente, para a realização desta dissertação.

## **RESUMO**

### **A Busca pela Modernização: Uma Análise Comparativa entre Rússia Imperial (1861-1914) e a Rússia Soviética (1921-1939)**

Flavio Schluckebier Nogueira

Orientador: Prof. Dr. Daniel de Pinho Barreiros

Resumo da Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional, do Instituto de Economia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre em Economia Política Internacional.

A presente dissertação possui como objetivo realizar uma análise comparativa entre as políticas modernizantes adotadas pela Rússia em dois diferentes períodos. O primeiro, de 1861-1914, compreende o período no qual a Rússia, ainda sob a liderança do czar, procura modernizar a sua estrutura socioeconômica para diminuir o atraso em relação às potências Ocidentais. O segundo, de 1921-1939, representa um período no qual o poder soviético se encontra consolidado, com a Rússia, sob a liderança bolchevique, procurando se reerguer no Sistema Internacional.

Palavras-chave: Rússia Imperial, Rússia Soviética, Sistema Internacional, modernização, poder.

Rio de Janeiro  
Maio de 2013

## **ABSTRACT**

### **A Busca pela Modernização: uma Análise Comparativa entre a Rússia Imperial (1861-1914) e a Rússia Soviética (1921-1939)**

Flavio Schluckebier Nogueira

Orientador: Prof. Dr. Daniel de Pinho Barreiros

*Abstract* da Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional, do Instituto de Economia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre em Economia Política Internacional.

This work has as objective to conduct a comparative analysis between the modernizing policies adopted by Russia in two different periods. The first, from 1861-1914, comprises the period during which Russia, still under the leadership of the Tsar, seeks to modernize its socioeconomic structure to reduce the gap with the Western powers. The second, from 1921-1939, is a period in which the Soviet power is consolidated, with Russia under the Bolshevik leadership, looking to bounce back in the International System.

Keywords: Imperial Russia, Soviet Russia, International System, modernization, power.

Rio de Janeiro  
Maio de 2013

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I- PODER, INDUSTRIALIZAÇÃO E AS DIFERENTES ROTAS PARA A MODERNIZAÇÃO.....	14
I.1 A Busca por Poder no Sistema Internacional.....	14
I.1.1 O Poder .....	14
I.1.2 A Importância do Poder .....	17
I.2 A Estrutura Social e os Entraves à Modernização .....	19
I.2.1 A Transição do Feudalismo para o Capitalismo .....	20
I.2.2 Os Ingredientes Socioeconômicos da Manutenção da Servidão.....	25
I.3 O Caminho para uma Modernização Tardia.....	28
I.3.1 Os Entraves para a Modernização.....	28
I.3.2 Superando as Dificuldades.....	30
CAPÍTULO II- O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DA RÚSSIA IMPERIAL.....	33
II.1 Uma breve história da Rússia Imperial.....	34
II.2 A Guerra da Criméia.....	38
II.3 A Emancipação dos Servos .....	42
II.3.1 Efeitos da Emancipação no Setor Agrícola .....	46
II.3.2 Efeitos da Emancipação no Setor Industrial.....	49
II.3.3 Efeitos da Emancipação no Exército .....	51
II.4 A Modernização da Rússia Imperial .....	52
II.4.1 O Governo e a Industrialização da Rússia Imperial .....	53
II.4.2 O Conturbado Século XX da Rússia Imperial.....	59
CAPÍTULO III- O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO NA RÚSSIA SOVIÉTICA (1921-1939) .....	67
III.1 A Consolidação do Poder Soviético.....	67
III.2 O Sistema Internacional pós 1ª Guerra Mundial .....	69
III.3 A Nova Política Econômica .....	71
III.3.1 O surgimento da NEP.....	72
III.3.2 O efeito da NEP na agricultura.....	74
III.3.3 O efeito da NEP no Setor Industrial.....	76
III.3.4 O Fim da NEP .....	78

III.4 Stalinismo.....	81
III.4.1 A Coletivização da Agricultura.....	82
III.4.2 Industrialização .....	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS .....	92



## INTRODUÇÃO

A presente dissertação possui como objetivo realizar uma análise comparativa entre as políticas modernizantes adotadas pela Rússia em dois diferentes períodos. O primeiro, de 1861-1914, compreende o período no qual a Rússia, ainda sob a liderança do czar, procura modernizar a sua estrutura socioeconômica para diminuir o atraso em relação às potências Ocidentais. O segundo, de 1921-1939, representa um período no qual o poder soviético se encontra consolidado, com a Rússia, sob a liderança bolchevique, procurando se reerguer no Sistema Internacional.

Entretanto, ao utilizarmos o termo “modernização” enfrentamos o problema do mesmo ser confuso e vago<sup>1</sup>. Ele pode ser utilizado para descrever uma ampla gama de processos que ocorrem em uma determinada sociedade. Conforme ressaltado por Salamon (1970): “*Dependendo da perspectiva, o processo de modernização ou é primariamente econômico, ou político, ou psicológico, ou tecnológico ou todas as opções anteriores*” (p.83, tradução nossa)<sup>2</sup>.

Sendo assim, não podemos descrever o processo de modernização como uma receita pronta de uma série de ingredientes que, quando misturados, geram modernização. Tampouco, podemos tratá-lo como se fosse um estágio final encontrado em algumas sociedades ocidentais<sup>3</sup>. Entretanto, não podemos desconsiderar que em um sistema internacional, os sucessos econômicos e militares de outras sociedades são considerados nas políticas interna e externas de um determinado Estado nacional, e, no final do século XIX, início do século XX, na Europa Ocidental se encontravam os Estados mais bem sucedidos.

Assim, embora não exista um processo definido de como se modernizar uma sociedade, é indiscutível que a busca por uma posição de destaque no tabuleiro internacional é uma importante fonte de impulso modernizante. Por esse motivo, na segunda metade do século XIX, países como o Japão, os EUA e a Rússia Imperial procuraram superar a defasagem existente entre eles e as potências da Europa Ocidental.

---

<sup>1</sup> NETTL, J. P.; ROBERTSON, Roland. “Industrialization, Development or Modernization”. **The British Journal of Sociology**, London. v. 17, n. 3, Sep 1966, p. 281.

<sup>2</sup> No original: “*Depending on one’s perspective, the process of modernization is either primarily economic, or political, or psychological, or technological, or all of the above.*”

<sup>3</sup> Ibidem. p. 281

Contudo, diferentes estruturas internas e externas, fizeram com que diferentes caminhos fossem adotados na busca pela superação da defasagem. Barrington Moore em seu livro *Social Origins of Dictatorship and Democracy* destaca como diferentes estruturas econômicas e sociais, ao seguirem o caminho para a modernização, geraram diferentes estruturas de governo. O autor em sua análise enfatiza a resposta dada pela nobreza agrária e pelos camponeses aos desafios da agricultura comercial, como sendo fatores decisivos na determinação da estrutura política dos Estados nacionais. As diferentes respostas aos desafios da agricultura comercial, de acordo com Moore (1993), acabaram dando origem a três diferentes rotas para o mundo moderno: a rota capitalista democrática, a rota capitalista fascista e a rota comunista.

Vale ressaltar que, apesar das diferentes trajetórias, durante a 2ª Guerra Mundial, representantes dessas três rotas, EUA (capitalista democrático), Alemanha (capitalista fascista) e URSS (comunista), possuíam papel de destaque dentro do Sistema Internacional. Por esse motivo, da mesma forma como Moore realizou a sua pesquisa acerca das rotas para o mundo moderno, sem inserir juízo de valor sobre qual seria a rota adequada, o presente trabalho pretende entender as diferenças do processo de modernização russo nos dois distintos períodos analisados, não pensando no que deveria ter sido realizado, mas, procurando entender as restrições políticas, econômicas e sociais que envolveram os referidos processos.

Até a primeira metade do século XIX não havia nenhum estímulo para mudanças na estrutura socioeconômica do Império Russo. Isso se deveu ao fato que a autocracia russa não considerava relevante alterar uma estrutura que, no referido período, lograva êxito no Sistema Internacional. Além disso, não existia na Rússia Imperial uma burguesia comercial forte o suficiente para estimular as necessidades de mudança estruturais dentro do Império. Assim, não existia na Rússia nenhum grupo social forte em prol da modernização.

Entretanto, após a Guerra da Criméia (1854-1856), a situação na Rússia Imperial se altera. A derrota criou um conjunto de condições excepcionalmente favoráveis para reformas políticas e sociais<sup>4</sup>. Assim, na segunda metade do século XIX, a exemplo de outros países como o Japão e os EUA, a Rússia Imperial procurou superar a defasagem

---

<sup>4</sup> KAGARLITSKY, Boris. **Empire of the Periphery: Russia and the World System**. Translated by Renfrey Clarke. London: Pluto Press, 2008. p. 200

existente entre ela e as potências da Europa Ocidental. Portanto, podemos considerá-la um dos países pioneiros na tentativa de romper com o atraso na era industrial e a procurar modernizar a sua estrutura.

Kuznets (2010) destaca que uma das definições de subdesenvolvimento “*é o atraso no nível e no caráter do desempenho econômico em relação a outros países.*” (p. 164). Embora Kuznets afirme que esta definição não é a que se melhor encaixa ao termo subdesenvolvimento, ele destaca a tensão gerada nos países subdesenvolvidos pelo conhecimento do sucesso de outros países. Assim o autor afirma que:

“Sob certas condições, o sucesso econômico confere um poder que pode ser utilizado para a agressão, manifesta ou encoberta. Por essa razão os países que se distanciam de outros em relação ao sucesso econômico podem tornar-se incapazes de se defender contra agressão, real ou temida, dos países mais adiantados.”<sup>5</sup>

No caso da Rússia Imperial, não foi o conhecimento do sucesso econômico dos outros países que causou a tensão e sim o conhecimento do sucesso militar, que, se encontrava diretamente relacionado ao sucesso econômico. O tamanho da população e a riqueza do Estado são dois componentes importantes para a geração de poder militar<sup>6</sup>.

Embora a Rússia Imperial possuísse uma grande população, até o início do período analisado na presente pesquisa, a riqueza do seu Império, se comparada às dos principais Estados europeus da época, França e Inglaterra, era inferior. A riqueza é de extrema importância, pois, sob a égide do Sistema Internacional na era industrial, um Estado não pode construir um exército poderoso sem o dinheiro e tecnologia para equipar, treinar e continuar modernizando suas forças de combate<sup>7</sup>. A tabela 1, adiante, mostra a disparidade existente entre o Império russo e os países anteriormente citados.

Podemos observar claramente o distanciamento econômico da Rússia em relação aos principais países europeus. Os padrões desiguais de transformação industrial e

---

<sup>5</sup> KUZNETS, Simon. Os Países Subdesenvolvidos e a Fase Pré-Industrial nos Países Avançados: uma Tentativa de Comparação In: AGARWALA, A.; SINGH, S. P. (org). **A Economia do Subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado, 2010. p. 164.

<sup>6</sup> MEARSHEIMER, John. **The Tragedy of Great Power Politics**. New York: W. W. Norton & Company, 2001. p. 61

<sup>7</sup> Ibidem. p. 61.

tecnológica refletiram no equilíbrio entre as grandes potências<sup>8</sup> e podem ser considerados os principais responsáveis pelo referido distanciamento.

**Tabela 1** – Indicadores de Riqueza e População, Reino Unido, Rússia e França (1830-1860)

	Reino Unido	Rússia	França
<b>PIB (bilhões de dólares)</b>			
1830	8,2	10,6	8,6
1860	16,1	14,4	13,3
<b>Participação relativa da riqueza Europeia (%)</b>			
1830	53	15	21
1860	68	4	14
<b>Consumo de Energia (milhões de toneladas de equivalente de carvão)</b>			
1830	-	-	-
1860	73,8	1	13,2
<b>Produção de ferro/aço ( milhares de toneladas)</b>			
1830	690	190	270
1860	3.880	350	900
<b>Participação relativa da produção industrial mundial (%)</b>			
1830	9,5	5,6	5,2
1860	19,9	7	7,9
<b>Potencial industrial total (Reino Unido em 1900 = 100)</b>			
1830	17,6	10,3	9,5
1860	45	15,8	17,9
<b>População (milhões)</b>			
1830	23,8	57,6	32,4
1860	28,8	76	37,4

Fonte: (MEARSHEIMER, 2001)

O advento da indústria moderna reforçou a relação direta entre riqueza e poder, com riqueza econômica e poder militar se tornando cada vez mais concomitantes<sup>9</sup>. A tendência de a superioridade econômica acompanhar a superioridade militar é destacada por Gilpin (1981), como uma característica particular do mundo moderno. Gilpin considera que uma das principais mudanças na característica das relações internacionais na era moderna foi o aumento do papel do crescimento econômico e do avanço tecnológico na distribuição internacional da riqueza e do poder. Nas palavras do próprio

<sup>8</sup> KENNEDY, Paul. **Ascensão e Queda das Grandes Potências: Transformação Econômica e Conflito Militar de 1500 a 2000**. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1989. p. 144.

<sup>9</sup> GILPIN, Robert. **War and Change in World Politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981, p. 124

autor: “*O crescimento econômico moderno fortaleceu a relação entre riqueza e poder, e ao fazê-lo, alterou profundamente a natureza das relações internacionais.*” (p.123-124, tradução nossa)<sup>10</sup>.

Os fatores destacados nos levam a analisar a hipótese de que, apesar da drástica diferença existente entre o regime czarista e soviético, ambos foram guiados pelo mesmo objetivo ao longo do seu processo de modernização, qual seja, a rápida industrialização para superar o atraso econômico e militar e, desse modo, voltar a assumir uma posição relevante dentro do Sistema Internacional.

Para realizar a análise proposta, a dissertação foi dividida da seguinte maneira: no primeiro capítulo iremos realizar uma abordagem de cunho fundamentalmente teórico, examinando de forma mais minuciosa o “poder”, a influência das estruturas socioeconômicas internas no processo de modernização e os principais pré-requisitos, inferidos a partir da literatura sobre o tema, para uma bem sucedida articulação entre um projeto de modernização, por um lado, e um de projeção de poder externo, por outro. No segundo capítulo, será realizada a análise referente ao processo de modernização ocorrido na Rússia Imperial; e no terceiro e último capítulo, examinaremos o processo de modernização da Rússia Soviética. Por fim, apresentaremos breves considerações finais, identificando as principais semelhanças e diferenças ocorridas ao longo da trajetória russa em busca da modernização.

---

<sup>10</sup> No original: “*Modern economic growth strengthened the relationship between wealth and power, and in doing so it profoundly altered the nature of international relations.*”

# **CAPÍTULO I- PODER, INDUSTRIALIZAÇÃO E AS DIFERENTES ROTAS PARA A MODERNIZAÇÃO**

Para podermos abordar os caminhos adotados pela Rússia em sua busca pela modernização, necessitamos entender inicialmente que fatores impulsionaram sua elite dominante rumo a projetos de reforma socioeconômica. Por esse motivo iremos nos aprofundar sobre a questão do poder, definindo-o, explicando a sua importância, e a relevância da modernização econômica como instrumento de projeção de poder ao final do século XIX. Isto feito, iremos analisar questões de caráter conjuntural, para melhor compreendermos as influências das estruturas socioeconômicas internas no processo de modernização. Por último, enfatizemos o estudo dos principais pré-requisitos para uma bem sucedida articulação entre um projeto de modernização e outro de projeção de poder externo, destacando a necessidade da acumulação de capital, por um lado, e da transição de uma sociedade agrária para uma industrial, por outro.

## **I.1 A Busca por Poder no Sistema Internacional**

Conforme destacado por Mearsheimer (2001), “*O poder está no centro da política internacional.*” (p. 55, tradução nossa)<sup>11</sup>. Contudo, existem discordâncias sobre o que seria o “poder”. Por esse motivo, analisaremos na presente dissertação o poder pela ótica realista das relações internacionais, definindo-o e buscando demonstrar a sua importância, além de destacar como a modernização econômica funciona, em nível teórico, com um aspecto relevante para aumentar a parcela relativa de poder no Sistema Internacional.

### **I.1.1 O Poder**

A palavra “poder” pode ser utilizada em diversos aspectos, na medida em que nos referirmos a indivíduos, grupos, empresas ou Estados. Além disso, podemos empregá-la tanto para descrever relações quanto os seus resultados. Assim, podemos dizer que alguém possui poder simplesmente pelo fato de possuir muito dinheiro, ou por ter utilizado o seu dinheiro para comprar algo ou persuadir alguém.

---

<sup>11</sup> No original: “*Power lies at the heart of international politics.*”

Contudo, a nossa análise sobre poder tem um propósito mais específico. Nosso objetivo é definir o que faz um Estado ter poder dentro do Sistema Internacional. Sendo assim, embora saibamos que a expressão do poder está ligada à questão de influência, ou como Strange (1988) descreveu como sendo poder relacional, isto é, “...o poder de A conseguir com que B faça algo que ele não faria de outra maneira” (p. 24, tradução nossa)<sup>12</sup>, nossa análise irá focar nos ativos específicos que geram poder. Acreditamos que essa análise é mais coerente, visto que, ao possuir os referidos ativos, um Estado terá maior capacidade e probabilidade de sucesso ao utilizar o seu poder relacional.

Mearsheimer (2001) define poder de maneira bem direta como sendo os recursos materiais que estão disponíveis a um Estado. Ao utilizar esse conceito, ele busca identificar maneiras quantitativas de se medir o poder. Ele realiza uma diferenciação entre dois tipos de poder: o poder latente e o poder militar. Em sua opinião, embora esses tipos de poder sejam intimamente relacionados, eles não seriam sinônimos.

Poder latente é definido por Mearsheimer como:

“...os ingredientes socioeconômicos que entram na construção de poder militar; ele é em grande parte baseado na riqueza do Estado e no tamanho de sua população. Grandes potências necessitam de dinheiro, tecnologia e de pessoas para a construção de forças militares e para lutarem guerras, e poder latente se refere ao potencial bruto que pode ser utilizado quando se está competindo com estados rivais.”<sup>13</sup>

O poder militar, de forma mais simples, seria baseado no tamanho e na força do exército de um Estado<sup>14</sup>. Como observamos na definição anterior, o poder latente é um importante insumo na construção de um poder militar significativo e está intimamente conectado ao tamanho populacional e a riqueza de uma sociedade.

Considerando a facilidade de se medir o tamanho de uma população e compará-lo, iremos concentrar nossa análise no aspecto ligado à riqueza. Embora o método mais comum para mensurar a riqueza de uma nação seja o PIB, ele nem sempre é um bom indicador de poder latente. Isto porque o PIB não atribui pesos distintos ao nível de

---

<sup>12</sup> No original: “...the power of A to get to B to do something they would not otherwise do.”

<sup>13</sup> MEARSHEIMER, John. Op. Citi., p. 55. No original: “... the socio-economic ingredients that go into building military power; it is largely based on state’s wealth and the overall size of its population. Great powers need money, technology, and personnel to build military forces and to fight wars, and state’s latent power refers to the raw potential it can draw on when competing with rival states.”

<sup>14</sup> Ibidem. p. 56

desenvolvimento tecnológico e a riqueza mobilizável<sup>15</sup>. Riqueza mobilizável é definida por Mearsheimer como:

“...os recursos economicos que um Estado tem a sua disposição para construir forças militares. Ela é mais importante que do que a riqueza em geral, porque, o que importa não e simplesmente o quão rico um estado pode ser, mas, o quanto dessa riqueza está disponível para ser gasta com defesa”<sup>16</sup>

Identificando a riqueza mobilizável como importante indicador, Mearsheimer (2001) esboça um estudo comparativo sobre a participação relativa na riqueza europeia dos seus principais atores entre os anos de 1816 – 1940. Mais do que o resultado em si, interessa a simplicidade com que ele montou o indicador de riqueza, utilizando apenas a produção de ferro/aço e o consumo de energia. Embora não tenhamos realizado nenhum estudo estatístico a respeito, não se comete exagero ao assumir-se que o indicador de riqueza elaborado possuiu grande correlação com nível de industrialização de uma nação.

A correlação entre riqueza e nível de industrialização é destacada pelo próprio Mearsheimer:

“Diferenças no nível industrial, como a existente entre o Reino Unido e Rússia têm importantes consequências para o equilíbrio de poder latente. Primeiro, os Estados mais industrializados, invariavelmente, têm muito mais riqueza excedente para gastar em defesa do que estados semi-industrializados, principalmente porque a maior parte do produto físico do campesinato é consumida no local pelos próprios camponeses. Segundo, apenas estados com as indústrias mais avançadas são capazes de produzir as grandes quantidades de armamento sofisticado que as forças armadas precisam para sobreviver em combate”<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup> Ibidem. p. 62

<sup>16</sup> Ibidem. p. 62. No original: “... the economic resources a state has at its disposal to build military forces. It is more important than overall wealth because what matters is not simply how wealth a state might be, but how much of that wealth is available to spend on defense.”

<sup>17</sup> Ibidem. p. 63. No original: “Differences in industrial might like those between the United Kindgom and Russia, however, have important consequences for the balance of latent power. First, highly industrialized states invariably have considerably more surplus wealth to spend on defense than do semi-industrialized states, mainly because much of the physical product of peasantry is consumed on the spot by the peasants themselves. Second, only states with most advanced industries are capable of producing the large quantities of sophisticated weaponry that militaries need to survive in combat”



Assim, um Estado que busca aumentar o seu poder internacional necessita, obrigatoriamente, no contexto da competição interestatal do final do século XIX e início do século XX, aumentar sua capacidade industrial e tecnológica. Essa é a principal maneira de ter recursos à disposição para a construção de um poder militar. Desse modo, não é nenhuma surpresa que nações atrasadas tenham buscado com tanto empenho a industrialização como forma de modernizar a economia.

### **I.1.2 A Importância do Poder**

Na seção anterior vimos que o poder está diretamente ligado à utilização da riqueza da nação em prol das suas vontades, necessidades e aspirações da elite governante de um Estado nacional dentro do Sistema Internacional, estando intimamente relacionado ao nível de industrialização.

A necessidade de se ter poder está relacionada à ausência de uma autoridade superior que guie as relações entre Estados. Essa ausência faz com que o Sistema Internacional seja anárquico, conforme descrição de Krasner (1992 apud GRIFFITHS, 2005, p. 54):

“O sistema internacional é anárquico. Não existe autoridade superior que possa conter ou canalizar o comportamento dos Estados. Os Estados Nacionais são agentes racionais e interesseiros, firmemente, senão exclusivamente, preocupados com os seus ganhos relativos, porque devem funcionar em ambientes anárquicos nos quais sua segurança e bem-estar repousem, em última instância, na habilidade que têm de mobilizar os próprios recursos para se protegerem das ameaças externas”

A natureza anárquica do Sistema Internacional faz com que haja uma constante desconfiança entre os Estados. Embora o nível de desconfiança possa variar no tempo e no espaço, ele sempre será um aspecto relevante<sup>18</sup>. Assim, é dada uma atenção considerável aos ganhos relativos de poder. Em diversos momentos da história, podemos observar ações que foram estimuladas pela desconfiança e pelas possíveis consequências dos ganhos de poder.

A Guerra da Criméia (1854-1856) é um bom exemplo para as afirmações citadas nos parágrafos anteriores. A mesma se tornou um conflito entre grandes potências

---

<sup>18</sup> Ibidem. p. 32

devido à preocupação com os ganhos que a Rússia obteria caso fosse vitoriosa. Embora o conflito inicial fosse entre a Rússia e o Império Otomano, o sucesso russo iria significar o acesso de seus navios de guerra ao Mediterrâneo. A desconfiança gerada pela natureza anárquica do Sistema Internacional fez com que tanto britânicos como os franceses vissem tal atitude como uma ameaça, se engajando dessa forma na guerra ao lado dos otomanos.

Outro ensinamento importante obtido com a Guerra da Criméia é que não existe gratidão nas relações entre nações. Em 1849, após a incapacidade do Imperador austríaco Franz Joseph em conter a revolta húngara, os russos enviaram uma tropa de 350 mil homens em apoio, tropa que entrou na Hungria, restaurou o poder austríaco e se retirou sem incidentes<sup>19</sup>. No entanto, cinco anos depois, os russos, que contavam com a neutralidade da Áustria durante o conflito na Criméia, acabaram sendo surpreendidos com as atitudes hostis ao longo de sua fronteira. A Áustria soube aproveitar o conflito para aumentar sua parcela de poder, obtendo as a Moldávia e a Valáquia, posições essas que os russos haviam conquistado dos otomanos durante o conflito.

O cenário exposto até o momento mostra que a única certeza que um Estado pode ter é a de contar com seus próprios recursos. A capacidade de mobilização dos mesmos de maneira eficiente e em prol dos objetivos nacionais é o que confere poder a uma nação. A Revolução Industrial, conforme destacado por Landes (2005), transformou o equilíbrio de poder no Sistema Internacional. A mobilização do poder passou a depender de fatores industriais e tecnológicos.

Essa mudança começou a impactar diretamente no equilíbrio de poder no Sistema Internacional. Dessa forma, qualquer nação que almejasse uma posição de destaque dentro do referido sistema necessitava alcançar o nível industrial e tecnológico das nações mais avançadas. Entretanto, qualquer alteração na estrutura econômica gera impactos na estrutura interna que precisam ser considerados. Além disso, condicionantes internos e externos definem qual caminho deve ser utilizado em busca do aumento de poder. Por esse motivo, examinaremos na próxima seção as estruturas internas e a sua influência nos caminhos utilizados em busca de modernização econômica e, conseqüentemente, do poder.

---

<sup>19</sup> STONE, David R. **A Military History of Russia: From Ivan the Terrible to the War in Chechnya**. Westport, CT: Praeger Security International, 2006. p. 118.

## **I.2 A Estrutura Social e os Entraves à Modernização**

No presente trabalho a expressão modernização se foca principalmente no aspecto econômico do termo. A referida ênfase é utilizada, pois quando analisamos o processo de modernização, estamos examinando quais são os meios utilizados para aumentar o poder dentro do Sistema Internacional. Conforme observamos anteriormente, um Estado para aumentar o seu poder no contexto do sistema interestatal de fins do século XIX e início do século XX necessita, obrigatoriamente, aumentar o seu nível industrial e tecnológico.

Entretanto, por mais que pareça lógico, a necessidade de aumentar o nível industrial e tecnológico não é uma tarefa simples. Principalmente para nações que começam o processo já com certa defasagem em relação ao avanço obtido por outros países. Isto porque, como destacado por Landes (2005), o montante de capital inicial requerido para industrialização havia aumentado significativamente, impossibilitando as empresas familiares autofinanciadas de participarem do processo, e aumentando a relutância daqueles que possuíam acesso ao crédito de realizar o investimento.

Além do fator destacado acima por Landes, a estrutura social existente nas nações defasadas proporcionava uma grande restrição à modernização. Isto ocorre principalmente pela manutenção da organização social camponesa. A manutenção de uma estrutura camponesa autossuficiente, onde o possuidor do meio de produção não era o detentor integral do excedente econômico, não estimulava a adoção de técnicas produtivas mais avançadas e a acumulação de capital. As nações que buscaram se modernizar sem alterar a estrutura interna vigente tiveram que contornar de alguma forma as referidas limitações impostas.

Para um maior entendimento sobre o relevante aspecto abordado no parágrafo acima, analisaremos com maior detalhe a estrutura camponesa. Enfatizaremos como a transição da estrutura feudal para a capitalista, influenciou nas rotas adotadas em busca da modernização. Por fim, analisaremos estruturas onde essa transição não ocorreu de maneira satisfatória, destacando que a ausência da transição, até o advento da Revolução Industrial, não representava uma desvantagem no equilíbrio de poder no Sistema Internacional.

## I.2.1 A Transição do Feudalismo para o Capitalismo

Abordar a estrutura camponesa, sem abordar as mudanças ocorridas em sua estrutura social durante a transição do feudalismo para o capitalismo, seria uma grande omissão de fatos relevantes que ajudam a compreender o peso da estrutura social dentro do processo de modernização econômica. Entretanto, é necessário ressaltar logo de início que o objetivo do trabalho não é realizar uma análise profunda do referido tema. Por esse motivo, utilizaremos as análises que consideramos agregar de forma mais significativa ao objetivo da presente dissertação sem, no entanto, tomar posição definitiva no debate sobre qual seria o fator determinante para a referida transição<sup>20</sup>. Sendo assim, a presente seção concentrará sua análise nos efeitos gerados pela transição do feudalismo para o capitalismo, enfatizando: os impactos relacionados à alteração ocorrida na posse dos meios de produção e a mudança na forma de extração do excedente econômico.

Embora não tenhamos como objetivo tomar posição sobre o fator determinante para a transição de uma estrutura feudal para uma estrutura capitalista, é necessário deixar claro qual é o significado dos termos “feudalismo” e “capitalismo”. Na presente dissertação relacionamos os termos como um modo de produção, onde a principal relação diz respeito à posse dos fatores de produção.

Para definirmos os termos feudalismo e capitalismo utilizaremos a obra de Maurice Dobb (1983): “*A Evolução do Capitalismo*”. Dobb (1983), buscando, para evitar o que ele descreveu como “...uma prolixidade indevida” (p. 27) , definiu o feudalismo de forma:

“...virtualmente idêntica ao que em geral entendemos como servidão: uma obrigação imposta ao produtor pela força, e independentemente de sua vontade, para satisfazer certas exigências econômicas de um senhor, quer tais exigências tomem a forma de serviços a prestar ou taxas a pagar em dinheiro ou espécie – de trabalho ou do que o Dr. Nelson chamou de “presente para a despesa do senhor”. Essa força coercitiva pode ser a

---

<sup>20</sup> A análise sobre o debate à cerca de quais seriam os principais fatores que levaram a substituição do feudalismo pelo capitalismo podem ser estudados nas obras: “*Os Debates sobre a Transição: Ideias e Intelectuais na Controvérsia sobre a Origem do Capitalismo*” de Daniel de Pinho Barreiros e; “*Balanço do Debate: a Transição do Feudalismo ao Capitalismo*” de Eduardo Barros Mariutti.

militar, possuída pelo superior feudal, a do costume apoiado por algum tipo de procedimento jurídico, ou a força da lei.”<sup>21</sup>

Pela definição exposta acima percebemos que a relação de servidão é a principal articulação do modo de produção feudal. Na relação de servidão, apesar do camponês ser detentor do principal fator de produção, a terra, ele é compelido através do poder da autoridade feudal a abrir mão de parte da sua produção para satisfazer a exigência do senhor. Tal afirmação é confirmada por Hilton (1977), que afirma que a essência da servidão: “... estava na transferência, para o uso do terratenente do trabalho da família camponesa, além do que era necessário para a subsistência e reprodução econômica da mesma.” (p. 15).

Para definir o capitalismo, Dobb (1983) emprega o significado inicialmente conferido por Marx. Assim, o capitalismo para Dobb estava relacionado:

“...à maneira pela qual se define a propriedade dos meios de produção e às relações sociais entre os homens, que resultavam de suas ligações com o processo de produção. Assim, o capitalismo não era apenas um sistema de produção para o mercado – um sistema de produção de mercadorias, como Marx o denominou – mas um sistema sob o qual a própria força de trabalho “se tornara uma mercadoria” e era comprada e vendida no mercado como qualquer outro objeto de troca. Seu pré-requisito histórico era a concentração da propriedade, dos meios de produção em mãos de uma classe, que consistia apenas numa pequena parte da sociedade, e o aparecimento consequente de uma classe destituída de propriedade, para qual a venda de sua força de trabalho era a única fonte de subsistência. Dessa forma a atividade produtiva era suprida pela última, não em virtude de compulsão legal, mas com base em contrato salarial.”<sup>22</sup>

Como podemos observar com as definições expostas, a grande transformação que ocorreu com a passagem do modo de produção feudal para o capitalista foi que a classe menos favorecida, os servos, perdeu a posse dos meios de sua própria subsistência. Por esse motivo, os mesmos, para garantirem a sua sobrevivência, passaram a vender a sua força de trabalho, se tornando assalariados. A referida alteração mudou a forma como a classe dominante extraía o excedente econômico da classe menos favorecida. Ao invés de efetuar o pagamento na forma de serviços a prestar ou de taxas em dinheiro ou

---

<sup>21</sup> DOBB, Maurice. **A Evolução do Capitalismo**. Tradução Manuel do Rêgo Braga. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 27

<sup>22</sup> Ibidem.p. 7.

espécie, o excedente econômico do trabalhador era extraído pela sua mais-valia. Como podemos observar na citação abaixo:

“Num dia de trabalho o operário produz mais do que o necessário para um dia de subsistência. Conseqüentemente, a jornada de trabalho pode ser dividida em duas partes, trabalho necessário e trabalho excedente. Nas condições da produção capitalista, o produto do trabalho necessário retorna ao trabalhador na forma de salários, ao passo que o produto do trabalho excedente fica em poder do capitalista na forma de mais-valia.”<sup>23</sup>

Dessa forma chegamos a um dos pontos centrais para o presente trabalho. A transição do feudalismo para o capitalismo fez com que os servos, ao perderem a posse dos meios de produção, passassem a depender do mercado, tanto para vender sua força de trabalho, como para comprar alimentos para sua subsistência. O senhor, por outro lado, passou a dispor em suas mãos não apenas da propriedade dos meios de produção, mas, também da posse dos mesmos. Esse movimento tem um aspecto importante quando tratamos de modernização econômica, pois, ao deter a posse tanto dos meios de produção como do excedente econômico e, participando de forma mais ativa no comércio como comprador e vendedor, os incentivos para o senhor modernizar o seu método de produção aumentaram.

A transição do modo de produção feudal para o capitalista, no entanto, não ocorreu de forma uniforme e concomitante. Enquanto em algumas regiões da Europa, as cidades floresceram, as relações mercantis foram se intensificando e a servidão declinando, em outras as estruturas sociais baseadas na servidão foram se mantendo. Os distintos caminhos traçados no processo de transição se manifestam de forma bastante interessante quando observamos as relações internas existentes entre os quatro principais estratos sociais existentes: a coroa, nobreza, burguesia e campesinato.

Moore Jr (1993) em *The Social Origins of Dictatorship and Democracy* ressalta a influência das relações internas existentes entre os estratos sociais citados e a resposta dada pelas sociedades ao desafio da agricultura comercial como fator chave na rota adotada por elas para o que ele chamou de “*mundo moderno*”. Embora o autor tenha como foco de sua pesquisa a estrutura política, isto é, os fatores que levaram uma

---

<sup>23</sup> SWEEZY, Paul. **Teoria do Desenvolvimento Capitalista: Princípios de Economia Política Marxista**. Tradução Waltensir Dutra. São Paulo: Abril Cultura, 1983. p. 60-61

sociedade ao fascismo, à democracia ou a uma revolução camponesa, é extremamente difícil realizar uma análise política sem se levar em consideração aspectos econômicos. Ainda mais, quando o aspecto econômico está tão intimamente ligado à principal transformação social destacada até o presente momento, qual seja, a transição de uma estrutura feudal para a capitalista.

Apesar de, ao longo de sua análise, Moore Jr (1993) ressaltar diversos fatores, como por exemplo, o grau de independência existente entre a aristocracia rural e a coroa, a força da burguesia, e a mudança ocorrida na estrutura social camponesa, o aspecto mais relevante para a finalidade da presente pesquisa, está no seu estudo sobre a forma como a aristocracia rural se voltou para a agricultura comercial. Esse movimento é relevante por estar diretamente relacionado com a transição do feudalismo para o capitalismo.

Para uma análise mais elaborada sobre o referido movimento, primeiramente é preciso voltar ao impacto do crescimento do comércio para a nobreza feudal. Na estrutura feudal, o senhor e os camponeses constituíam uma comunidade autossuficiente, capaz de suprir a maior parte de suas necessidades através de recursos locais. No entanto, o comércio aumentou a necessidade de excedente por parte dos senhores e, ao mesmo tempo, o crescimento das cidades proporcionou uma alternativa para o camponês. Assim, no mesmo período em que se aumentou a necessidade por parte do nobre de obter mais rendimentos, o camponês passou a visualizar uma possibilidade de deixar a vida camponesa.

A necessidade crescente do nobre por mais recursos e seus principais motivos são destacados por Moore Jr. (1993): “*O avanço do comércio nas cidades e a demanda dos governantes absolutistas por impostos teve, entre muitas das suas consequências, a crescente necessidade do senhor por mais e mais dinheiro.*” (p. 419, tradução nossa)<sup>24</sup>. A mesma necessidade é ressaltada por Dobb (1983), quando o autor destaca o papel das forças internas da economia feudal que foram responsáveis pelo seu declínio, como podemos observar na citação abaixo:

“A evidência de que dispomos, no entanto, indica com vigor que a ineficiência do feudalismo como um sistema de produção, conjugada às

---

<sup>24</sup> No original: “*The advance of commerce in the towns and the demands of absolutist rules for taxes had among their many consequences the result that the overlord needed more and more cash.*”

necessidades crescentes de renda por parte da classe dominante, foi fundamentalmente responsável por seu declínio, uma vez que essa necessidade de renda adicional promoveu um aumento da pressão sobre o produtor a um ponto em que se tornou literalmente insuportável.”<sup>25</sup>

Sendo a estrutura interna do modo de produção feudal incapaz de proporcionar o excedente necessário para suprir as novas necessidades da coroa e da nobreza agrícola, a mesma adotou diferentes respostas para contornar o problema:

“A aristocracia rural Inglesa se voltou para uma forma de agricultura comercial que implicou em deixar os camponeses livres, permitindo liberdade para eles se posicionarem da melhor maneira possível. A elite agrária francesa, em geral, deixou os camponeses com a posse de fato do solo. Nas áreas em que se voltou para a agricultura comercial, a fez compelindo os camponeses a entregarem parte de sua produção para que os nobres, então, a comercializassem. Na Europa Oriental, ocorreu a terceira variante, a reação senhorial. No leste alemão, os junkers reduziram a liberdade formal dos camponeses, os transformando em servos, de modo a cultivar e exportar grãos, enquanto na Rússia um processo semelhante ocorreu muito mais por causas políticas do que econômicas.”<sup>26</sup>

Através da citação acima podemos observar que a aristocracia rural se voltou para agricultura comercial de duas maneiras distintas: ou alterou a estrutura camponesa libertando os servos e assumindo de vez o modo de produção capitalista, ou reforçando o vínculo dos servos, aumentando os instrumentos de coerção e obtendo assim o excedente necessário.

Convém observar que os Estados que lograram êxito inicial no advento da Revolução Industrial foram os que primeiro conseguiram desenvolver o capitalismo de forma mais contundente. Isto porque havia um maior incentivo à modernização dos métodos de produção, pois, no método de produção capitalista a classe que se apropria

---

<sup>25</sup> DOBB, Maurice. Op. Citi., p. 32

<sup>26</sup> MOORE JR., Barrington. **Social Origins of Dictatorship and Democracy: Lord and Peasant in the Making of the Modern World**. Boston: Beacon Press, 1993. p. 419-420. No original: “*The English landed aristocracy turned to a form of commercial farming that involved setting the peasants free to shift for themselves as best they could. The French landed elite generally left the peasants in de facto possession of the soil. In the areas where they turned toward commerce they did so by compelling the peasants to turn over a share of the produce which the nobles then marketed. In eastern Europe there occurred the third variant, the manorial reaction. East German Junkers reduced formerly free peasants to serfdom in order to grow and export grain, while in Russia a similar process took place due to political, much more than economic, causes.*”



do excedente econômico detém a posse efetiva dos meios de produção e não apenas a propriedade, como ocorria na estrutura feudal. Assim, podemos afirmar que a transição para o método de produção capitalista foi um importante passo para o desenvolvimento econômico e tecnológico, contribuindo assim para o aumento do poder de países como França e Inglaterra.

### **I.2.2 Os Ingredientes Socioeconômicos da Manutenção da Servidão**

Na seção anterior ressaltamos a importância do método de produção capitalista para a melhoria das técnicas de produção, bem como sua contribuição para aumentar o poder latente de um Estado. No entanto, essa realidade só pôde ser constatada de modo mais firme após a Revolução Industrial. Antes da referida revolução, outras formas de organização social, que adotavam técnicas de produção não-capitalistas, conseguiram, por outros métodos, superar a necessidade crescente de renda por parte da nobreza e se organizar de modo a obter um papel relevante dentro do Sistema Internacional.

Por esse motivo, a presente seção terá como objetivo compreender os ingredientes socioeconômicos por trás de tal feito, de modo a identificar as limitações que esses modelos enfrentaram após o surgimento da indústria moderna. Em outras palavras, entende-se que o avanço da revolução industrial na Inglaterra do século XIX impôs ao sistema internacional um novo complicador, consubstanciado na capacidade deste Estado inglês de mobilizar um volume até então inimaginável de recursos econômicos com a finalidade de projetar seu poder externo. Daí para frente assume-se que no horizonte estratégico de quaisquer elites políticas estaria a necessidade de fazer com que seus Estados equiparassem, ou eventualmente superassem, a capacidade inglesa de mobilizar recursos proveniente da transformação industrial. É dessa forma que entendemos a modernização e a industrialização como dois fenômenos cruciais na projeção de poder externo de um Estado ao final do século XIX.

Para analisarmos estes ingredientes socioeconômicos utilizaremos a definição de Robert Gilpin (1981) do termo originalmente cunhado por Marx, “*social formation*”. Em sua abordagem, Gilpin define a formação social como um importante fator de força utilizada por civilizações, estados e impérios para estender seus domínios e aumentar o seu excedente econômico. Nas palavras de Gilpin:

“O tipo de formação social é extremamente importante porque determina como o excedente econômico é gerado, sua magnitude e os mecanismos pelo qual o mesmo é transferido entre os grupos sociais; ela influencia na distribuição da riqueza e poder no interior da sociedade, como também nos mecanismo de distribuição de riqueza e poder entre as sociedades.”<sup>27</sup>

Uma das formações sociais<sup>28</sup> destacada por Gilpin (1981) é o império. Abordaremos com maiores detalhes essa categoria, não por considerarmos sua predominância entre as nações que adotaram a manutenção da servidão como resposta ao desafio da agricultura comercial, mas por possuir características que se enquadram na realidade vivida nas referidas sociedades. Apesar de haver diferentes formas de organização de um império, todas possuem como característica marcante o fato de o excedente econômico ser gerado pela agricultura, sendo o mesmo desviado pela classe dominante, seja de forma direta ou indireta, em benefício próprio<sup>29</sup>. Assim, podemos observar que a presença da servidão é uma das principais características de um império.

Antes do advento da indústria moderna, a riqueza da sociedade e o poder dos impérios eram baseados na exploração do camponês, sendo o tamanho do excedente econômico função da extensão do controle territorial. A base da riqueza e do poder era a agricultura que, devido à ausência de avanços tecnológicos significativos, continuava em níveis baixos de produtividade e de complexidade tecnológica. Assim, a única forma disponível para aumentar a riqueza e o poder era a conquista de novos territórios. Nas economias imperiais, a autoridade central tendia a possuir o controle sobre a disposição dos bens e serviços da sociedade. Sendo assim, a atividade econômica era voltada para manutenção da segurança e promoção dos interesses econômicos da elite, buscando garantir a expansão do poder e da riqueza dos mesmos<sup>30</sup>.

Durante o século XVIII até metade do século XIX, o fato de a formação social ser um Império não representou nenhum problema. Entre 1700 até 1815 a chave para ser uma potência europeia, além dos recursos humanos e econômicos, era a criação de uma

---

<sup>27</sup> GILPIN, Robert. Op. Citi., p. 108. No original: “*The type of social formation is extremely important because it determines how the economic surplus is generated, its magnitude, and the mechanism of its transfer from one group or society to another; it influences the distribution of wealth and power within as well as the mechanism for the distribution of wealth and power among societies.*”

<sup>28</sup> Gilpin em sua análise destaca três categorias de formações sociais: a primitivo-comunitária, feudal e pequena produtora; império e sistemas imperiais e; o estado-nação industrial moderno. Para maiores detalhes ler: GILPIN, Robert. **War and Change in World Politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

<sup>29</sup> GILPIN, Robert. Op. Citi., p. 110

<sup>30</sup> Ibidem. p. 112

força militar poderosa e um efetivo aparato fiscal. Na Rússia Imperial, por exemplo, a aliança entre a autocracia czarista e a nobreza servo-proprietária forneceu um mecanismo extremamente eficaz para mobilizar recursos em seu vasto império<sup>31</sup>. Dessa forma, a mesma conseguiu uma posição de destaque no Sistema Internacional, tornando-se uma potência após a vitória nas Guerras Napoleônicas.

Entretanto, as restrições sociais, políticas e tecnológicas existentes nas formações sociais imperiais, impuseram severos limites à acumulação de capital e produtividade. Enquanto a agricultura era a base da riqueza, a sua acumulação geralmente seguia e não precedia a conquista militar; os impérios utilizavam a exploração dos territórios conquistados, através de tributos, saques ou até mesmo escravização, como forma de adquirir riqueza e se tornar mais poderoso<sup>32</sup>.

Após a Revolução Industrial, a dinâmica da acumulação de riqueza e poder se alterou drasticamente. A indústria moderna e os avanços tecnológicos se tornaram as maneiras mais eficientes para acumulação de riqueza e poder. As principais limitações geradas pela estrutura socioeconômica imperial estavam ligadas à destinação do excedente econômico produzido. Os servos representavam a grande maioria da população e produziam quase que exclusivamente para o autoconsumo. A sua força de trabalho era utilizada pelos nobres e pela autocracia como forma de obter o excedente econômico. No entanto, uma força de trabalho serva possuía uma baixa produtividade. O pouco excedente econômico produzido ia para o governo, que o utilizava para sustentar a burocracia e a máquina militar do império, ou, para a nobreza rural, onde era utilizado para consumo de luxo e investimentos pouco produtivos.

As limitações referidas acima geraram pouco estímulo para o desenvolvimento de um empresariado capitalista que pudesse estimular a modernização. A razão por trás desse fato está na manutenção de uma estrutura agrária com resquícios feudais. Apesar de contarem com a posse dos meios de produção, os servos não eram os proprietários dos mesmos e não se apropriavam do excedente econômico. Assim não havia estímulos para a adoção de métodos de produção mais modernos, gerando uma baixa acumulação de capital e desestimulando a formação de um mercado consumidor interno.

---

<sup>31</sup> LIEVEN, Dominic. "Russia as Empire and Periphery". In LIEVEN, Dominic (Org). **The Cambridge History of Russia: Volume 2: Imperial Russia, 1689-1917**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 11-12.

<sup>32</sup> GILPIN, Robert. Op. Citi., p. 123-124

Entretanto, a alteração no equilíbrio de poder no Sistema Internacional gerada pela Revolução Industrial fez com que a modernização se tornasse imprescindível para que um Estado aumentasse o seu poder. Assim, apesar da estrutura social descrita nessa seção, era preciso se industrializar e o principal agente de modernização nesses casos seria o governo. Conforme ressaltado por Wallich (2010) “*Nos países menos desenvolvidos, onde a empresa privada é fraca, é improvável que o desenvolvimento avance rapidamente se o governo permanecer passivo*” (p. 225).

### **I.3 O Caminho para uma Modernização Tardia**

Até o momento destacamos que países pioneiros na transição do feudalismo para o capitalismo modernizaram a sua estrutura econômica e se industrializaram antes do que os demais. No entanto, em nenhum momento ressaltamos o impacto que isso gerou em sua estrutura social. Moore Jr. (1993) destaca que nos países onde a agricultura comercial foi adotada pela transformação dos camponeses em trabalhadores assalariados livres, fato observado em Estados que adotaram a rota capitalista democrática, ocorreram revoluções que alteraram a estrutura social dominante. A Inglaterra, com a Revolução Puritana, e a França, com a Revolução Francesa, seriam os principais exemplos da referida alteração.

Contudo, após a Revolução Industrial, a indústria moderna tornou-se um importante instrumento para aumento de poder. Sendo assim, países mais defasados percebiam a importância de se engajar em um processo de modernização. Porém, a modernização possuía uma importante restrição durante o processo; ela deveria ser alcançada alterando o mínimo possível a estrutura social vigente. A presente seção irá destacar como foi realizada essa “modernização conservadora”<sup>33</sup>, destacando quais eram as principais dificuldades na adoção do referido processo e como elas foram contornadas.

#### **I.3.1 Os Entraves para a Modernização**

A grande dificuldade a ser enfrentada pelos governos que se engajaram no processo de modernização tardia era a de como obter capital para financiar o crescimento industrial, visto que a baixa produtividade da economia dificultava o processo de

---

<sup>33</sup> Embora o termo “modernização conservadora” tenha sido elaborado por Moore Jr. para descrever a rota capitalista fascista, o utilizaremos para descrever qualquer processo de modernização que, possua como objetivo, a industrialização sem rupturas sociais violentas, independente do sucesso do mesmo.

acumulação. Furtado (2010) destaca que em economias onde a produtividade é muito baixa grande parcela da capacidade produtiva é absorvida no intuito de satisfazer as necessidades fundamentais da população. Assim “...é difícil que tenha origem dentro da economia um processo de acumulação de capital.” (p. 337). Lewis (2010) também ressalta a centralidade da acumulação de capital afirmando que: “...a questão principal do desenvolvimento econômico é a rápida acumulação de capital (incluindo aí os conhecimentos e habilidades junto com o capital.” (p. 428-429).

O debate sobre a acumulação de capital gerou uma grande atenção ao papel da elevação da poupança em proporção da renda. Na concepção de Lewis (2010) “Não se pode explicar nenhuma revolução “industrial” (como pretendiam alguns historiadores econômicos) enquanto não se puder explicar por que a poupança aumentou em relação à renda nacional.” (p. 429). Rostow (2010) identifica o aumento na taxa de investimento produtivo em relação à renda nacional, como uma das condições necessárias para o que ele descreveu como sendo a fase de “decolagem”, que em sua definição é:

“...o intervalo durante o qual a taxa de investimento cresce de tal modo que aumenta o produto real per capita, proporcionando esse aumento inicial transformações radicais nas técnicas de produção e na disposição dos fluxos de renda que perpetuam a nova escala de investimento e, assim, perpetuam também a tendência crescente do produto per capita.”<sup>34</sup>

Contudo, a acumulação de capital em si não pode ser considerada o único pré-requisito para o aumento na taxa de investimento e conseqüentemente a industrialização. Conforme observado por Gerschenkron (1965):

“Na realidade histórica, contudo, a simples disponibilidade de riqueza apenas ira ajudar na industrialização se estiver nas mãos de pessoas dispostas a investirem em empreendimentos industriais próprios, ou, dispostas e capazes de passarem sua riqueza, de uma forma ou de outra, para aqueles engajados na industrialização.”<sup>35</sup>

---

<sup>34</sup> ROSTOW, W. W. “A Decolagem para o Crescimento Autossustentado” In: AGARWALA, A.; SINGH, S. P. (org). **A Economia do Subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado, 2010, p. 181

<sup>35</sup> GERSCHENKRON, Alexander. “Reflections on the Concept of “Prerequisites” of Modern Industrialization”. In GERSCHENKRON, Alexander (Org). **Economic Backwardness in Historical Perspective**. Nova Yorque: Frederick A. Praeger, 1965, p. 39. No original: “In historical reality, however, simple availability of wealth will be helpful for industrialization only if it is assembled in the

Assim, não adianta a nação ser rica e ter acumulado capital se o mesmo não for direcionado ao investimento industrial. Nos casos das nações que mantiveram a servidão durante a sua rota para o mundo moderno, a burguesia, principal classe social a ser engajar no processo de industrialização, representava uma camada fraca ou inexistente, tornando extremamente improvável que o processo de industrialização pudesse ocorrer através de agentes privados internos. Na Inglaterra, país pioneiro no processo de industrialização, a transição para o capitalismo permitiu que o capital acumulado fosse utilizado por empreendedores para investirem no desenvolvimento industrial.

Dessa forma, para as nações economicamente defasadas se industrializarem e aumentarem o seu poder no Sistema Internacional, foi necessário superar a baixa acumulação de capital e a ausência de empreendedores internos em um período onde o capital requerido para a industrialização havia aumentado substancialmente. Por esse motivo Gerschenkron (1965) afirma: “...*nos países mais atrasados do continente europeu, nem o tamanho de acumulações anteriores, nem a simpatia com o desenvolvimento industrial, eram consonantes com a maior exigência de capital de uma industrialização tardia.*” (p. 45, tradução nossa).<sup>36</sup>

No entanto, apesar das dificuldades, destacadas nos parágrafos anteriores, existem várias nações que, ao longo do século XIX e XX, conseguiram se industrializar. Isso demonstra que existem maneiras para superar as adversidades de um processo de industrialização tardia, que serão comentados na próxima seção.

### **I.3.2 Superando as Dificuldades**

O primeiro ponto a ser destacado é que, diferentemente das nações que estavam na vanguarda do processo de industrialização, as nações que começaram tardiamente vis à vis as experiências pioneiras, possuíam uma melhor percepção do que significava, de fato, se industrializar. Além disso, ao invés de a industrialização ser decorrente de uma série de processos que incluíam inovações tecnológicas e espírito empreendedor, a

---

*hands of the people who either will be willing to invest it in industrial ventures themselves or, alternatively, are willing and able to pass it on in one form or another to those who are immediately engaged in industrialization.*”

<sup>36</sup> No Original: “...*in the more backward countries on the European continent, neither the size of previous accumulations nor the sympathy with industrial development was consonant with the much greater capital requirement of a delayed industrialization.*”

mesma foi decorrente de uma política estatal. A necessidade de aumentar a parcela de poder da nação fez com que os governantes adotassem políticas ativas visando superar a defasagem.

Os aspectos ressaltados acima geraram uma alteração considerável nos pré-requisitos para a industrialização. Alteração essa devidamente destacada por Gerschenkron (1965):

“...podem dizer que nas nações atrasadas existiu um “pré-requisito” para o desenvolvimento industrial que as nações avançadas não tinham a sua disposição, qual seja, a existência de nações desenvolvidas como fonte de assistência técnica, mão de obra capacitada e bens de capital. Além disso, a disponibilidade de áreas com abundância de capital no exterior influenciou no problema relacionado à acumulação original. Na medida em que o capital podia ser importado do exterior, a importância de se criar primeiramente uma riqueza doméstica foi reduzida.”<sup>37</sup>

Entretanto é importante ressaltar que, por observarem os efeitos da industrialização nas nações mais desenvolvidas, as classes dominantes nas nações economicamente atrasadas possuíam a consciência dos riscos ao seu *status quo* social inerentes a um processo de industrialização, gerando certa tensão na adoção do mesmo. Sendo assim, Gerschenkron (1965) descreveu a referida situação como:

“Ao observar a história econômica da Europa no século XIX, a uma forte impressão que, só quando o desenvolvimento industrial pôde começar em grande escala, os benefícios esperados com a industrialização se tornaram fortes os suficientes para superarem os obstáculos impostos pelas condições pré-industrialização, liberando assim as forças que fizeram o progresso industrial.”<sup>38</sup>

---

<sup>37</sup> Ibidem. p. 46-47. No original: “... one can say that in a backward country there exists a “prerequisite” to industrial development which “the” advanced country did not have at its disposal, that is, the existence of the more advanced countries as source of technical assistance, skilled labor, and capital goods. In addition, the existence of capital-abundant areas abroad has a bearing on the problem of original accumulation. To the extent that capital can be imported from abroad, the importance of previously created domestic wealth is pro tanto reduced.”

<sup>38</sup> GERSCHENKRON, Alexander. “Economic Backwardness in Historical Perspective”. In GERSCHENKRON, Alexander (Org). **Economic Backwardness in Historical Perspective**. Nova York: Frederick A. Praeger, 1965, p. 11. No original: “In viewing the economic history of Europe in the nineteenth century, the impression is very strong that only when industrial development could commence on a large scale did the tension between the preindustrialization conditions and benefits expected from industrialization become sufficiently strong to overcome the existing obstacles and to liberate the forces that made for industrial progress.”

Assim, as vantagens existentes na adoção de um processo de industrialização tardio só foram percebidas após a utilização dos benefícios da industrialização. Os principais benefícios, claramente ligados ao aumento do poder do Estado, fizeram com que os governos adotassem postura ativa. Dessa forma, durante a segunda metade do século XIX e início do século XX, diversos países recorreram à abundância de capital externo como forma de contornar o problema relacionado ao baixo nível de acumulação de capital.

Desse modo, a carência de poupança interna foi sendo suprida pela poupança externa, e o governo passou a direcionar recursos e estimular setores-chave da indústria, com particular destaque para a indústria bélica. Através de diversos mecanismos, como por exemplo, subsídios, taxação à importação, fornecimento de crédito, e atuando de forma direta como empreendedor, certos governos de sociedades ditas “atrasadas” interviram em suas economias buscando superar a defasagem e promover a industrialização.

A situação descrita é vivida pela Rússia, que será objeto de estudo nos segundo e terceiro capítulos da presente dissertação, onde destacaremos como aquele país, em dois momentos bem distintos, buscou superar a defasagem, modernizar a sua economia e continuar a desempenhar um papel de destaque dentro do Sistema Internacional, em resposta a um nítido declínio relativo deste mesmo poder após a Guerra da Criméia.



## **CAPÍTULO II- O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DA RÚSSIA IMPERIAL**

No capítulo anterior, ressaltamos a busca por poder como fator motivador para o processo de modernização econômica e de industrialização nas nações economicamente defasadas. Além disso, mostramos como a alteração na estrutura social agrária, ocorrida com a transição do feudalismo para o capitalismo, fez com que os servos perdessem a posse dos meios de produção, transferindo-a para o capitalista, passando o mesmo a deter tanto da propriedade como da posse. Tendo em mãos a posse e continuando a se apropriar do excedente econômico, o capitalista passou a ter um maior estímulo para modernizar os métodos de produção agrícola empregados em suas terras; estímulos desse tipo, envolvendo a transformação produtivo-tecnológica e a liberação de mão de obra no campo, estiveram entre os fatores conducentes à Revolução Industrial. Por último, destacamos que as nações que adotaram um processo de modernização tardia, conseguiram contornar as dificuldades relacionadas à acumulação de capital e tecnologia utilizando do capital e da *expertise* das nações industrializadas, engajando assim em um processo de modernização conservadora.

Com a referida base teórica, podemos começar a analisar o processo de modernização da Rússia Imperial na segunda metade do século XIX, focando o desenvolvimento tecnológico e industrial com a finalidade de superar o atraso econômico e militar frente às grandes potências ocidentais.

Para atendermos ao referido objetivo, o presente capítulo irá primeiramente fazer uma breve introdução à história da Rússia Imperial, dando ênfase aos principais motivos que a levaram a adotar um processo de modernização tardio. Em seguida, iremos abordar os fatores que fomentaram o início do processo de modernização, destacando o papel da percepção de fraqueza gerada pela derrota na Criméia. Depois, iremos abordar aquele que consideramos como o primeiro passo dado rumo à modernização, qual seja: a emancipação dos servos em 1861. Ao analisarmos a emancipação dos servos mostraremos como a mesma, ao ser realizada, buscou não alterar a estrutura de classes existentes no império, representando um passo tímido dentro do processo de modernização russo. Posteriormente, iremos ressaltar o papel mais ativo do Estado na modernização, principalmente no que diz respeito à industrialização, mostrando os

meios utilizados e a sua trajetória de altos e baixos até chegarmos à primeira Guerra Mundial e o fim da Rússia Imperial.

## II.1 Uma breve história da Rússia Imperial

A Rússia Imperial, respeitando o recorte cronológico adotado na coleção *The Cambridge History of Russia*, corresponde ao período de 1689 a 1917. Durante tal fase da história russa, o exército imperial desempenhou um papel significativo; a própria existência da Rússia Imperial se deve em primeiro lugar ao seu exército, que conquistou os territórios do império, o defendeu e manteve sua segurança interna<sup>39</sup>.

O imperador Pedro I Alexeyevich Romanov, (“Pedro, o Grande”), possui papel de destaque dentro da história da projeção do poder imperial russo. O impulso direto de suas políticas modernizadoras fez com que as primeiras indústrias surgissem no século XVIII. As indústrias foram criadas tanto na forma de empresas estatais quanto pela concessão a grupos privados (em geral, estrangeiros), e tinham articulação direta com o esforço para erguer uma máquina militar moderna, que conseguisse consolidar o império e protegê-lo contra a ameaça sueca no Báltico<sup>40</sup>.

Após a vitória contra os Suecos em 1721, o Império Russo passou a ocupar uma posição de destaque entre as potências europeias<sup>41</sup>. Nos anos seguintes, o Império Russo se envolveu em uma série de guerras e conquistou êxitos em grande parte delas. Estes êxitos, contudo, ocorreram sob a égide de um Sistema Internacional ainda não perturbado pelo advento da industrialização. Não soa incoerente, então, a afirmação de Fuller (2006) de que, em larga medida, o principal mecanismo de projeção de poder da Rússia Imperial nesta era pré-industrial foi justamente a sua estrutura sócio-econômica arcaica, que dava ao exército russo uma capacidade incapaz de ser rivalizada àquela época:

“Em 1756 o exército Russo, contando com tropas irregulares, era o maior que o exército da França, apesar da receita da Imperatriz Elizabeth Petrovna ser de provavelmente menos de 1/5 da receita de Luís XV. O fato de a Rússia ser uma sociedade organizada em ordens hereditárias, onde instituições como servidão

---

<sup>39</sup> FULLER Jr., William. “The Imperial Army”. In LIEVEN, Dominic (Org). **The Cambridge History of Russia: Volume 2: Imperial Russia, 1689-1917**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, pp. 530.

<sup>40</sup> FERNANDES, Luís Manuel. Rússia: do Capitalismo Tardio ao Socialismo Real. In FIORI, José Luis (org). **Estados e Moedas no Desenvolvimento das Nações**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. p. 252

<sup>41</sup> STONE, David R. Op. Citi., p. 59.

e a escravidão dos camponeses persistiu muito depois de terem sido descartadas no Ocidente, foi fundamental para isto. A subjugação do camponês tornou possível sua contagem, tributação e recrutamento, como também os manteve (ou seus donos) coletivamente responsáveis caso falhassem em cumprir com suas obrigações.”<sup>42</sup>

No entanto, o atraso político e social não fornecia o suporte adequado para a industrialização do império russo, ainda que esse não fosse um problema significativo antes que a primeira Revolução Industrial da história se impusesse como problema ao sistema interestatal. A indústria nascente no período de Pedro, o Grande, era baseada no trabalho compulsório de servos e manteve-se em escala bastante limitada. Após a morte do czar, o impulso de industrialização dirigida acabou se dissipando, dando lugar a um considerável reforço à servidão<sup>43</sup>.

A manutenção da máquina militar, no entanto, continuou como prioridade, e durante os anos de 1750 e 1791 o império russo estendeu seu território em aproximadamente 13,84 milhões de quilômetros quadrados. As guerras e o crescimento do império exerceram uma enorme influência na economia russa, especialmente através da anexação de áreas ricas da Polônia e da Criméia<sup>44</sup>. Conforme destacado no primeiro capítulo, nos impérios a acumulação de capital e riqueza seguia a conquista militar, dessa forma a Rússia Imperial conseguiu o excedente econômico necessário para manutenção de sua aristocracia e nobreza, superando, mesmo com a manutenção da servidão, as necessidades crescentes de renda por parte das classes dominantes.

A vitória nas Guerras Napoleônicas consolidou o Império Russo como grande potência. Em 1814, a Europa se atemorizava com o avanço do exército imperial russo para o oeste e a entrada de Alexandre I (1801-1825) em Paris. O exército russo contava com 800 mil homens e era tão poderoso em terra como era a marinha britânica nos mares<sup>45</sup>. Em 1815, após a vitória nas Guerras Napoleônicas, a Rússia era tão grande que

---

<sup>42</sup> FULLER Jr., William. Op. Citi., p. 536. No original: “*In 1756 the Russian army, if irregulars are included, was larger than the army of France, despite the fact that the revenue of the Empress Elizabeth Petrovna was probably less than one-fifth that of Louis XV. It helped enormously that Russia was a society organized in hereditary orders where institutions like serfdom and peasant bondage of all kind persisted long after they had been discarded in the West. The subjugation of the peasant made it possible to count, tax and draft them, as well as hold them (or their master) collectively accountable if they failed to perform any of their obligations.*”

<sup>43</sup> FERNANDES, Luís Manuel. Op. Citi., p. 252

<sup>44</sup> ANANICH, Boris. “The Russian Economy and Banking System”. In LIEVEN, Dominic (Org). **The Cambridge History of Russia: Volume 2: Imperial Russia, 1689-1917**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 397

<sup>45</sup> KENNEDY, Paul. Op. Citi., p. 168.

um jornal britânico a descreveu como “*o império mais monstruoso que se espalhou na face da terra*”<sup>46</sup>.

Entretanto, a grande vitória sobre Napoleão validou o sucesso do Império e fez com que houvesse uma consolidada confiança de que os métodos e instrumentos empregados até ali para uma bem-sucedida projeção de poder. Como vimos, estes envolviam, entre outros fatores, a manutenção da estrutura socioeconômica arcaica que funcionava como fundamento do exército pré-moderno russo. A elite governante, por sua vez, não percebeu a ocorrência de profundas mudanças no Sistema Internacional impostas pela Revolução Industrial. O czar Alexandre I temia pensamentos revolucionários e enxergava a Rússia como uma fortaleza contra a repetição do pesadelo que foi a Revolução Francesa e Napoleão, sendo a Santa Aliança, criada em 1815, a concretização de tal percepção<sup>47</sup>. No entanto, os oficiais que ocuparam a França após as guerras napoleônicas trouxeram para a casa ideias de liberdade política e de monarquia constitucional,<sup>48</sup> sendo os mesmos os responsáveis até então pelo único grupo revolucionário russo daquela época, os dezembristas, apesar de a oficialidade ter sido uma marca do atraso político<sup>49</sup>.

A morte inesperada de Alexandre I, em dezembro de 1825, precipitou o plano desse grupo altamente educado da média oficialidade do exército que desejava derrubar a autocracia e introduzir uma espécie de monarquia constitucional ou mesmo um governo republicano. A rebelião foi facilmente suprimida, em face de não haver no momento nenhuma situação revolucionária. Não havia nenhuma crise econômica, ameaça externa, ou mesmo quebra na ordem social ou distúrbio nas massas<sup>50</sup>.

O czar Nicolau I (1825-1855), por efeito da revolta dezembrista que havia tentado impedir sua ascensão ao trono, solidificou sua oposição a qualquer traço de revolução, liberdade ou mudança política<sup>51</sup>. Durante o seu governo, a Rússia aumentou

---

<sup>46</sup> DIXON, Simon. **The Modernization of Russia: 1676 – 1825**. Virtual Publishing, Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 29

<sup>47</sup> STONE, David R. Op. Citi., p. 111.

<sup>48</sup> Ibidem. p. 110.

<sup>49</sup> Ibidem. p. 112.

<sup>50</sup> WOOD, Alan. **The Origins of the Russian Revolution: 1861-1917**. Londres: Routledge, 2003. p. 09.

<sup>51</sup> STONE, David R. Op. Citi., p. 113.

o seu papel como polícia da Europa, não sendo afetada pelas ondas revolucionárias de 1848-1849 e ajudando a suprimir tais movimentos, como no caso da revolta húngara<sup>52</sup>.

Pelo lado econômico, na primeira metade do século XIX ocorreu no império russo um aumento na produção de ferro e a indústria têxtil multiplicou de tamanho. O número de fábricas ou de empresas industriais passou de 2.400 em 1804 para mais de 15 mil em 1860, foi importado maquinário moderno do Ocidente e, a partir da década de 1830, deu-se início ao surgimento de uma rede ferroviária. Estes fatos, no entanto, não apressaram em nada uma mudança de percepção, por parte das elites governantes, a respeito dos novos determinantes do poder no sistema interestatal provocados pelo advento do poder industrial britânico. O resto da Europa se transformava mais rapidamente, e do ponto de vista econômico e tecnológico a Rússia perdia terreno de maneira significativa<sup>53</sup>. A tabela 2 abaixo fornece uma pequena amostra do salto que deu o PNB das demais potências enquanto o da Rússia crescia em um descompasso bem inferior.

**Tabela 2** – PNB das grandes potências europeias, 1830-1869 (a preço de mercado, em dólares e preço dos EUA em 1960; em bilhões)

	1830	1840	1850	1860	1870	1880	1890
Rússia	10,5	11,2	12,7	14,4	22,9	23,2	21,1
França	8,5	10,3	11,8	13,3	16,8	17,3	19,7
Grã-Bretanha	8,2	10,4	12,5	16	19,6	23,5	29,4
Alemanha	7,2	8,3	10,3	12,7	16,6	19,9	26,4
Império Habsburgo	7,2	8,3	9,1	9,9	11,3	12,2	15,3
Itália	5,5	5,9	6,6	7,4	8,2	8,7	9,4

Fonte: (KENNEDY, 1989: 169)

A atmosfera política repressiva do governo de Nicolau I atuou como impedimento importante na modernização da Rússia Imperial, com a aliança entre a autocracia czarista e a nobreza serva-proprietária, mantendo a estagnação social dentro do império. A referida estagnação, que funcionava até então como um mecanismo eficaz para a mobilização de recursos em um reino geograficamente vasto, com as mudanças geradas pelo crescimento econômico e industrial das demais potências europeias durante a primeira metade do século XIX, acabou por não ser mais tão eficaz. As referidas mudanças alteraram os fatores de poder na Europa, deixando a Rússia em desvantagem. A Guerra da Criméia (1854-1856) seria um divisor de águas, deixando clara a

<sup>52</sup> KENNEDY, Paul. Op. Citi., p. 168.

<sup>53</sup> Ibidem. p. 168

necessidade de modernização social, política e econômica da Rússia Imperial, como analisaremos na próxima seção.

## II.2 A Guerra da Criméia

A Guerra da Criméia foi uma guerra de natureza peculiar. Superficialmente, teve como origem a disputa sobre os acessos às cidades sagradas da Palestina. A Rússia reivindicava o direito de defender a Igreja Ortodoxa no Império Otomano e, no ano de 1853, exigiu o seu reconhecimento como guardião e protetora de todos os cristãos ortodoxos em solo turco. Embora a exigência possuísse caráter religioso, o significado político era profundo e extremamente ligado à independência do Império Otomano e a influência russa no Oriente Médio<sup>54</sup>. Assim, o conflito estava diretamente relacionado ao aumento da projeção de poder externo russo.

Em 1828-29 o Império Russo já havia conseguido uma vitória significativa contra os Otomanos, e através do Tratado de Unkiar Skelessi, assinado em 1833, se tornou a potência regional dominante, com a sua influência alcançando o Mar Negro e sua costa, os Bálcãs no oeste e o Cáucaso no leste<sup>55</sup>. A expansão da influência do Império Russo deixou as demais potências ocidentais sensíveis a qualquer futuro avanço russo. Caso a Rússia obtivesse fácil acesso para os seus navios de guerra no leste do Mediterrâneo, ela logo estaria em posição de dominar a área, trazendo graves consequências para o comércio britânico com a Índia e o Extremo Oriente e ameaçando a posição francesa no Egito<sup>56</sup>.

Entretanto, ao romper relações diplomáticas com o Império Otomano e ocupar os principados da Moldávia e da Valáquia em 1853, Nicolau I errou sobre qual seria o posicionamento das demais potências em relação ao conflito. O czar esperava a oposição francesa, mas, contava com a neutralidade inglesa e austríaca. Assim, o movimento das esquadras francesas e inglesas em direção a águas otomanas após a invasão russa em 1853, se preparando para uma intervenção no Mar Negro, não havia sido calculado pelo czar<sup>57</sup>.

---

<sup>54</sup> STONE, David R. Op. Citi., p. 119

<sup>55</sup> CHAPMAN, Tim. **Imperial Russia: 1801-1905**. London: Routledge, 2001. p. 72

<sup>56</sup> Ibidem. p. 72.

<sup>57</sup> STONE, David R. Op. Citi., p. 119

Mapa 1 – Europa, 1801-1855, Durante os Reinos de Alexandre I e Nicolau I



Fonte: (POLUNOV, 2005: 22)

Percebemos com o movimento acima que, o czar Nicolau I, dimensionou de forma equivocada a natureza anárquica do Sistema Internacional. O mesmo utilizou em seu movimento a ausência de autoridade superior, avançando sobre os territórios otomanos sem pedir autorização ou consentimento. No entanto, deixou de lado a importância dada pelos Estados aos ganhos relativos de poder, não considerando que o aumento da projeção de poder externo do Império Russo seria visto como ameaça real para as demais potências ocidentais.

O suporte britânico e francês motivou os otomanos a declararem guerra contra a Rússia. Buscando evitar confronto com as potências europeias e já possuindo os Principados no Danúbio, Nicolau I assegurou a outras potências que o Império Russo não iria tomar iniciativa de uma ação ofensiva. Contudo, os otomanos atravessaram o Danúbio buscando reconquistar as posições perdidas da Moldávia e da Valáquia. A ofensiva turca não obteve sucesso frente ao poderio russo e as sucessivas derrotas do

Império Otomano aumentaram a possibilidade de o Mar Negro ser totalmente dominado pelo Império Russo<sup>58</sup>.

O sucesso excessivo do Império Russo alterava de forma significativa o equilíbrio de poder na Europa. Esse fato fez com que França e Inglaterra fizessem um ultimato ao Império Russo, demandando que o mesmo abandonasse as posições obtidas na Moldávia e na Valáquia. Após os russos rejeitarem o ultimato, França e Inglaterra declararam guerra em março de 1854. Em maio, devido a linhas de suprimentos longas e vulneráveis, e sofrendo pressão dos soldados austríacos concentrados ao longo da fronteira, a Rússia decidiu evacuar das posições obtidas cedendo a Moldávia e a Valáquia, através de um acordo com os turcos, para a Áustria. A referida evacuação deveria ter promovido um espaço para o diálogo e resolução do conflito, tendo em vista que a ocupação dos referidos principados foram teoricamente a principal razão do conflito, porém, os franceses e os britânicos aproveitaram o conflito já iniciado para limitar o poder russo<sup>59</sup>.

Assim, tropas francesas e britânicas contando com superioridade naval significativa optaram por invadir a Península da Criméia, particularmente a base de Sevastopol, visando limitar o poder russo no Mar Negro. O atraso econômico, militar e tecnológico russo se tornou evidente imediatamente após o ataque a Criméia. A frota de navios russos era impotente frente aos navios a vapor ingleses e franceses, sendo grande parte da mesma afundada na baía de Sevastapol. A indústria militar baseada no trabalho servil acabou não sendo capaz de suprir a tropa com a quantidade adequada de armas e munições. Os pelotões, marchando em colunas próximas e organizadas, foram aniquilados pelos rifles de longo alcance aliados<sup>60</sup>. Em termos comparativos os modernos rifles aliados causavam baixas nas tropas russas a uma distância de 800 metros, superior ao alcance até mesmo da artilharia russa<sup>61</sup>.

A falta de uma rede ferroviária fez com que o reforço de tropas e suprimentos fosse uma tarefa complicada para o Império Russo. Por outro lado, os britânicos e franceses se moviam de forma mais rápida para o local de conflito. Apesar de conter um exército com a força potencial de 1 milhão de homens, em setembro de 1854 as tropas

---

<sup>58</sup> Ibidem. p. 119-120

<sup>59</sup> Ibidem. p. 120

<sup>60</sup> POLUNOV, Alexander. **Russia in the Nineteenth Century: Autocracy, Reform, and Social Change, 1814-1914**. Translated by Marshall Shatz. Armonk, NY: M.E. Sharpe, 2005. p. 85

<sup>61</sup> STONE, David R. Op. Citi., p. 121



russas contavam com apenas 70 mil homens na Criméia<sup>62</sup>. Durante a maior parte do conflito as tropas russas na Criméia eram numericamente inferiores às tropas aliadas<sup>63</sup>.

Os sucessos anteriores obtidos pelo exército imperial russo não ajudaram quando o mesmo teve que travar uma guerra contra os modernos exércitos francês e britânico. O atraso russo fez com que o seu exército não fosse mais o mesmo formidável exército que havia derrotado Napoleão<sup>64</sup>. Apesar da heroica resistência em Sevastapol, a derrota era inevitável e, em agosto de 1855, após 11 meses de cerco, os aliados conseguiram forçar a saída das tropas russas de Sevastapol. Alguns meses após a queda de Sevastapol, quando a derrota russa já era óbvia, o czar Nicolau faleceu<sup>65</sup>.

A Paz de Paris assinada em 1856, que encerrou a Guerra da Criméia, acabou colocando um ponto final no predomínio russo nos assuntos europeus. O Império Russo perdeu suas posições estratégicas no delta do rio Danúbio e o Mar Negro foi desmilitarizado, com tanto a Rússia como o Império Otomano perdendo o direito de manter frota, fortes e arsenais<sup>66</sup>. Apesar dos termos do tratado não terem sido particularmente duros, suas cláusulas conseguiram impedir a expansão do poder russo na região, preocupação principal que motivou tanto França como Inglaterra a entrarem em guerra<sup>67</sup>.

A Guerra da Criméia demonstrou claramente que o equilíbrio militar na Europa havia se alterado desde 1815, e que as vantagens desfrutadas pelo Império Russo desde Pedro o Grande não eram mais suficientes para assegurar ao Império o *status* de grande potência<sup>68</sup>. Enquanto a Europa Ocidental era transformada pela Revolução Industrial, a Rússia permaneceu estagnada. Desse modo, o Império conseguiu evitar as tensões sociais geradas pela industrialização, mas, não desenvolveu ferrovias e fábricas modernas, o que era essencial para se travar uma guerra na era industrial<sup>69</sup>.

A destruição da ilusão do poder militar russo, tanto para os russos como para os estrangeiros, acabou por ser mais grave do que as penalidades resultantes do tratado de

---

<sup>62</sup> Ibidem. p. 120

<sup>63</sup> FULLER Jr., William. Op. Citi., p. 540.

<sup>64</sup> CHAPMAN, Tim. Op. Citi., p. 75

<sup>65</sup> POLUNOV, Alexander. Op. Citi., p. 85

<sup>66</sup> Ibidem. p. 85

<sup>67</sup> CHAPMAN, Tim. Op. Citi., p. 75

<sup>68</sup> PINTNER, Walter. Russian Military Thought: The Western Model and the Shadow of Suvorov. In PARET, Peter (Org). **Makers of Modern Strategy: From Machiavelli to the Nuclear Age**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1986. p. 360.

<sup>69</sup> STONE, David R. Op. Citi., p. 114

paz. Contornar tal situação seria de extrema importância para que a Rússia Imperial voltasse a obter uma posição de destaque no Sistema Internacional e, para isso, o Império precisava se modernizar, como podemos observar nas palavras de Gerschenkron (1968 apud SKOCPOL, 1979, p. 52):

“A Guerra da Criméia transmitiu um duro golpe à serena imagem da força russa. Ela revelou a inferioridade russa em muitos aspectos cruciais. Os navios russos, não eram páreo para os navios ingleses e franceses e, a conversão deles em recifes submarinos foi o único uso em que eles puderam ser efetivamente postos; o primitivo rifle russo foi o principal responsável pela a derrota na crucial batalha de Alma; o suprimento de homens e munição para a sitiada Sebastapol foi impedido pela pobreza do sistema de transporte. Na mente do imperador e da alta burocracia, o curso da guerra e seus resultados deixaram a sensação de que mais uma vez havia se permitido ao país ficar muito atrás das nações avançadas do oeste. Algum grau de modernização... era indispensável para recuperar uma posição militar forte.”

Instigado por uma pequena, mas, ruidosa parcela pró-modernização de sua elite surgida com a derrota na Criméia, o Estado russo adota o primeiro passo em direção ao seu processo de modernização, qual seja, a emancipação dos servos. A derrota na Guerra da Criméia foi considerada uma derrota militar, requerendo assim reformas militares para a superação das dificuldades. As referidas reformas só seriam possíveis de serem efetuadas com a emancipação dos servos<sup>70</sup>. Além deste fator, a modernização econômica liderada pelos agentes privados requeria uma alteração na estrutura social, transformando a classe social detentora da posse dos meios de produção na classe a se apropriar do excedente econômico.

### **II.3 A Emancipação dos Servos**

A estrutura política e social baseada na servidão exerceu forte influência no império ao longo de sua existência. Os servos representavam aproximadamente 80% de toda a população<sup>71</sup> e o exército era composto em sua grande maioria de camponeses que serviam por um período de 25 anos<sup>72</sup>. Desse modo a emancipação dos servos iria impactar de forma significativa na estrutura socioeconômica e militar do Império Russo.

Em relação à questão militar, o serviço militar de 25 anos proporcionava um exército extremamente caro em período de paz e com poucos veteranos disponíveis para

---

<sup>70</sup> STONE, David R. Op. Citi., p. 127

<sup>71</sup> CHAPMAN, Tim. Op. Citi., p. 81

<sup>72</sup> STONE, David R. Op. Citi., p. 127

períodos de conflitos. Os exércitos europeus já atuavam utilizando o sistema de serviço universal obrigatório de cerca de dois a três anos, seguidos por um período de reserva onde havia treinamentos eventuais e convocação em caso de guerra. Essa forma de organização proporcionava um exército menor e mais barato em tempos de paz que, em caso de guerra, se tornava numeroso e preparado. Entretanto, sem a emancipação dos servos essa forma de organização era inimaginável para a Rússia, pois, o Império não poderia treinar os servos a utilizarem armamentos e, posteriormente, devolvê-los à vida camponesa como propriedade de um aristocrata rural<sup>73</sup>. Desse modo só após a emancipação dos servos seria possível para a Rússia Imperial mudar a forma de organização do seu exército.

Do ponto de vista econômico, conforme destacado por Lênin (1982), as unidades agrícolas se dividam em duas partes: as terras senhoriais e as terras camponesas. As terras camponesas nada mais eram do que lotes concedidos aos camponeses, para que estes pudessem extrair os seus meios de subsistência. O trabalho excedente do camponês era realizado nas terras senhoriais cujo produto era usufruído pelo senhor. Assim, nas palavras de Lênin: “A economia “própria” dos camponeses em seus lotes era condição necessária da economia latifundiária; seu objetivo não era “assegurar” meios de subsistência aos camponeses, mas garantir mão de obra ao latifundiário.” (p. 123-124).

Assim, a economia servil era a base do sistema econômico que Lênin (1982) chamou de economia baseada na corveia. De acordo com Lênin, havia três condições necessárias para o funcionamento da economia baseada na corveia: 1) O feudo deveria constituir uma economia autossuficiente e isolada. A conexão entre o feudo e o resto do mundo deveria ser efetuada através de um laço fraco mantendo a supremacia da economia natural; 2) O produtor direto deveria estar vinculado à terra, caso contrário, o latifundiário ficaria sem garantias de mão de obra para sua produção; 3) O camponês deveria depender pessoalmente do senhor; caso isto não acontecesse, seria impossível, por parte do senhor, obrigar o camponês a trabalhar no seu lote de terra.

Podemos observar que a estrutura descrita por Lênin é idêntica ao que definimos no primeiro capítulo como sendo o feudalismo. Assim, na estrutura camponesa russa não havia incentivo para a modernização no método de produção. A unidade agrícola

---

<sup>73</sup> Ibidem. p. 127

autossuficiente não estimulava a produção de excedente para a troca, não se desenvolvendo assim um mercado consumidor interno. Além disso, a ausência de um mercado consumidor interno e de mão de obra livre para a atividade industrial prejudicava o surgimento de um setor industrial privado forte.

No entanto, apesar de todos os indícios que mostravam a necessidade da emancipação para o início do processo de modernização da Rússia Imperial, o medo foi a principal razão para a tomada de tal medida. Em um discurso no dia 30 de março de 1856, o czar Alexandre II (1855-1881) afirmou que seria interessante, para a classe dominante, abolir a servidão de cima para baixo, antes que os servos tomassem a iniciativa e a abolissem de baixo para cima<sup>74</sup>. Tal temor, fez com que todos os setores da nobreza, tanto os liberais como conservadores, apoiassem a ideia da emancipação dos servos.

Desse modo, o conflito entre os líderes da nobreza conservadora e os liberais não repousava na necessidade ou não do fim da servidão, e sim na quantidade de terra que deveria ser cedida ao servo liberto. Havia a esperança, entre um grupo de ultraconservadores, de se realizar a emancipação sem disponibilizar terra alguma aos servos; entretanto, Alexandre II estava consciente do perigo para o império de se transformar 23 milhões de servos em um exército de inquietos proletários rurais sem-terra<sup>75</sup>. Sendo assim, o governo decidiu que os servos receberiam as terras que eles cultivavam para fins próprios<sup>76</sup>.

A nobreza conservadora não conseguiu impor sua vontade, pois, era economicamente fraca e politicamente dependente das autoridades imperiais<sup>77</sup>. Para manterem o elevado padrão de vida, os proprietários de servos recorriam a financiamentos providos em grande parte pelo Estado. Em 1860, aproximadamente 66 por cento de todos os servos se encontravam “hipotecados” em instituições de créditos estatais<sup>78</sup>. A autocracia, no entanto, se tornava menos dependente da nobreza agrária. A burocracia do império era composta em grande parte por uma nobreza que se

---

<sup>74</sup> ZENKOVSKY, Serge A. The Emancipation of the Serfs in Retrospect. **Russian Review**, Malden, MA, v. 20, n 4, p 280-293, 1961. p. 284

<sup>75</sup> Ibidem. p. 284

<sup>76</sup> Ibidem. p. 287

<sup>77</sup> SKOCPOL, Theda. State and Revolution: Old Regimes and Revolutionary Crises in France, Russia and China. **Theory and Society**. New York, NY, v. 7, n 1/2, 1979. p. 54

<sup>78</sup> Ibidem. p. 55

encontrava divorciada da terra<sup>79</sup> e, em meados do século XIX, quase metade dos postos mais elevados da burocracia do império eram ocupados por nobres que não possuíam servo algum<sup>80</sup>. Assim, podemos observar que a Rússia Imperial no período em questão contava com uma aristocracia rural dependente da coroa e ausência de um extrato social que pudesse ser considerado burguesia. Impossibilitando, conforme o método de análise de Moore Jr (1993), a adoção da rota capitalista democrática.

Embora menos dependente da nobreza proprietária de servos, a aristocracia russa não os desconsiderou por completo ao realizar a emancipação dos servos. Em dois diferentes discursos, um em 04 de setembro de 1857 e outro em 28 de janeiro de 1861, Alexandre II salientou a sua vontade de limitar as perdas e o sacrifício da nobreza<sup>81</sup>. Dessa forma, a nobreza agrária exerceu influência considerável no processo de emancipação, especialmente na sua execução<sup>82</sup>. Outro aspecto que vale ressaltar diz respeito ao período em que se deu a emancipação. O referido período era extremamente favorável, pois, os preços dos grãos na Europa se encontravam elevados desde a década de 1840 e eram acompanhados, por um crescimento constante das exportações de grãos russas<sup>83</sup>. Caso o contexto fosse diferente, com os preços em patamares baixos, a oposição à emancipação poderia ter sido muito mais contundente.

O ato de emancipação ocorreu em 19 de fevereiro de 1861, sendo os servos promovidos ao status de “habitantes rurais livres”<sup>84</sup>. Aos servos ficou garantido um “mínimo legal de terra” que variava de acordo com a qualidade do solo e com as condições econômicas das províncias<sup>85</sup>. A nobreza proprietária teve suas perdas limitadas. O governo compensaria os proprietários diretamente pelo preço das terras cedidas aos camponeses<sup>86</sup>. A decisão a respeito de qual seria o “mínimo legal de terra” e quais terras seriam entregues aos servos ficou sob a responsabilidade dos comitês de nobres. Assim, os nobres puderam maximizar seus interesses dentro das amarras do ato de emancipação<sup>87</sup>.

---

<sup>79</sup> PINTNER, Walter M. The Social Characteristics of the Early Nineteenth-Century Russian Bureaucracy. *Slavic Review*, Champaign, IL, v. 29, n 3, 1970. p. 442

<sup>80</sup> *Ibidem*. p. 439

<sup>81</sup> ZENKOVSKY, Serge A. *Op. Citi.*, p. 288

<sup>82</sup> SKOCPOL, Theda. *Op. Citi.*, p. 57

<sup>83</sup> KAGARLITSKY, Boris. *Op. cit.*, p. 203

<sup>84</sup> ZENKOVSKY, Serge A. *Op. Citi.*, p. 288

<sup>85</sup> *Ibidem*. p. 288

<sup>86</sup> *Ibidem*. p. 288

<sup>87</sup> SKOCPOL, Theda. *Op. Citi.*, p. 57

A situação dos novos “habitantes rurais livres”, entretanto, não foi beneficiada por políticas governamentais. A crise bancária de 1859 impediu que o governo subsidiasse a aquisição de terras por parte dos servos, impondo a eles termos mais duros do que haviam sido pretendidos anteriormente<sup>88</sup>. Primeiramente, haveria um período de “obrigação temporária”, no qual eles continuariam a desempenhar alguns deveres de seu antigo *status* de servo<sup>89</sup>; após esse período, eles deveriam pagar anualmente ao governo, durante um período de 49 anos, seis por cento do montante total da compensação dada pelo governo aos seus antigos proprietários. Desse valor, cinco por cento eram para cobrir os juros, 0,5 por cento para pagar o principal da dívida e os outros 0,5 para cobrir despesas bancárias e custos administrativos<sup>90</sup>.

O longo período e os juros elevados significaram que os camponeses foram forçados a pagar um preço pela terra muito superior ao seu valor de mercado. Por um lado, este pagamento representou uma compensação aos antigos proprietários de servos pela perda do trabalho servil<sup>91</sup>. Por outro, do montante pago aos proprietários pela terra cedida aos ex-servos, o governo subtraiu automaticamente as dívidas que os mesmos possuíam com o Estado. Assim o governo acabou lucrando com a emancipação, utilizando os pagamentos recebidos para recuperar as finanças do império<sup>92</sup>.

Uma questão que merece destaque é o fato que a terra foi concedida dentro do sistema comunal. Essa forma de concessão terá grandes implicações na modernização da agricultura e na liberalização de mão de obra para o setor industrial. Essas implicações serão o objeto de estudo das próximas seções.

### **II.3.1 Efeitos da Emancipação no Setor Agrícola**

Como destacado no final da seção anterior, a terra não foi concedida aos ex-servos como propriedade privada de cada família, mas, como propriedade comunal. A distribuição das terras entre os indivíduos era realizada pela comuna, de acordo com o tamanho das famílias. Como a população total das famílias e da comuna variava com o tempo, para manter uma distribuição que fosse considerada justa, as terras eram

---

<sup>88</sup> HOCH, Steven L. The Banking Crisis, Peasant Reform, and Economic Development in Russia, 1857-1861. *The American Historical Review*, Bloomington, IN, v. 96, n 3, 1991. p. 796

<sup>89</sup> WOOD, Alan. Op. Citi., p. 12.

<sup>90</sup> HOCH, Steven L. Op. Citi., p. 811

<sup>91</sup> WOOD, Alan. Op. Citi., p. 12.

<sup>92</sup> POLUNOV, Alexander. Op. Citi., p. 107

redistribuídas periodicamente<sup>93</sup>. A referida organização manteve os camponeses com a posse dos meios de produção, permitindo que continuassem a produzir os bens necessários para sua própria subsistência. No entanto, a redistribuição dos lotes de terra, somada aos pagamentos a serem realizados pelos mesmos, os manteve sem a propriedade efetiva dos meios de produção e do excedente econômico. Dessa forma, a emancipação não aumentou o incentivo para a modernização na produção agrícola por parte dos novos “habitantes rurais livres”.

Para piorar a situação, a produtividade da lavoura era reduzida por conta da distribuição descontínua dos lotes de terras recebidos. Os camponeses desperdiçavam grande parte do seu tempo de trabalho andando pela vila para alcançar as diferentes parcelas sob sua posse<sup>94</sup>. Gubsky (1921) fez uma projeção simples e estimou que o camponês, para colocar o pé em cada uma das suas faixas de terra e voltar, andava mais do que trinta quilômetros, demonstrando claramente o desperdício causado pela distância entre os lotes.

Somando-se aos fatos anteriormente citados, o sistema comunal compelia a uma uniformidade nas lavouras, representando mais uma desvantagem. Caso o camponês tentasse se esquivar dessa uniformidade, seu trabalho não coincidiria com o do vizinho, não podendo assim, se valer da ajuda dos mesmos. Nas condições de cultivo comunal a ajuda mútua possuía um grande valor. Portanto, praticamente todos os camponeses seguiam a primitiva prática de rotação dos três campos<sup>95</sup>. Neste sistema um campo permanecia em descanso a cada ano, enquanto outros dois produziam cereais como o trigo, centeio e a aveia. Assim, a cada ano, um terço das terras cultiváveis não era utilizado<sup>96</sup>.

A adoção desses princípios arcaicos gerou um impacto negativo no desenvolvimento econômico, que, foi potencializado pelos pagamentos que os camponeses deveriam efetuar ao governo pelas terras concedidas. Para realizar esses pagamentos, os camponeses foram forçados a alugar terras da nobreza agrária, aluguel este custeado através do seu trabalho nas terras dos nobres. Esse sistema, uma forma modificada do trabalho compulsório que existia sob a servidão, retardou o crescimento

---

<sup>93</sup> GUBSKY, N. The Land Settlement of Russia. *The Economic Journal*, Malden, MA, v. 31, n 124, 1921. p. 472

<sup>94</sup> CHAPMAN, Tim. Op. Citi., p. 82

<sup>95</sup> GUBSKY, N. Op. Citi., 474

<sup>96</sup> CHAPMAN, Tim. Op. Citi., p. 82

da produtividade do trabalho. Trabalhando nas terras da nobreza, os camponeses, por não obterem o excedente econômico da produção, não se dedicavam de forma plena. Outra consequência desse trabalho foi à redução do tempo disponível para o camponês trabalhar em seu próprio lote de terra<sup>97</sup>.

A nobreza agrária, com fácil acesso à mão de obra barata, não foi estimulada a investir na modernização da agricultura. As dívidas, acumuladas em grande parte com o governo, acabaram fazendo com que as compensações que seriam recebidas fossem utilizadas para quitar as mesmas<sup>98</sup>, dificultando o estabelecimento de um sistema empresarial agrícola por parte da nobreza agrária<sup>99</sup>. Entretanto, a aristocracia rural russa não sofreu a pressão por renda adicional que culminou com o fim do feudalismo na Europa Ocidental.

Apesar de todos esses fatores restritivos, após a abolição da servidão alguns nobres empreendedores e camponeses prósperos usaram a liberdade econômica para desenvolver a agricultura comercial. Camponeses empreendedores aumentaram sua parcela da terra comprando a terra da nobreza agrária. Entretanto, a maior parte dos camponeses não se engajou na agricultura comercial, vendendo os seus cultivos somente quando forçados pelo governo<sup>100</sup>.

Apesar de no período que corresponde 1861-65 a 1901-5 a safra líquida de grãos ter crescido quase oito vezes, passando de 56,3 milhões para 447 milhões<sup>101</sup>, há controvérsias na literatura acerca do aumento da quantidade de grãos *per capita* disponíveis de 1861 para 1900<sup>102</sup>. A população do império russo (excluindo a Finlândia) passou de 74,1 milhões de pessoas em 1860 para 132,9 milhões em 1900<sup>103</sup>. Tal crescimento, somado a imobilidade do camponês e o predatismo da nobreza agrária, que lucrava com abundância de mão de obra barata disponível nas proximidades de suas

---

<sup>97</sup> POLUNOV, Alexander. Op. Citi., p. 126

<sup>98</sup> SKOCPOL, Theda. Op. Citi., p. 57-58

<sup>99</sup> POLUNOV, Alexander. Op. Citi., p. 107

<sup>100</sup> Ibidem. p. 107-108

<sup>101</sup> Ibidem. p. 107

<sup>102</sup> Para maiores informações a cerca de esse problema ler: SIMMS JR, James Y. The Crisis in Russia Agriculture at the End of Nineteenth Century: A Different View. **Slavic Review**, Champaign, IL, v. 36, n 3, 1977.

<sup>103</sup> GREGORY, Paul. Economic Growth and Structural Change in Tzarist Russia: A Case of Modern Economic Growth? **Soviet Studies**, London, v. 23, n 3, 1972. p 419



terras, impediu uma redistribuição da população na Rússia, fazendo com que surgisse na Rússia uma escassez artificial de terra<sup>104</sup>.

Todos os problemas expostos foram derivados principalmente da manutenção do sistema comunal. O referido sistema fez com que a emancipação dos servos, apesar de representar uma mudança fundamental na forma de organização da sociedade russa, com as classes se tornando independentes entre si<sup>105</sup>, não representasse uma mudança equivalente na estrutura de produção. O motivo para não se alterar a estrutura é facilmente percebido em uma correspondência intitulada “*Economic Thought in Russia*”, escrita em setembro de 1887 na cidade de Charkov, com autoria desconhecida e publicada em 1888 no *The Quarterly Journal of Economics*. A referida correspondência destaca que, apesar do sistema comunal dificultar o progresso da agricultura, ele deveria ser mantido para garantir ao camponês a propriedade da terra. Para a autocracia russa, uma agricultura improdutiva era menos preocupante do que uma possível revolta de camponeses sem terra.

Desse modo, a emancipação não representou nenhum incentivo à elevação da produtividade do setor agrícola russo. Para contornar tal situação, seriam necessárias mudanças mais profundas, como a ruptura do sistema comunal, que viesse a tornar os “habitantes rurais livres” detentores não apenas da posse dos meios de produção, mas também da propriedade dos mesmos e do excedente econômico. Tais medidas, entretanto, só seriam conduzidas pelo governo após a Revolução Russa de 1905, com as reformas iniciadas pelo primeiro ministro Stolypin.

### **II.3.2 Efeitos da Emancipação no Setor Industrial**

No que tange a questão de industrialização do Império Russo o primeiro fato a destacar é que a indústria moderna teve início utilizando o trabalho servo e que a servidão sobreviveu ao período da moderna indústria manufatureira<sup>106</sup>. Um número crescente de nobres reforçava a utilidade do sistema de servidão, enviando seus servos para trabalhar nas fábricas. Em 1855 o número de servos empregados desta maneira

---

<sup>104</sup> MAKLAKOV, V. “The Agrarian Problem in Russia before the Revolution”. *Russian Review*, Malden, MA, v. 9, n 1, 1961. p. 7

<sup>105</sup> CHAPMAN, Tim. Op. Citi., p. 82

<sup>106</sup> ELLISON, Herbert J. “Economic Modernization in Imperial Russia: Purpose and Achievements”. *The Journal of Economic History*, Cambridge, v. 25, n 4, p 523-540, 1965. p. 524.

totalizava 500 mil<sup>107</sup>. Entretanto, o pequeno tamanho do mercado interno russo era um obstáculo decisivo para o crescimento do seu setor industrial<sup>108</sup>.

O efeito imediato da emancipação foi bastante desfavorável para o setor industrial. As fábricas operadas por servos começaram a se desintegrar rapidamente e sua recuperação se deu de forma lenta até a metade dos anos 1860<sup>109</sup>. A indústria metalúrgica sofreu um severo retrocesso. As indústrias dos Urais necessitaram de uma década para retornarem aos níveis de produção vigentes antes da emancipação<sup>110</sup>. Dessa forma, a emancipação dos servos não precedeu um imediato período de rápido progresso industrial<sup>111</sup>.

O fato de a terra ter sido concedida sob o sistema comunal acabou por impedir a mobilidade do camponês e, conseqüentemente, da mão de obra. O camponês para buscar trabalho complementar fora da vila necessitava de permissão da comuna, que só era concedida em troca de alguma compensação<sup>112</sup>. Por esse motivo, para obterem mão de obra, as fábricas foram movidas para o campo, promovendo uma dispersão da localização industrial pelo império. Esta dispersão foi uma característica marcante do desenvolvimento industrial russo anterior a Primeira Guerra Mundial<sup>113</sup>.

Devido à forma como o ato de emancipação foi implantado, o laço que ligava o camponês à terra teve um desligamento gradual, ao invés de ser rompido de uma só vez. No período de 1899-1901, na capital russa de São Petersburgo, apenas 4 por cento das famílias se encontrava exclusivamente engajadas na agricultura; entretanto, 75,7 por cento das famílias se encontravam trabalhando tanto na indústria como na agricultura<sup>114</sup>. Esses números demonstram claramente que a maioria das famílias russas se encontrava, de alguma forma, conectada ao trabalho rural.

A falta de dedicação total dos camponeses com a atividade industrial teve grandes implicações para o desenvolvimento da disciplina laboral. A maioria dos camponeses

---

<sup>107</sup> CHAPMAN, Tim. Op. Citi., p. 58

<sup>108</sup> KAGARLITSKY, Boris. Op. cit., p. 193

<sup>109</sup> GERSCHENKRON, Alexander. "The Rate of Growth in Russia: The Rate of Industrial Growth in Russia, Since 1885". *The Journal of Economic History*, Cambridge, v. 7, Supplement: Economic Growth: A Symposium, 1947. p. 144

<sup>110</sup> ELLISON, Herbert J. Op. Citi., p. 534.

<sup>111</sup> GERSCHENKRON, Alexander. Op. Citi., p. 145

<sup>112</sup> MAKLAKOV, V. Op. Citi., p. 6

<sup>113</sup> RIMLINGER, Gaston V. The Expansion of the Labor Market in Capitalist Russia: 1861-1917. *The Journal of Economic History*, Cambridge, v. 21, n 2, p 208-215, 1961. p. 212

<sup>114</sup> Ibidem. p. 213

empregados em atividades fabris retornava sazonalmente a sua comunidade para realizar o trabalho rural. Essa demora no comprometimento completo do exservo ao trabalho fabril, não só gerou insegurança em relação à disponibilidade de mão de obra, como prejudicou a especialização da mão de obra<sup>115</sup>. Esses fatores prejudicavam a expansão do setor industrial russo.

Tendo em vista o exposto até o presente momento, podemos perceber que a emancipação dos servos em si, não gerou os estímulos necessários para que a indústria russa pudesse se desenvolver por conta própria. Os fortes vínculos que continuaram ligando os camponeses a terra prejudicaram a disponibilidade de mão de obra e o desenvolvimento de um mercado consumidor interno. Conforme observado por Gerschenkron (1947) o desenvolvimento da indústria seria muito mais acelerado caso a evolução industrial não tivesse sido obstruída pelo legado histórico da Rússia pré-emancipação. Entretanto, era de extremo interesse do governo russo desenvolver a industrialização do império, possuindo o mesmo um importante papel na forte expansão industrial que ocorreu na última década do século XIX.

### **II.3.3 Efeitos da Emancipação no Exército**

Apesar de seu elevado custo em tempos de paz, a forma de organização do exército russo, com seu serviço militar de 25 anos, era necessária por conta da servidão. A impossibilidade de retirar um servo de sua vida no campo, treiná-lo militarmente e depois retornar o mesmo ao seu *status* de servo fazia com que, só após o fim da servidão, a reestruturação do exército fosse possível.

Entretanto, a mudança no tempo de serviço militar só foi realizada em 1874, com a instauração de um novo sistema que fez com que o serviço militar fosse obrigatório. Os novos termos do serviço impuseram que todos os homens deveriam passar por seis anos de serviço militar obrigatório, sendo seguidos de nove anos na reserva<sup>116</sup>. Por mais longo que fosse o período, o mesmo era bem inferior aos 25 anos exigidos anteriormente.

---

<sup>115</sup> RIMLINGER, Gaston V. Autocracy and the Factory Order in Early Russian Industrialization. **The Journal of Economic History**, Cambridge, v. 20, n 1, p 67-92, 1960. p. 71

<sup>116</sup> STONE, David R. Op. Citi., p. 129

Contudo, o serviço obrigatório apresentou diversas brechas. Havia redução no tempo de serviço por conta de sua escolaridade, com pessoas graduadas em universidades servindo por apenas seis meses. Além disso, certos grupos étnicos, como por exemplo, os mulçumanos, eram dispensados do serviço militar obrigatório. Essas brechas eram estimuladas pelo próprio Império, devido à impossibilidade do mesmo em alimentar e treinar um exército com uma quantidade elevada de recrutas<sup>117</sup>.

Assim, como na Europa como um todo, o serviço militar obrigatório trouxe consequências políticas para o Império Russo. Com todos os homens sendo obrigados a servir sem distinção, o Império supostamente deveria servir a todos os homens da mesma maneira. Embora a Rússia Imperial não tenha introduzido o sufrágio universal, a mesma reduziu os castigos corporais, além de generalizar a educação aos soldados, educação que trazia claros benefícios para o treinamento e a eficiência militar. Os soldados russos, entre os quais a taxa de alfabetização antes da emancipação era de apenas 10 por cento, passaram a ter 33 por cento de seu contingente alfabetizado após as mudanças<sup>118</sup>.

Porém, embora a emancipação dos servos tenha contribuído para a Rússia melhorar a gerência de suas tropas, havia ainda a necessidade de melhorar o aparato tecnológico militar à disposição dos soldados. Desse modo, haja vista as consequências que a Revolução Industrial trouxe a tecnologia militar, para o exército voltar a possuir uma posição de prestígio, a Rússia Imperial precisava modernizar a sua economia. A referida modernização será objeto de estudo da próxima seção.

#### **II.4 A Modernização da Rússia Imperial**

Conforme observamos na análise realizada na seção anterior, o fim da servidão, sem dúvida, foi um ato marcante na história russa. Tal medida era imprescindível para o início de todo o processo de mudança da estrutura econômica do império. Porém, ao ser implantado dentro dos limites das relações de classe agrárias existentes, o ato de emancipação acabou por não fornecer os meios para uma súbita modernização do setor agrícola russo. Além do mais, ao manter o laço do camponês com a comuna, o mesmo

---

<sup>117</sup> Ibidem. p. 129

<sup>118</sup> Ibidem. p. 130

impediu a expansão da mão de obra, fator esse extremamente necessário para a industrialização e para o crescimento do mercado interno.

Entretanto, para que a Rússia Imperial voltasse a assumir um papel de destaque no cenário internacional, a modernização era extremamente necessária por conta das alterações geradas pela Revolução Industrial. Visto que, para não alterar a estrutura social existente a emancipação dos servos não deu o estímulo necessário para uma modernização guiada pelos agentes privados, o governo seria (e foi) o principal instrumento para a modernização russa.

#### **II.4.1 O Governo e a Industrialização da Rússia Imperial**

Durante a segunda metade do século XIX, o governo russo estendeu consideravelmente as suas atividades e desempenhou um papel mais ativo na economia do Império<sup>119</sup>. Entretanto, a ação do governo russo como motor da industrialização não se deu de imediato. Durante a década de 60 e 70, a Rússia se manteve aberta ao comércio exterior e investimentos externos, objetivando adquirir os incentivos necessários à aquisição de equipamentos modernos para indústria e sistemas de transporte através da intensificação das exportações agrícolas<sup>120</sup>.

No referido período, a Rússia sofria com o déficit orçamentário; contudo, ela necessitava construir a sua malha ferroviária. Em 1868 o Comitê de Finanças decidiu que a única maneira de continuar financiando o déficit, que no ano era de 12,5 milhões de rublos, e ao mesmo continuar financiando a construção de ferrovias, era através do capital estrangeiro<sup>121</sup>. Por esse motivo, o governo adotou uma série de políticas que iniciaram um período de generosas concessões para a construção privada das ferrovias, visando o desenvolvimento rápido da rede ferroviária russa. Os consórcios privados obtinham um período de concessão de 95 anos, e o governo russo, como garantia, fornecia uma remuneração fixa para o capital investido<sup>122</sup>. Além desses fatores, o

---

<sup>119</sup> WALDRON, Peter. "State Finances". In LIEVEN, Dominic (Org). **The Cambridge History of Russia: Volume 2: Imperial Russia, 1689-1917**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 471

<sup>120</sup> SKOCPOL, Theda. Op. Citi., p. 59

<sup>121</sup> WALDRON, Peter. Op. Citi., p. 480

<sup>122</sup> ELLISON, Herbert J. Op. Citi., p. 535.

governo russo reduziu acentuadamente a tarifa de importação de equipamentos e insumos para ferrovias<sup>123</sup>.

Assim, durante a década de 70, foram construídas ferrovias que ligavam as regiões produtoras de grãos com os rios navegáveis e os portos no Mar Negro e Báltico. Essas ferrovias permitiam também o deslocamento de tropas do centro do Império até as fronteiras ocidentais e atenderam assim, tanto as demandas econômicas como as militares. Os subsídios estatais, somados aos vantajosos termos das concessões oferecidas pelo governo, fizeram com que dúzias de novas indústrias surgissem, grande parte delas contava com a participação do capital estrangeiro. Entre 1865-1875, a malha ferroviária passou de 4.000 quilômetros para 20.000 quilômetros<sup>124</sup>.

Porém, apesar desse crescimento, o aço utilizado era feito com material importado, e a mineração e metalurgia russa acabou pouco incentivada durante o período. A agricultura russa, não apresentou nenhum ganho significativo de produtividade, tendo em vista a natureza do processo de emancipação dos servos. Desse modo, para que a Rússia Imperial mudasse sua posição no Sistema Internacional, algumas alterações deveriam ser feitas no seu processo de modernização.

A década de 80 foi marcada por um período conturbado na economia russa. Além da Guerra Russo Turca de 1879, houve uma queda no preço internacional dos cereais somada a fracas colheitas nos anos de 1883 e 1885, causando uma deterioração da balança de pagamentos russa. Esses fatos demonstraram que a Rússia ainda continuava sendo um Império agrícola, extremamente dependente das exportações de grãos para manter seu orçamento e crescimento. Por esse motivo a Rússia Imperial mudou a sua estratégia de modernização, e o Estado passou a intervir de forma mais proativa no referido processo.

Na década de 90, a Rússia experimentou um ritmo de crescimento econômico e industrialização mais acelerado do que havia ocorrido nos períodos anteriores, sendo o referido período associado ao nome de Sergei Witte. Witte era um estadista adepto das ideias protecionistas de Friedrich List, que assumiu o Ministério das Finanças em 1892. Antes do cargo no Ministério das Finanças, Witte havia passado 16 anos na

---

<sup>123</sup> GERSCHENKRON, Alexander. Op. Citi., p. 144

<sup>124</sup> Ibidem. 135

administração de ferrovias chegando a ser Ministro de Transportes<sup>125</sup>. Witte possuía consciência das alterações que estavam ocorrendo no Sistema Internacional e tinha como grande objetivo devolver o status de grande potência ao Império, como se pode observar no trecho abaixo, retirado de um memorando escrito por Witte em 1899:

“A Rússia foi e de forma considerável ainda é, uma colônia hospitaleira para todos os estados industrialmente desenvolvidos, generosamente os fornece com os produtos baratos de seu solo e compra os caros produtos do seu trabalho. Mas há uma diferença radical entre a Rússia e uma colônia: a Rússia é um poder forte e independente. Ela tem o direito e a força para não querer ser uma eterna serva dos estados mais desenvolvidos economicamente... Ela própria quer se tornar uma metrópole. Com base no trabalho do seu povo, liberado das amarras da servidão, começou a crescer a nossa própria economia nacional, que de forma justa demanda se tornar um contrapeso de confiança para o domínio da indústria estrangeira.”<sup>126</sup>

Witte acreditava que nenhum Estado moderno conseguiria ser poderoso sem possuir indústrias modernas<sup>127</sup>. Para tornar a Rússia novamente uma grande potência, Witte procurou acabar com a dependência russa nas matérias primas e tecnologias ocidentais. A importação de máquinas, carvão e metais representava um fardo pesado sobre as reservas russas. Além disso, a industrialização seria base para o rearmamento e crescimento econômico russo<sup>128</sup>.

A raiz do atraso econômico russo, em sua visão, estava diretamente conectada à característica agrária da economia, cuja tamanha dependência da exportação de grãos tornava qualquer problema nas safras uma calamidade nacional. A solução para superar a referida característica e promover a modernização da Rússia Imperial estava na rápida industrialização do Império. No entanto, as características econômicas da Rússia Imperial, uma nação agrícola e com baixa taxa de acumulação de capital, fazia com que

---

<sup>125</sup> GERSCHENKRON, Alexander. Op. Citi., p. 148

<sup>126</sup> LAUE, T. H. Von. “A Secret Memorandum of Sergei Witte on the Industrialization of Imperial Russia”. *The Journal of Modern History*, Chicago, IL, v. 26, n. 1, p. 60-74, Mar 1954. p. 66. No original: “Russia was, and to a considerable extent still is, such a hospitable colony for all industrially developed states, generously providing them with the cheap products of her soil and buying dearly the products of their labor. But there is a radical difference between Russia and a colony: Russia is an independent and strong power. She has the right and the strength not to want to be the eternal handmaiden of states which are more developed economically. ... She wants to be a metropolis herself. On the basis of the people’s labor, liberated from the bonds of serfdom, there began to grow our own national economy, which bids fair to become a reliable counterweight to the domination of foreign industry.”

<sup>127</sup> LAUE, T. H. Von . “The High Cost and the Gamble of the Witte System: A Chapter in the Industrialization of Russia”. *The Journal of Economic History*, Cambridge, v. 13, n. 4, p. 425-448 Autumn 1953. p. 428

<sup>128</sup> POLUNOV, Alexander. Op. Citi., p. 196

a intervenção estatal fosse a única maneira de se alcançar uma rápida industrialização e Witte estava ciente disso, como podemos notar na citação abaixo.

“As circunstâncias do nosso país requerem a intervenção intensiva do Estado nos mais diversos aspectos da vida social, o distinguindo fundamentalmente da Inglaterra, por exemplo, onde tudo é deixado para a iniciativa privada... e onde o Estado meramente regula a atividade privada.”<sup>129</sup>

Assim, a única forma de promover a rápida industrialização, seria a intervenção do governo. Durante o período de Witte no Ministério das Finanças, o governo utilizou diversos instrumentos para influenciar a economia, fornecendo subsídios de crédito e privilégios tributários a empresários, tarifas protecionistas, bem como reformas tributárias visando aumentar a receita pública<sup>130</sup>.

A instabilidade da moeda era considerada um obstáculo à obtenção de recursos no exterior. Segundo a visão do próprio Witte, ela obscurecia o progresso econômico e financeiro russo, impedindo capital externo de entrar de maneira mais vigorosa na Rússia. Devido à escassez de capital interno, a entrada vigorosa de capital externo se tornava a única maneira para financiar a industrialização do Império Russo. Por esse motivo, durante o seu período à frente do Ministério das Finanças, Witte buscou medidas para combater a especulação sobre do rublo. As bolsas russas passaram por um rigoroso controle e o governo russo, através do Banco do Estado, executou uma série de transações de compra e venda de títulos em ouro<sup>131</sup>.

Além disso, buscando valorizar o rublo, Witte reduziu a quantidade de papel moeda em circulação e restaurou a circulação de moedas de pratas. O rublo passou a valer o equivalente a um copeque de prata. As referidas reformas monetárias, associadas a um cenário inflacionário na Europa, levaram a uma forte valorização do rublo<sup>132</sup>. Todo esse esforço fez com que a Rússia, em 1897, adotasse a plena conversibilidade do rublo em ouro, ingressando no padrão-ouro. A referida medida abriu novas portas para obtenção

---

<sup>129</sup> Ibidem. p. 196. No original: “*The circumstances of our country required intensive state intervention in the most diverse aspects of social life, fundamentally distinguishing it from England, for example, where everything is left to private initiative... and where the state merely regulate private activity.*”

<sup>130</sup> Ibidem. p. 196.

<sup>131</sup> Ibidem. p. 166

<sup>132</sup> KAGARLITSKY, Boris. Op. cit., p. 225



de crédito no mercado Europeu o que, no entanto, exigiu um esforço contínuo por parte do governo para manter a conversibilidade<sup>133</sup>.

A estabilização do rublo e a entrada da Rússia Imperial no padrão-ouro abriram novas oportunidades para obtenção do crédito externo; no entanto, vale ressaltar que a década de 90 foi extremamente favorável para obtenção de capital externo. Durante o referido período havia uma abundância de capital no mercado financeiro internacional, capital este que buscava aplicações a taxas mais rentáveis. Além disso, a Rússia Imperial soube tirar proveito de fatores geopolítico. A unificação e militarização do Império Alemão fez com que o mesmo se tornasse uma ameaça comum tanto para a Rússia como para a França<sup>134</sup>. Esse fator contribuiu para que em 1894 fosse assinada uma aliança Franco-Russa. A referida aliança permitiu que a Rússia obtivesse uma redução das taxas de juros pagas para obtenção de crédito. Entre 1891 e 1902 as referidas taxas passaram de 4,9 por cento para 3,86 por cento. Desse modo a Rússia Imperial conseguiu obter uma quantidade maior de recursos em moeda estrangeira por um custo menor<sup>135</sup>.

Apesar da importância do capital externo, a construção de ferrovias continuou fornecendo o principal estímulo para o processo de modernização econômica da Rússia Imperial. Vale ressaltar que, na década de 80, houve uma alteração na política de construção de ferrovias. As ferrovias privadas foram postas sobre severa regulação ou compradas pelo governo, enquanto grande parte das novas linhas foi construída diretamente pelo governo russo<sup>136</sup>.

Durante o final do século XIX e início do século XX a construção de ferrovias era descrita como o principal fator na promoção do progresso econômico russo<sup>137</sup>. O tesouro russo teve grande participação no processo: dos 4,7 bilhões de rublos investidos na expansão da malha ferroviária, 3,5 bilhões vieram dos cofres do império<sup>138</sup>. Um dos principais projetos do referido período foi a construção da Transiberiana, uma ferrovia

---

<sup>133</sup> ANANICH, Boris. Op. Citi., p. 413

<sup>134</sup> OYE, David S. van der. "Russian Foreign Policy: 1815-1917". In LIEVEN, Dominic (Org). **The Cambridge History of Russia: Volume 2: Imperial Russia, 1689-1917**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 567

<sup>135</sup> WALDRON, Peter. Op. Citi., p. 472

<sup>136</sup> ELLISON, Herbert J. "Op. Citi., p. 535.

<sup>137</sup> Ibidem. p. 535.

<sup>138</sup> GERSCHENKRON, Alexander. Op. Citi., p. 148

com mais de 8.000 km que conectava a parte europeia da Rússia ao Extremo Oriente<sup>139</sup>. A construção ferroviária, aliada às altas taxas protecionistas adotadas pelo governo russo, gerou um grande estímulo para a indústria metalúrgica, para construção de máquinas e para o desenvolvimento do comércio interno e externo<sup>140</sup>. A intensificação na construção de ferrovias pode ser constatada na tabela 3 abaixo.

**Tabela 3** – Incremento na linha ferroviária

Período	Milhas	Variação (%)
1886-1890	1.898	-
1891-1895	4.403	132%
1896-1900	10.035	128%

Fonte: (GERSHENKRON, 1947: 148)

O aumento no ritmo de construção na malha ferroviária, somada ao capital externo e às políticas protecionistas, fez com que o setor industrial russo apresentasse um crescimento expressivo na última década do século XIX. As tarifas protecionistas, aliadas ao crescimento na demanda, foram reforçadas por uma política de aquisição preferencial dos itens produzidos internamente, através de subsídios diretos à metalurgia e à indústria de bens de capital<sup>141</sup>. Entre 1890 e 1889 a produção na indústria química cresceu 274 por cento, a mineração cresceu 372 por cento e a metalurgia 793 por cento<sup>142</sup>. Outro recurso cuja produção apresentou um elevado crescimento foi o petróleo: a produção russa, que em 1883 era de menos de 1 milhão de toneladas, atingiu o nível de 10.2 milhões de toneladas em 1900<sup>143</sup>.

O boom industrial da década de 90 produziu cerca de 40% da malha ferroviária, mais de 60% das sociedades anônimas e 85% das indústrias estrangeiras em atividade na Rússia<sup>144</sup>. O investimento estrangeiro teve grande participação no referido crescimento. A baixa taxa de retorno dos investimentos na Europa fez com que o capital, em busca de melhores retornos, fluísse para a Rússia em busca de melhor remuneração. Assim, além dos investimentos em ativos financeiros, o capital externo também entrou na Rússia na forma de investimento direto. No final do século XIX as empresas estrangeiras representavam 67 por cento da produção local de ferro fundido e 58 por cento das manufaturas. Com a ajuda do capital externo foram construídos na

<sup>139</sup> POLUNOV, Alexander. Op. Citi., p. 197-198

<sup>140</sup> GERSHENKRON, Alexander. Op. Citi., p. 148

<sup>141</sup> Ibidem. p. 148

<sup>142</sup> KAGARLITSKY, Boris. Op. cit., 225

<sup>143</sup> Ibidem. p. 535-536

<sup>144</sup> POLUNOV, Alexander. Op. Citi., p. 197

Rússia estações de geração de energia, indústria para construção de máquinas, locomotivas e vagões<sup>145</sup>.

Todo o desenvolvimento descrito até o presente momento gerou uma transformação no mercado interno russo. Houve um rápido desenvolvimento do comércio e das cooperativas de comércio; já as feiras continuaram importantes apenas nas regiões onde não havia malha ferroviária, com sua importância reduzindo de maneira progressiva. O comércio interno mais que dobrou de 1885 para 1900<sup>146</sup>. Entretanto, em comparação com o ritmo do crescimento industrial, podemos observar claramente que o mercado interno se desenvolveu em uma velocidade bem inferior. Isto se deve em grande parte ao legado da emancipação, que, ao manter o sistema comunal, não estimulou o aumento da produtividade agrícola e manteve nas comunas a produção para própria subsistência.

Em relação ao mercado externo, as exportações russas continuaram principalmente de produtos agrícolas. Em 1900 os cereais eram os principais produtos exportados pela Rússia, seguidos pela madeira e pelo linho. Além disso, no final do século XIX também houve um forte crescimento nas exportações de ovo, manteiga e açúcar, além de um crescimento considerável nas exportações de petróleo. Entretanto, houve uma alteração no padrão das importações, com um grande aumento na importação de matérias primas e produtos semimanufaturados<sup>147</sup>.

Apesar de todos os esforços, a distância entre o nível de desenvolvimento industrial russo e aquele das principais potências ocidentais persistiu. Ao iniciar o seu processo de rápida industrialização, a indústria russa se encontrava tão atrasada que, apesar dos esforços, seria praticamente impossível alcançar as principais potências ocidentais no intervalo de apenas uma década. Entretanto, a Rússia fez grandes progressos rumo ao desenvolvimento industrial, apresentando no início do século XX, a maior taxa de crescimento industrial no mundo<sup>148</sup>.

#### **II.4.2 O Conturbado Século XX da Rússia Imperial**

A crise econômica mundial no início do século XX e a depressão que se seguiu trouxeram severos danos à economia russa. As reformas comandadas por Witte não

---

<sup>145</sup> KAGARLITSKY, Boris. Op. cit., p. 227-228

<sup>146</sup> ELLISON, Herbert J. Op. Citi., p. 536.

<sup>147</sup> Ibidem. p. 536-537

<sup>148</sup> POLUNOV, Alexander. Op. Citi., p. 199

passaram ilesas a esses desafios, tendo sido ele forçado a deixar o Ministério das Finanças em 1903<sup>149</sup>. Ao integrar a Rússia ao sistema econômico mundial, Witte a expôs às crises periódicas de superprodução, sem que o país estivesse preparado para enfrentá-la. O mercado interno era insuficiente para atender a produção industrial, além disso, as quebras de safras ocorridas em 1897, 1898 e 1901 prejudicaram as receitas do Império<sup>150</sup>.

Para piorar o cenário, antes de haver tempo para a economia do Império se recuperar, a Rússia teve que enfrentar dois grandes desafios: a Guerra Russo-Japonesa (1904-1905); e a Revolução de 1905. Essas duas situações marcaram a primeira década do século XX fazendo com que a Rússia voltasse a se preocupar com as velhas questões relacionadas ao seu poder militar e a condição de vida de sua população.

A Guerra Russo-Japonesa teve como objeto de disputa a rica região da Manchúria. Durante os anos de 1894-95, o Japão obteve uma série de vitórias no campo militar expandindo a sua influência na Ásia. Após o Japão reivindicar a península de Laodong, ao noroeste da Coreia, uma pressão diplomática liderada pela Rússia fez com que o Japão retrocedesse em sua reivindicação. O Império Russo, posteriormente, estabeleceu em Porto Arthur sua principal base para sua frota de navios no Oceano Pacífico, além de construir a Transiberiana ligando Moscou a Vladivostok. As referidas ações foram como um desafio à influência japonesa na região<sup>151</sup>.

Os japoneses tentaram, através de negociações diplomáticas, evitar o conflito e estabelecer um pacto sobre as áreas de influência de ambos os países no Extremo Oriente. No entanto, a elite russa considerava os japoneses inferiores e, por não considerar os japoneses uma ameaça, não viu necessidade de negociar com os mesmos. Entretanto, o Japão havia se modernizado com eficiência e, após estabelecer uma aliança com os Ingleses em 1902, sentiu que possuía cobertura diplomática para engajar em um confronto contra a Rússia<sup>152</sup>.

Em 1904 os japoneses realizaram um ataque surpresa em Porto Arthur. Apesar de não considerarem os japoneses uma grande ameaça, as defesas russas nos Extremo

---

<sup>149</sup> ANANICH, Boris. Op. Citi., p. 417

<sup>150</sup> POLUNOV, Alexander. Op. Citi., p. 200

<sup>151</sup> STONE, David R. Op. Citi., p. 138

<sup>152</sup> Ibidem. P. 138

Oriente não estavam preparadas para guerra<sup>153</sup>. Após inúmeras derrotas sofridas pelas tropas russas, os japoneses capturaram Porto Arthur no final de 1904. Em maio de 1905, a marinha japonesa enfrentou uma frota de navios no estreito de Tsushima e os aniquilou, sem perder uma única embarcação. Em setembro de 1905, após mediações lideradas pelos EUA, foi assinado o tratado de paz que encerrou a Guerra Russo-Japonesa. Apesar de resistir às demandas mais onerosas, a Rússia perdeu os seus direitos sobre a Península de Liaotung e Porto Arthur, ficando assim privada do seu livre acesso ao Pacífico. Além disso, a derrota Russa para uma pequena ilha asiática, fez com que questionamentos em relação ao seu poder militar e sua capacidade de manter a estabilidade interna fossem levantados<sup>154</sup>.

**Mapa 2 – A Guerra Russo-Japonesa; 1904-1905**



Fonte: (POLUNOV, 2005: 204)

Esses questionamentos foram mais profundos por conta das revoltas sociais que estavam ocorrendo em concomitância no referido período. A insatisfação popular com a Guerra Russo-Japonesa fez com que sentimentos antigovernistas estivessem exacerbados, assim, qualquer faísca poderia dar início a uma grande explosão. Foi exatamente isto o que ocorreu no domingo de 9 de janeiro de 1905, quando um protesto

<sup>153</sup> Ibidem. P. 138

<sup>154</sup> POLUNOV, Alexander. Op. Citi., p. 206-207

pacífico promovido por trabalhadores em greve das indústrias em São Petersburgo, que marchavam rumo ao Palácio de Inverno, terminou de forma trágica. Os manifestantes foram fuzilados, levando à morte centenas de pessoas<sup>155</sup>. O evento, que ficou conhecido como “Domingo Sangrento”, foi o estopim da Revolução de 1905.

Após o “Domingo Sangrento” os movimentos grevistas se intensificaram. Entre janeiro e abril, mais de 800 mil trabalhadores entraram em greve em várias cidades russas. Durante a primavera e o verão, camponeses insurgentes na Rússia Central, Polônia, Bálticos, Ucrânia e Geórgia queimaram propriedades da pequena nobreza, saqueando-as, expulsando os nobres e até mesmo os matando. Os distúrbios afetaram inclusive os militares; em junho de 1905 houve um motim e um navio de guerra da frota no Mar Negro, o *Potemkin*, ficou em posse dos insurgentes durante onze dias<sup>156</sup>.

O descontentamento político e o desejo por mudanças rápidas alcançou o clímax na greve nacional de outubro de 1905, com a participação de milhões de trabalhadores. Em centenas de cidades russas, fábricas, instituições educacionais, correios, telégrafos e transportes pararam, interrompendo todas as atividades econômicas. Sergei Witte, que ocupava no momento a posição de presidente do Comitê de Ministros, cargo cuja importância cresceu consideravelmente durante a Revolução de 1905, foi bem categórico diante da situação ao apresentar uma alternativa para o czar: “*Se ele não pode estabelecer uma ditadura, ele tem que fazer concessões na forma de reformas políticas radicais.*”<sup>157</sup>

Assim, após a revolução chegar a um nível insustentável, o governo viu como única saída à adoção de concessões políticas. Em outubro de 1905, o czar emitiu um manifesto onde prometia o estabelecimento de uma assembleia legislativa e concedia liberdades fundamentais civis, incluindo liberdade de expressão e de imprensa. As referidas medidas satisfizeram em grande parte os liberais, que começaram a retirar seu apoio à revolução, os revolucionários que permaneceram, foram suprimidos pelo exército. Desse modo, os distúrbios foram diminuindo durante os anos de 1906 e 1907, e os efeitos da revolução foram diversos, os trabalhadores conseguiram melhores salários e

---

<sup>155</sup> WOOD, Alan. Op. Citi., p. 32.

<sup>156</sup> POLUNOV, Alexander. Op. Citi., p. 219.

<sup>157</sup> Ibidem. p. 220. No original: “*If he could not establish a dictatorship, then he had to make concessions in form of radical political reforms.*”

redução na jornada de trabalho, os camponeses obtiveram a abolição dos pagamentos relacionados ao fim da servidão<sup>158</sup>.

Contudo, as questões relacionadas à modernização econômica do Império continuavam assumindo uma posição de destaque. A Rússia precisava voltar a assumir um papel proeminente no Sistema Internacional e, após a Revolução de 1905, estava claro que ao fazer isso ela precisava levar em consideração a sua população. Sendo a maior parte da população russa agrícola, não é de surpresa que a principal atitude visando esse objetivo teria como alvo as famílias camponesas.

A Revolução de 1905 fez o conservador governo russo realizar reformas agrárias. O governo russo acreditava que, ao desenvolver o senso de propriedade privada, o campesinato se transformaria em uma forte classe conservadora, impedindo a repetição de perturbações revolucionárias<sup>159</sup>. Além disso, o fim das comunas era entendido como um importante passo para o progresso da agricultura russa e, conseqüentemente, desenvolvimento do mercado consumidor local.

Em outubro de 1906 o então Primeiro Ministro Stolypin introduziu o decreto que buscava viabilizar o fim das propriedades comunais. O referido decreto aboliu as restrições legais dos camponeses relacionadas à liberdade de movimentação. O segundo decreto, em novembro de 1906, permitiu a divisão da terra comunal entre os camponeses na forma de propriedade privada, além de permitir àqueles trabalhadores rurais que desejassem a retirada sua parcela de terra do conjunto das propriedades comuns, mesmo sem a aprovação da comuna<sup>160</sup>. Assim, o governo russo retirou as principais restrições que impediam o camponês a deter a propriedade efetiva da terra e apropriar-se do excedente econômico.

Apesar das referidas medidas concederem liberdade aos camponeses de adotar a iniciativa privada, o Império Russo teve que dar estímulos para que isso de fato acontecesse. Primeiramente pelo fato de uma terra comunal possuir diferentes lotes, com diferentes qualidades e distância da vila de origem do camponês. Assim, enquanto alguns camponeses teriam a sua propriedade privada onde já habitavam, a grande maioria teria sua parcela de propriedade em terras distantes. Esse fato somado à maneira

---

<sup>158</sup> Ibidem. p. 221-222

<sup>159</sup> GUBSKY, N. Op. Citi., 475

<sup>160</sup> MAKLAKOV, V. Op. Citi., p. 14

como era enraizada a propriedade comunal na mente camponesa criou uma resistência inicial a repartição privada da terra. A referida resistência foi diminuindo, na medida em que as famílias eram assentadas em propriedade privada. O segundo fator que gerava a necessidade de apoio do estado à iniciativa privada se dava pela falta de capital e conhecimentos técnicos dos camponeses. Para combater esse problema, o governo forneceu auxílio através de agentes agrônomos, que instruíam os camponeses sobre as melhores práticas e métodos de cultivo. Entretanto, apesar de o governo gastar mais de 100 milhões de rublos por ano promovendo o assentamento dos camponeses e assistência técnica, esse valor, se dividido pelos 20 milhões de camponeses do período, representava muito pouco<sup>161</sup>.

Todavia, apesar dos estímulos serem poucos em comparação com o tamanho da massa camponesa, as referidas medidas deram algum resultado. Em 1913, além de a produtividade agrícola ter aumentado, houve uma transformação no pensamento do camponês russo. O mesmo que antes era parte de um todo, onde a individualidade se encontrava suprimida pelo interesse coletivo da comuna, passou a desfrutar das ideias referentes à propriedade privada, com o individualismo ganhando força na estrutura social camponesa.

Entretanto, a industrialização continuava sendo um instrumento necessário para a recuperação do poder militar russo, e por esse motivo, o Império continuou com seus esforços visando estimular o crescimento industrial. Desse modo, além da reforma no setor agrícola, a Rússia Imperial no período pós Revolução de 1905 retomou uma taxa de crescimento econômico considerável. Em 1913, havia na Rússia 29.315 empresas, empregando mais de três milhões de trabalhadores<sup>162</sup>.

A reforma agrícola foi um fator importante para o crescimento da atividade industrial. A mesma, além de criar entre os camponeses um pequeno grupo econômico próspero, grupo este que aumentou a demanda agrícola por bens de capital, forneceu mão de obra para as indústrias, através do crescente desligamento do camponês em relação à comuna e, posteriormente, desligamento da vida rural. Infelizmente, o período

---

<sup>161</sup> GUBSKY, N. Op. Citi., 476-478

<sup>162</sup> ANANICH, Boris. Op. Citi., p. 421



entre a reforma agrícola e o início da 1ª Guerra Mundial foi muito curto para uma mensuração mais adequada dos impactos de longo prazo das medidas<sup>163</sup>.

A indústria russa, entre o período de 1907-1913, apresentou uma taxa de crescimento de 6,25 por cento, apesar da crise internacional de 1907 ter afetado a economia russa até 1909. Os motores para o crescimento, apesar de em menor escala, foram os mesmos da década de 90. A construção de ferrovias continuou, havendo um incremento de 4.700 milhas entre 1905 e 1913<sup>164</sup>. O governo russo também continuou estimulando de forma ativa o crescimento industrial. Houve um aumento considerável nos gastos relativos a armamentos, em especial, um surto de encomendas visando reconstruir a frota de navios russos. Assim, os gastos com armamento cresceram 60 por cento entre 1911-1912 e 33 por cento entre 1912-1913. O programa de rearmamento russo gerou um crescimento considerável da atividade empresarial após 1910, gerando a criação de novas empresas, a integração de fábricas existente e expansão nas fábricas relacionadas ao setor de engenharia. A metalurgia foi outra atividade beneficiada pela demanda do governo. A produção de ferro laminado e aço expandiram-se rapidamente superando, nas vésperas da 1ª Guerra Mundial, 50 por cento do nível de produção alcançado no final do século XIX<sup>165</sup>.

A exportação de grãos continuou mantendo a balança comercial russa favorável, havendo um crescimento significativo na exportação de grãos entre 1909-1913. O capital externo, outra importante fonte de crescimento na década de 90, continuou a representar um estímulo importante. A aliança com o capital francês aumentou e a sua aplicação na Rússia se tornou cada vez mais variada. Em 1914, haviam 71 empresas russas listadas na bolsa de valores de Paris. O valor total dessas empresas correspondia a 642 milhões de rublos, e entre elas estavam às quinze maiores empresas metalúrgicas, doze empresas petrolíferas, quinze empresas carvoeiras e cinco bancos. A França controlava 80 por cento da dívida estrangeira russa e 35 por cento do capital estrangeiro na Rússia tinha origem francesa<sup>166</sup>.

Desse modo, o processo de modernização russo, que havia sido interrompido por conta da crise econômica internacional do início do século XX e, posteriormente, pela

---

<sup>163</sup> GERSCHENKRON, Alexander. Op. Citi., p. 152

<sup>164</sup> Ibidem. p. 153

<sup>165</sup> GATRELL, Peter. "Industrial Expansion in Tzarist Russia, 1908-14". **The Economic History Review**, Bristol, UK. v. 35, n. 1, Feb 1982, p. 106-107

<sup>166</sup> ANANICH, Boris. Op. Citi., p. 421-422

Revolução de 1905, voltava a um patamar de crescimento acelerado. Caso continuasse assim, a Rússia iria conseguir enormes avanços entrando novamente para o seleto grupo das grandes potências mundiais. Todavia, a história russa sempre foi marcada por conflitos que definiam o rumo de sua política econômica. Em 1914, quando o assassinato do príncipe austro-húngaro em Sarajevo desencadeou a 1ª Guerra Mundial, o rumo da política econômica russa iria ser alterado de uma maneira sem precedentes em sua história.

## **CAPÍTULO III- O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO NA RÚSSIA SOVIÉTICA (1921-1939)**

No capítulo anterior analisamos os motivos que fizeram a Rússia Imperial buscar modernizar a sua estrutura econômica e se engajar em um processo de industrialização acelerada, juntamente com o método utilizado para atingir o referido objetivo. Observamos que, durante o referido processo, a elite dominante procurou não alterar a estrutura social, utilizando uma política ativa do governo e o aporte de capital externo como meio de contornar a baixa acumulação de capital e a ausência de empreendedores internos.

Após a revolução de 1917, a elite governante russa se altera drasticamente. O regime czarista é deposto, e um novo governo sob a liderança dos Sovietes se consolida em 1921. Contudo, a natureza anárquica do Sistema Internacional continuava fazendo com que a única certeza que um Estado poderia ter é a de contar com seus próprios recursos. Nesse contexto, a modernização e a industrialização continuavam sendo cruciais para projeção de poder externo de um Estado, e a Rússia, sendo czarista ou soviética, não podia estar indiferente ao referido fato.

Sendo assim, o terceiro capítulo da presente dissertação terá como tema o processo de modernização da Rússia Soviética, no período entre a consolidação do poder soviético até a 2ª Guerra Mundial. Nesse contexto, iniciaremos o capítulo realizando uma breve introdução sobre o início do período soviético. Em seguida, iremos abordar a NEP (Nova Política Econômica), buscando identificar suas principais características, resultados e os fatores que levaram ao seu fim. Posteriormente, iremos analisar os Planos Quinquenais, mostrando os impactos dos mesmos tanto para a agricultura como para a industrialização. Por último, será examinada a situação do poder militar russo durante o período, procurando mostrar os efeitos do processo de modernização soviético sobre o mesmo.

### **III.1 A Consolidação do Poder Soviético**

Após o czar abdicar do trono, os políticos liberais se consideraram os sucessores naturais do extinto governo. Entretanto, apesar de contar com legitimidade formal, eram

os Sovietes de Petrogrado que contavam com a lealdade e obediência dos trabalhadores e soldados<sup>167</sup>. Em relação à política externa, a 1ª Guerra Mundial continuava gerando um forte impacto na opinião da população russa, sendo a forma como o governo provisório iria lidar com essa questão algo fundamental para sua estabilidade.

A posição divergente que havia entre a elite e a massa da população russa, em relação à 1ª Guerra Mundial, gerou a primeira crise política do governo liberal em Abril de 1917. A publicação de uma nota de Miliukov, Ministro das Relações Exterior russo, afirmando para os aliados que a Rússia iria cumprir com todas as suas obrigações e continuaria na guerra até a vitória final, gerou uma onda de protestos que forçaram tanto Miliukov como o Ministro da Defesa, Guchakov, a renunciarem. O referido evento demonstrou claramente que o governo provisório não poderia agir sem o suporte explícito dos Sovietes<sup>168</sup>.

Ao voltar de seu exílio na Suíça, Lênin realizou um famoso discurso onde afirmou que a ordem política existente era porta-voz da burguesia e por esse motivo, os Bolcheviques não deviam apoiar o governo provisório. Lênin foi além realizando impactantes demandas de *“Todo poder aos soviets, nacionalização da terra, controle operário da indústria, e fim imediato da guerra.”*, conseguindo um suporte considerável do proletariado<sup>169</sup>.

A situação do campesinato russo também era um aspecto importante a ser considerado. O camponês viu na queda do tzar uma oportunidade para realizar a sua própria revolução, tomando as terras dos nobres e as redistribuindo. O governo provisório, por mais que estivesse consciente das expropriações conduzidas pelo campesinato, não tomou nenhuma medida para resolvê-las. Mesmo sem contar com uma liderança consolidada e organizada, os camponeses tiveram um importante papel na prevenção da consolidação do governo liberal<sup>170</sup>.

As ações do governo provisório, principalmente mantendo a Rússia na guerra, fizeram com que sua autoridade fosse se deteriorando ao longo dos meses de 1917, com os Bolcheviques assumindo o poder através da Revolução de Outubro de 1917. Sendo a

---

<sup>167</sup> STONE, David R. Op. Citi., p. 172.

<sup>168</sup> KENEZ, Peter. **A History of Soviet Union from the Beginning to the End**. 2a Ed New York: Cambridge University Press, 2006. p. 20-21

<sup>169</sup> Ibidem p. 25

<sup>170</sup> Ibidem p. 22

1ª Guerra Mundial o principal catalisador dos eventos revolucionários de 1917, Lênin ao assumir o poder buscou negociar a retirada da Rússia do conflito. Além disso, declarou que a terra era propriedade nacional, porém, o Estado permitiria o seu uso para os camponeses realizarem os seus cultivos. Essa declaração foi na prática a oficialização, por parte do governo Bolchevique, do confisco realizado pelos camponeses das terras da nobreza.

Em março de 1918 foi assinado o tratado de paz com a Alemanha (Tratado de Brest-Litovsk) que fez com que a Rússia perdesse 1/3 do território do antigo Império. Outras medidas importantes adotadas pelo governo soviético foram: o cancelamento de todas as dívidas com os bancos capitalistas dos Estados Centrais em janeiro de 1918 e; a decretação do monopólio estatal sobre as relações econômicas com o exterior em abril do mesmo ano<sup>171</sup>. Contudo, apesar de ter encerrado a principal razão de insatisfação de sua população, o governo Bolchevique ainda tinha outro desafio para superar: uma guerra civil.

A Guerra Civil dividiu a Rússia em dois lados, o lado conservador (Exército Branco) e o revolucionário (Exército Vermelho). Ambos os lados estavam bastante debilitados no momento do conflito, contudo, a ausência de uma ideologia atrativa por parte do Exército Branco<sup>172</sup> e a falta de motivação das tropas estrangeiras aliadas<sup>173</sup>, fizeram com que os Bolcheviques lograssem êxito. Após a vitória na Criméia em novembro de 1920, toda resistência havia sido esmagada, sendo encerrada assim a Guerra Civil<sup>174</sup>. No início de 1921 a vitória estava consolidada, uma conquista que ficaria marcada como um dos grandes triunfos na história do poder soviético<sup>175</sup>.

### III.2 O Sistema Internacional pós 1ª Guerra Mundial

A 1ª Guerra Mundial teve fim de forma inesperada. Após um rápido colapso da Alemanha em outubro de 1918, momento em que seu exército ainda possuía o controle da Europa, desde a Bélgica até a Ucrânia, as forças da Tríplice Entente conseguiram a

---

<sup>171</sup> FERNANDES, Luís Manuel. Op. Citi., p. 260

<sup>172</sup> KENEZ, Peter. Op. Citi., p. 37

<sup>173</sup> JOLL, James. **Europe since 1870 : An International History**. Londres: Penguin Books, 1990. p. 246

<sup>174</sup> STONE, David R. Op. Citi., p. 182

<sup>175</sup> BALL, Alan. "Building a New State and Society: NEP, 1921-1928". In SUNY, Ronald Grigor (org) **The Cambridge History of Russia: Volume 3: The Twentieth Century**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 168

vitória. No entanto, a Alemanha depois de 1919 possuía uma população maior do que a da França, e sua capacidade de produção de ferro e aço era cerca de três vezes a francesa. Além desses fatores, as redes de comunicação interna alemã, suas usinas químicas e elétricas, suas universidades e institutos técnicos se encontravam intactos. Dessa forma, apesar de derrotada, a Alemanha continuava sendo uma possível potência<sup>176</sup>. Esse fato fez com que, durante as negociações da paz de Versalhes, a França tivesse como principal objetivo manter a Alemanha mais fraca possível, tanto do ponto de vista militar como do econômico e territorial<sup>177</sup>.

Embora a França e a Inglaterra tivessem sido severamente castigadas pela 1ª Guerra Mundial, os dois países, representantes de democracias capitalistas-liberais, se encontravam do lado vencedor do conflito. Assim, embora seus esforços estivessem mais voltados à questão da recuperação interna, a manutenção *do status quo* era do interesse de ambos<sup>178</sup>. Contudo, o verdadeiro vencedor da guerra foi os EUA e o fato do conflito não ter cruzado o Atlântico fez com que o referido país mantivesse toda a sua infraestrutura. Apesar de sua influência no período não corresponder ao seu poder econômico, os EUA, um país com inclinações protecionistas e não partidário do livre comércio, havia se tornado o centro das finanças mundiais<sup>179</sup>.

A Rússia foi a nação para qual 1ª Guerra Mundial trouxe as mais severas consequências. A guerra foi o grande catalisador que levou à Rússia a revolução e posteriormente à Guerra Civil. Além disso, a Rússia também ficou sem uma parcela importante do seu território, perdendo a posse sobre a Polônia, Finlândia e os Estados bálticos. As referidas perdas envolveram muitas fábricas, ferrovias e fazendas. A indústria passou por um enorme declínio e em 1920 ela se encontrava reduzida a 13% da produção de 1913. O referido número, no entanto, ocultava o declínio ainda mais severo de setores chaves da economia. Em comparação com a produção de 1913, a Rússia produzia no ano de 1920 apenas 2,3% do ferro gusa, 4,0% do aço e 1,6% do minério de ferro. Para piorar a situação, as perdas humanas sofridas pela Rússia no

---

<sup>176</sup> KENNEDY, Paul. Op. Citi., p. 279.

<sup>177</sup> JOLL, James. Op. Citi., p. 274

<sup>178</sup> KENNEDY, Op. Citi., p. 299.

<sup>179</sup> Ibidem. p. 273

período foram significativas e a sua população, que era de 171 milhões em 1914, passou para 132 milhões em 1921<sup>180</sup>.

Contudo, esse impacto tão acentuado foi consequência principalmente do caos político e social gerado pela Guerra Civil. Em 1921, após o fim da Guerra Civil, o governo soviético possuía à sua disposição grande parcela do legado do rápido desenvolvimento industrial iniciado na última década do século XIX<sup>181</sup>. Entretanto, além de querer recuperar a produção do período pré-guerra, existia o interesse de disseminar a revolução comunista.

A política externa soviética no período se encontrava de certa forma dividida. De um lado havia o interesse de apaziguamento e acomodação com o mundo capitalista, do outro, o interesse de arrancar e substituir o capitalismo em sua totalidade. A visão revolucionária passou a perder força após o fracasso da última tentativa de revolução realizada pelos comunistas alemães em março de 1921. O regime soviético percebeu que a maré revolucionária acelerada pela guerra, estava retrocedendo para uma política conservadora. Assim, para sobreviver era necessário ajustar as suas táticas para a nova situação, ganhando assim força a linha que buscava acomodação com o mundo capitalista<sup>182</sup>. Dessa forma surgiu a Nova Política Econômica (NEP).

### **III.3 A Nova Política Econômica**

A necessidade de uma nova virada na política interna e externa do governo soviético, por conta da destruição causada pela guerra civil e pelo isolamento internacional<sup>183</sup>, fez com que Lênin adotasse uma série de concessões capitalistas buscando a estabilização da Rússia. Para cumprir com o referido objetivo surgiu a Nova Política Econômica (NEP), que emergiu sem ser um decreto ou uma progressão planejada, mas, como um rótulo fixado a uma série de medidas adotadas pelo governo russo<sup>184</sup>.

---

<sup>180</sup> Ibidem. p. 309

<sup>181</sup> Ibidem. p. 309

<sup>182</sup> HASLAN, Jonathan. "Comintern and Soviet Foreign Policy, 1919-1941". In SUNY, Ronald Grigor (org) **The Cambridge History of Russia: Volume3: The Twentieth Century**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 639

<sup>183</sup> FERNANDES, Luís Manuel. Op. Citi., p. 262

<sup>184</sup> BALL, Allan. Op. Cit., p. 169

### III.3.1 O surgimento da NEP

Após a vitória na Guerra Civil, os Bolcheviques se encontravam no poder de uma nação atrasada e isolada<sup>185</sup>. A agricultura produzia menos de 2/3 do que o Império Russo produzia em 1913<sup>186</sup>, as fronteiras da Rússia Soviética continuavam incertas e o campesinato protestava de forma cada vez mais agressiva contra a requisição forçada de cereais e outras medidas da Guerra Civil<sup>187</sup>. Dessa forma, enquanto os Bolcheviques continuassem insistindo nas políticas adotadas no comunismo de guerra, os camponeses continuariam sem incentivos para produzir de maneira mais eficiente<sup>188</sup>. A severidade das políticas de requisição forçada foi retratada, e justificada, de forma bem honesta por Lênin:

“Nós na realidade já tomamos dos camponeses todo o seu excedente e, em algumas ocasiões, até o que não era o excedente, mas, parte do que era para seu autoconsumo. Nós tomamos isto para cobrir com os custos do exército e manter os trabalhadores... Caso contrário, não poderíamos ter vencido os latifundiários e capitalistas.”<sup>189</sup>

Enquanto a situação no campo se encontrava bastante instável, a rebelião dos marinheiros na base naval de Kronstadt representou um duro golpe à liderança de Lênin. Apesar de ser menos perigosa que a agitação que se espalhava no campo, os marinheiros eram considerados o “orgulho da revolução”, pois haviam realizado valiosos serviços em nome da mesma. O temor de que a rebelião se espalhasse para Petrogrado fez com que os Bolcheviques respondessem de forma rápida e dura. Em março de 1921, cerca de 10 mil marinheiros foram derrotados por tropas leais ao governo, sendo os rebeldes capturados e punidos sem piedade<sup>190</sup>.

No mesmo período em que ocorreu a rebelião na base naval de Kronstadt, estava sendo realizado o Décimo Congresso do Partido, que pode ser considerado como o mais

---

<sup>185</sup> KENEZ, Peter. Op. Citi., p. 42

<sup>186</sup> Ibidem. p. 43

<sup>187</sup> BALL, Alan. Op. Cit., p. 168

<sup>188</sup> KENEZ, Peter. Op. Citi., p. 43

<sup>189</sup> KINGSTON-MANN, Esther. “Transforming Peasants in the Twentieth Century: Dilemmas of Russian, Soviet and post-Soviet Development”. In SUNY, Ronald Grigor (org) **The Cambridge History of Russia: Volume 3: The Twentieth Century**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 418. No original: “*We actually took from the peasants all their surpluses, and sometimes even what was not surplus but part of what was necessary to the peasant. We took it to cover the cost of the army and to maintain the workers... Otherwise we could not have beaten the landowners and the capitalists.*”

<sup>190</sup> KENEZ, Peter. Op. Citi., p. 46



importante da história, cujas decisões afetaram todos os aspectos da vida na Rússia Soviética<sup>191</sup>. O ânimo exaltado no campo convenceu Lênin que uma nova abordagem era necessária e ele tornou isso claro para os delegados do partido. Assim, foram aprovadas as primeiras medidas que iriam constituir a NEP<sup>192</sup>.

A NEP buscou acalmar o descontentamento camponês e promover a recuperação econômica através de uma abordagem mais flexível das questões econômicas e da restauração do mercado russo<sup>193</sup>. A abolição da requisição forçada e sua substituição por um imposto em espécie pode ser considerada a principal medida adotada, fornecendo aos camponeses liberdade para dispor de seus excedentes e permitindo a legalização do livre comércio e dos comerciantes. A severidade da crise que a Rússia Soviética enfrentava fez com que, apesar da desconfiança e temor que os Bolcheviques possuíam em relação à medida, ela fosse aceita pelo partido<sup>194</sup>.

Em maio de 1921 o governo revogou a lei que havia nacionalizado todos os setores da indústria russa, sendo permitida a criação de indústrias e empresas privadas. No entanto, o governo continuava exercendo o controle sobre setores que eram considerados chave, dessa forma, as grandes empresas, mineração, bancos e o comércio externo continuaram nas mãos do Estado<sup>195</sup>. Em 1922, o Código da Terra autorizou a contratação de trabalhadores para o cultivo da terra na condição que os empregadores trabalhassem ao lado dos funcionários<sup>196</sup>.

Apesar das concessões capitalistas realizadas pela NEP, Lênin as considerava uma forma de capitalismo diferente do que era praticado nos países ocidentais devido ao controle e regulação exercidos pelo Estado, tratando-se assim de um “capitalismo de Estado”<sup>197</sup>. Lênin identificou cinco componentes básicos do capitalismo de Estado que seria adotado pela Rússia Soviética, conforme destacado por Fernandes (2000, p. 64):

1) *“O estabelecimento de concessões, nas quais forças produtivas eram alocadas a grupos capitalistas privados russos ou estrangeiros por um prazo determinado;”*

---

<sup>191</sup> Ibidem. p. 46-47

<sup>192</sup> BALL, Alan. Op. Cit., p. 168

<sup>193</sup> KINGSTON-MANN, Esther. Op. Citi., p. 419

<sup>194</sup> KENEZ, Peter. Op. Citi., p. 47

<sup>195</sup> Ibidem. p. 47

<sup>196</sup> KINGSTON-MANN, Esther. Op. Citi., p. 419

<sup>197</sup> FERNANDES, Luís Manuel. Op. Citi., p. 264

2) “*O arrendamento (aluguel) de forças produtivas a grupos capitalistas privados, também por prazo determinado;*”

3) “*A montagem de empresas mistas, associando empresas capitalistas estrangeiras e empresas estatais soviéticas;*”

4) “*O pagamento de comissões do Estado a comerciantes privados para comercializar mercadorias; e*”

5) “*O desenvolvimento de relações comerciais regulares entre o poder soviético e cooperativas agrícolas privadas.*”

Apesar de adotar o termo “capitalismo de Estado”, podemos observar que a NEP, ao abolir a requisição forçada de cereais, substituindo-a por um imposto em espécie, permitiu novamente que, a classe detentora da posse e propriedade dos meios de produção, se apropriasse do excedente econômico. Assim, foram gerados incentivos para a adoção de métodos de produção mais eficientes, objetivando estimular o processo de acumulação de capital e a formação de um mercado consumidor interno. Apesar de ter sido uma concessão ideológica difícil, a mesma foi crucial, fazendo com que diversos setores na segunda metade da década de 20 alcançassem níveis de produção similares aos do período anterior a 1ª Guerra Mundial.

### **III.3.2 O Efeito da NEP na Agricultura**

Como os distúrbios no campo podem ser considerados a principal força que impulsionou o governo Bolchevique a adotar a NEP, e não é nenhuma surpresa que a agricultura russa tenha sofrido os principais impactos da referida medida. Nas palavras de Ball (2006): “*O coração da NEP estava na esperança que os camponeses produziram mais excedentes pelo incentivo do que pela coerção...*” (p. 181, tradução nossa)<sup>198</sup>. O aumento da produtividade do camponês era visto como um importante aspecto para melhorar a condição de vida em toda Rússia, como podemos observar na citação de Lênin abaixo:

“... a fim de melhorar as condições dos trabalhadores, grãos e combustível são necessários. Pelo ponto de vista da economia nacional como um todo, está é a maior dificuldade no momento. E é impossível aumentar a

---

<sup>198</sup> No original: “*The heart of NEP lay in a hope that peasants would produce a surplus through incentives rather than compulsion...*”

produção e entrega de grãos e combustível sem melhorar a posição dos camponeses e aumentar sua força produtiva.”<sup>199</sup>

Contando com a posse e propriedade da terra e sendo taxado de forma mais branda do que ocorreria no período imperial, os camponeses tiveram sua qualidade de vida melhorada significativamente no período da NEP. Na segunda metade da década de 20 o nível de produção agrícola já se aproximava do nível pré-guerra. Entretanto, o destino de grande parte do aumento da produção foi o autoconsumo, fazendo com que a quantidade de grãos que se destinava ao mercado ficasse abaixo do nível pré-guerra<sup>200</sup>.

A diferenciação entre classes sociais no campo, que havia se reduzido drasticamente com a revolução, voltou a crescer durante a NEP. Contudo, o hiato existente entre ricos e pobres se estreitou consideravelmente em comparação ao período Imperial. A camada mais rica da população camponesa, os *kulaks*, correspondia a aproximadamente cinco por cento da população rural. Os mesmos representavam uma classe mal definida. Atitudes simples, como possuir funcionários, algum tipo de máquina agrícola ou emprestar grãos para um vizinho mais pobre, já era o suficiente para ser classificado como um *kulak*. Embora essa classe enfrentasse grande desconfiança dos Bolcheviques, eles eram os grandes responsáveis pela produção agrícola para o mercado, fazendo com que o governo soviético dependesse dessa categoria para alimentar as cidades e exportar grãos<sup>201</sup>.

Em relação à modernização da produção a revolução não ajudou a superar os tradicionais problemas da agricultura russa. O camponês gozava de grande autonomia devido à fraqueza do poder central e, por estar satisfeito com a melhora do padrão de vida, possuía pouco interesse em inovação ou em melhorias nas técnicas de cultivo<sup>202</sup>. Dessa forma métodos de cultivos antiquados e com baixa tecnologia persistiram entre a maioria dos pequenos produtores, sendo metade da safra de grãos de 1925 sendo colhida manualmente<sup>203</sup>.

---

<sup>199</sup> NORTH, Robert. “The NEP and the New Democracy”. *Pacific Affairs*, Vancouver, B.C. v. 24, n 1, Mar 1951. p. 54. No original: “... *in order to improve the conditions of the workers, grain and fuel are required. This is the biggest 'hitch' at the present time, from the point of view of the national economy as a whole. And it is impossible to increase the production and collection of grain and the collection and delivery of fuel except by improving the position of the peasantry, by raising their productive force.*”

<sup>200</sup> KENEZ, Peter. Op. Citi., p. 63

<sup>201</sup> Ibidem. p. 63

<sup>202</sup> Ibidem. p. 64

<sup>203</sup> KINGSTON-MANN, Esther. Op. Citi., p. 420

Assim, a NEP não conseguiu superar os problemas tradicionais da agricultura russa, que continuou sofrendo com uma superpopulação agrícola composta por camponeses atrasados, que, utilizavam métodos primitivos para produção. Embora durante a sua vigência o aumento da produtividade agrícola não tenha atingido o nível desejado, não podemos deixar de destacar que a NEP conseguiu diminuir de forma significativa a insatisfação camponesa e os distúrbios no campo. Para o jovem governo soviético, o fato de o campo deixar de ser uma fonte de instabilidade, foi extremamente importante no período em que começava a dar seus primeiros passos.

### **III.3.3 O Efeito da NEP no Setor Industrial**

Apesar da insatisfação no campo possuir grande influência na adoção da NEP, para uma recuperação econômica robusta era necessário estimular o ressurgimento da atividade industrial, que se encontrava em níveis abismais por conta da Guerra Civil. Contudo, às medidas adotadas pelo governo soviético, que cancelou todas as dívidas com os bancos capitalistas dos Estados Centrais em 1918, fizeram com que os capitalistas estrangeiros pouco investissem na Rússia durante o período<sup>204</sup>. Por esse motivo, diferentemente do período imperial, onde o capital externo foi um importante motor na industrialização russa, a Rússia Soviética precisaria obter recursos por outros meios.

Havia um importante gargalo para a recuperação industrial que era a necessidade de combustível para operação do sistema ferroviário. Devido a esta circunstancia, o governo concentrou seus escassos recursos em setores chave. O setor carvoeiro era prioritário e por essa razão os trabalhadores das minas de carvão receberam comida extra para realizarem seu trabalho pesado. Porém, a utilização de recursos para beneficiar um determinado setor só poderia ser realizada a custa de outros, assim, fábricas considerada ineficiente foram fechadas<sup>205</sup>.

O fechamento das fábricas teve como efeito inicial a deterioração do padrão de vida dos trabalhadores. As relações mercantis não estavam funcionando normalmente havendo uma grande flutuação na relação de preços entre produtos agrícolas e industriais. Em 1922, por exemplo, a necessidade de alimentos fez com que os preços

---

<sup>204</sup> KENEZ, Peter. Op. Citi., p. 58

<sup>205</sup> Ibidem. p. 58

agrícolas fossem superiores aos dos produtos industrializados. Em 1923 essa relação se inverteu. A agricultura se recuperou aliviando a fome; a indústria, no entanto, continuava extremamente ineficiente com baixa produtividade e altos custos. A consequência do elevado preço dos produtos industriais fez com que os camponeses tivessem pouco incentivo para venderem seu excedente no mercado. Temendo um possível desabastecimento nas cidades o governo adotou medidas enérgicas buscando a redução dos preços indústrias em outubro de 1923<sup>206</sup>.

Após as dificuldades enfrentadas durante os primeiros anos, a vida na Rússia foi voltando gradativamente à normalidade. A produção industrial cresceu em grande parte pela revitalização de empresas já existentes, que estavam danificadas pelo período de conflitos ou inativas devido à falta de recursos<sup>207</sup>. Além disso, a taxa de recuperação econômica foi desigual em diferentes setores: enquanto a indústria leve de bens de consumo aumentava a sua produção, a indústria pesada enfrentava uma recuperação lenta<sup>208</sup>. Assim, podemos caracterizar que a política industrial desenvolvida durante o período da NEP era uma política de crescimento gradual<sup>209</sup>.

Em relação à condição de vida do trabalhador podemos observar uma relação bem diferente do que em relação ao camponês. A mudança na legislação trabalhista feita pela NEP permitiu ao trabalhador vender livremente a sua força de trabalho, e um dos principais benefícios foi a possibilidade de deixar de ser um trabalhador fabril e se tornar um burocrata a serviço do Estado. Fora isso, a recuperação gradual do setor industrial somada à superpopulação do campo fez com que o nível de desemprego ficasse elevado durante o período. O padrão de vida dos trabalhadores só poderia melhorar após a recuperação econômica, contudo, a produtividade da mão de obra continuava abaixo dos níveis pré-guerra e devido ao aumento de custos gerados pela mudança na legislação trabalhista (férias pagas, planos de saúde e limitação da jornada de trabalho) a acumulação de capital pelo setor industrial foi reduzida, contribuindo para o ritmo moderado de crescimento industrial<sup>210</sup>.

Em comparação com o período pré-guerra, as relações econômicas da Rússia Soviética com os demais países do Sistema internacional passou a ocorrer em menor

---

<sup>206</sup> Ibidem. p. 58-59

<sup>207</sup> BALL, Alan. Op. Cit., p. 190

<sup>208</sup> KENEZ, Peter. Op. Citi., p. 60

<sup>209</sup> FERNANDES, Luís Manuel. Op. Citi., p. 266

<sup>210</sup> KENEZ, Peter. Op. Citi., p. 61

escala. Apesar do restabelecimento das relações mercantis, através da estabilização da moeda e da adoção da conversibilidade parcial da moeda em ouro em 1924, os principais fatores responsáveis pelos problemas na balança de pagamentos (pagamento de serviços da dívida externa e repatriação do lucro das empresas estrangeiras) haviam sido eliminados, não havendo grande necessidade de produzir grandes superávits comerciais. Dessa forma, o valor do comércio externo durante a NEP nunca ultrapassou a metade do valor registrado em 1913<sup>211</sup>.

Em relação ao comércio interno, pessoas empreendedoras viajavam pelas aldeias vendendo roupas, sapatos, lâminas de barbear e outros bens de consumo. Esses empreendedores souberam aproveitar as oportunidades oferecidas pelo regime e o mau funcionamento das redes de distribuição para estabelecer uma rede de trocas internas. Ao realizar lucros exorbitantes nessa intermediação esses empreendedores se tornaram um novo extrato da sociedade, os *NEPmen*<sup>212</sup>.

Os *NEPmen* eram um grupo heterogêneo, com seu membros sendo provenientes dos mais diversos extratos sociais. Enquanto alguns se tornaram ricos e bem sucedidos outros continuaram apenas como pequenos comerciantes. Para a maioria dos Bolcheviques os *NEPmen* representavam exatamente aquilo que eles mais detestavam. Eram pequenos burgueses sem ideologia com estilo de vida de classe média que desejavam propriedade e lucros<sup>213</sup>.

Podemos observar que a NEP não forneceu um período de rápido crescimento industrial como a Rússia havia experimentado as vésperas da 1ª Guerra Mundial. Além disso, o surgimento de uma classe social burguesa fez com que os Bolcheviques passassem a criticar a NEP de forma cada vez mais aberta, como observaremos na próxima seção.

### **III.3.4 O Fim da NEP**

Até o presente momento podemos observar que a NEP, apesar de ser um plano econômico, desempenhou uma função de estabilização das tensões sócias herdadas do período imperial e da guerra civil. Ao abolir a requisição forçada de cereais e substituí-

---

<sup>211</sup> FERNANDES, Luís Manuel. Op. Citi., p. 263

<sup>212</sup> KENEZ, Peter. Op. Citi., p. 60

<sup>213</sup> Ibidem. p. 60

la por um imposto em espécie, autorizar a criação de indústrias e empresas privadas, permitir aos trabalhadores venderem livremente a sua força de trabalho e realizar mudanças na legislação trabalhista, a mesma reduziu a insatisfação social com as condições econômicas e conseguiu retornar a níveis de produção próximos ao realizado pela Rússia antes da 1ª Guerra Mundial.

Entretanto, a simples estabilização das tensões sociais, não solucionava aspectos relacionados à projeção de poder externo. A modernização e industrialização continuavam sendo aspectos cruciais que, precisavam ser realizados numa velocidade superior ao que a NEP poderia oferecer. Embora o método adotado permitisse uma maior apropriação do excedente econômico pelo produtor, o elevado preço dois produtos industriais fez com que os camponeses tivessem pouco incentivo para venderem seu excedente, não vislumbrando assim, os benefícios da adoção de técnicas de produção modernas. Para piorar a situação, a acumulação de capital pelo setor industrial foi reduzida, por conta do aumento de custos gerados pela mudança na legislação trabalhista. A indústria moderna, para avançar na velocidade requerida, necessitaria de mais capital e incentivo do que oferecido até então pelo governo e a iniciativa privada.

Contudo, as críticas existentes à NEP dentro do governo soviético e a incerteza em relação a sua duração não seriam grandes problemas caso Lênin continuasse no comando do partido. Entretanto, a sua morte prematura no ano de 1924, três meses antes do seu aniversário de 54 anos, deixou o partido sem um consenso a respeito de quanto tempo deveria durar a NEP e como ela deveria ser encerrada. O futuro da NEP acabou dividindo o partido, de um lado havia os que desejavam o seu fim o mais rápido possível, do outro havia os que desejavam prolongar as suas políticas. Para tornar a situação mais complicada, ambos os lados se proclamavam seguidores da trajetória de Lênin<sup>214</sup>.

A futura liderança soviética estava dividida entre dois nomes: Trotsky e Stalin. Trotsky pelo seu papel de destaque na Revolução de Outubro de 1917 e no comando do Exército Vermelho durante a Guerra Civil era o nome de maior prestígio. Diferentemente de Trotsky, Stalin não desempenhou nenhum serviço espetacular durante a revolução e a guerra civil, no entanto, a sua função dentro do partido incluía a

---

<sup>214</sup> BALL, Alan. Op. Cit., p. 182

promoção e transferência de dirigente de províncias e, a nomeação de membros do partido para a execução das decisões da liderança. Stalin soube utilizar o seu cargo para expandir a sua influência<sup>215</sup>.

Trotsky visualizava a NEP como um recuo do socialismo, uma concessão perigosa que a nação estava oferecendo à burguesia. Além disso, ele considerava a política inadequada para extrair o excedente agrícola necessário para obter a taxa de crescimento industrial condizente com a necessidade soviética. Stalin por outro lado, emergia como um gradualista e defensor da NEP, contudo, ele deixava seus aliados realizarem a defesa pública das políticas, enquanto ele trabalhava para frustrar a carreira dos funcionários ligados a oposição<sup>216</sup>.

No ano de 1927 o grupo de oposição a NEP liderado por Trotsky se encontrava enfraquecido, sendo posteriormente os mesmos expulsos do partido e exilados. No entanto, Stalin alterou a sua posição política, trocando de aliados e passando a unir forças com membros que deviam a ele a sua ascensão. Em 1928 passou a defender medidas que eram compatíveis e até excediam aquelas apoiadas pela antiga esquerda liderada por Trotsky. Os aliados anteriores, que incluía Bukharin e outros membros do partido, continuaram a reiterar a sua visão de manutenção da NEP por um período indefinido<sup>217</sup>.

No final da década de 20, devido ao baixo preço que o Estado oferecia pela produção agrícola e a escassez de manufaturados, os camponeses reduziram a quantidade de produtos que levavam ao mercado, preferindo vender uns aos outros o excedente da lavoura e produtos de origem animal produzido. Para resolver o problema Stalin adotou medidas severas, mais condizentes com o comunismo de guerra do que com a NEP. Os oficiais locais foram orientados a forçar os camponeses a venderem a sua produção ao Estado a baixos preços. A manutenção de excedentes fora do mercado, que era considerada legal pela NEP, passou a ser considerado crime de especulação, permitindo a autoridade central confiscar os produtos em questão<sup>218</sup>.

Bolcheviques mais devotados à NEP ficaram horrorizados com as medidas adotadas por Stalin. Os mesmos acreditavam que o governo poderia incentivar o

---

<sup>215</sup> Ibidem. p. 182-183

<sup>216</sup> Ibidem. p. 185

<sup>217</sup> Ibidem. p. 185-186

<sup>218</sup> Ibidem. p. 188



camponês a vender a sua produção para o mercado oferecendo mais bens de consumo e um preço mais elevado pelos grãos. Entretanto, Stalin defendeu a manutenção dos preços desfavoráveis para os camponeses como forma de extrair “tributos” para sustentar a industrialização. O mesmo chegou a ir além afirmando que as recentes dificuldades enfrentadas pelo governo para obter excedentes não eram provenientes do baixo preço pago pelo governo, mas, da luta de classe comandada pelos *kulaks*, cuja oposição ao governo deveria ser derrotada<sup>219</sup>.

Desse modo começou o ataque as instituições privadas que foram permitidas pela NEP. Não apenas os *kulaks* figuraram como alvos, os *NEPmen* e profissionais liberais que não eram vinculados ao partido também foram considerados burgueses inimigos do socialismo. A luta interna dentro do partido perdurou até 1929, quando o grupo opositor a NEP liderado por Stalin obteve vitória. O triunfo de Stalin se deveu em grande parte ao seu comando sobre o aparato do partido. Para muitos Bolcheviques a NEP havia falhado em acelerar a modernização econômica e a chegada do socialismo na Rússia<sup>220</sup>. Uma nova fase na modernização econômica russa, liderada por Stalin, estava para começar, contendo características completamente distintas da NEP.

### III.4 Stalinismo

A Revolução e a Guerra Civil haviam custado longos anos de crescimento econômico à Rússia. A produção agrícola e industrial só retornou ao nível pré-guerra na segunda metade da década de 20. Assim, para conseguir se recuperar do atraso sofrido, a Rússia Soviética precisava engajar em um novo processo de rápida industrialização e modernização econômica. Sem o referido processo, seria impossível a projeção de poder externo no nível almejado pelas lideranças soviéticas.

Contudo, a NEP era incapaz de fornecer à Rússia o crescimento econômico na velocidade desejada. Além disso, era vista como um recuo do socialismo, uma concessão perigosa que a nação estava oferecendo à burguesia. Por esses motivos, após assumir o poder no partido soviético, Stalin adotou uma série de “ofensivas socialistas” que visavam o fim das concessões capitalistas realizadas pela NEP e a modernização econômica da União Soviética. Durante o período entre 1928-1940, houve uma

---

<sup>219</sup> Ibidem. p. 189

<sup>220</sup> Ibidem. p. 189-190

reorganização forçada do setor agrícola visando à sua coletivização e ao crescimento da indústria pesada incentivada pelos investimentos estatais. Através dos Planos Quinquenais, Stalin transformou drasticamente a nação russa, obtendo um período de crescimento econômico acelerado ao custo de grandes sacrifícios impostos à população soviética.

#### III.4.1 A Coletivização da Agricultura

Ao assumir o poder Stalin enfrentava sérias restrições. O mesmo não dispunha dos investimentos estrangeiros, contando unicamente com recursos internos, tanto para levantar o capital necessário para o financiamento e desenvolvimento da indústria em grande escala, como para criar uma força armada forte o suficiente para a sobrevivência soviética no Sistema Internacional hostil. Tendo em vista que a classe média, classe que poderia ter sido estimulada a criar capital, havia sido eliminada, e que a maior parcela da população russa continuava no setor agrícola, Stalin vislumbrou a coletivização da agricultura como maneira para levantar recursos e ao mesmo tempo intensificar a transferência da agricultura para a indústria<sup>221</sup>.

Na visão de Stalin, só através do excedente agrícola, a industrialização pesada poderia ser financiada e as cidades alimentadas<sup>222</sup>. No início das campanhas de coletivização, o mesmo direcionou o processo com o pano de fundo ideológico da luta de classes. O processo apelava para a “eliminação dos *kulaks* como classe” e insistia que os mesmos não seriam convidados a participar das fazendas coletivas. A maioria dos Bolcheviques considerava que estavam voltando para os “anos heroicos” da luta de classe que haviam sido suspensos por conta da NEP. Para eles, deportar os *kulaks* e confiscar a suas propriedades era o mesmo que eles haviam realizado anteriormente, quando lutavam contra o Exército Branco durante a Guerra Civil. Ao lutar contra os *kulaks*, o governo queria passar a impressão que eles eram os únicos que se opunham a coletivização<sup>223</sup>.

A coletivização conduzida durante o Primeiro Plano Quinquenal (1928-1932), que contava com propaganda em massa para criar uma aura de legitimidade, destruiu a

---

<sup>221</sup> KENNEDY, Paul. Op. Citi., p. 310

<sup>222</sup> SHEARER, David. “Stalinism, 1928-1940”. In SUNY, Ronald Grigor (org) **The Cambridge History of Russia: Volume 3: The Twentieth Century**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 194

<sup>223</sup> KENEZ, Peter. Op. Citi., p. 86

propriedade privada da terra e organizou a produção agrícola em grandes fazendas coletivas. Os camponeses eram direcionados para os *kolkhozy*, que eram cooperativas agrícolas com adesão supostamente voluntária, ou eram empregados como proletários rurais em propriedades de posse do Estado, os *sovkhozy*<sup>224</sup>.

Atrás de todo discurso ideológico de luta de classe e de suposta voluntariedade na adesão à coletivização, o que ocorreu foi um ataque ao modo de vida do camponês. No começo o ataque se restringiu a regiões selecionadas e, por fim, camponeses em todo território foram forçados a se juntar às fazendas coletivas. Apesar da baixa confiabilidade das estatísticas do período, ela nos fornece uma alguma percepção da velocidade com que ocorreu a transformação. Se no final de setembro de 1929, apenas 7,4 por cento das famílias camponesas se encontravam inseridas na produção coletivizada, esse número cresceu para 15 por cento no final de 1929. Em fevereiro de 1930, 60 por cento dos camponeses já se encontravam nesta condição<sup>225</sup>.

A campanha a favor da coletivização foi dura, e em muitos casos, brutal. Qualquer um que resistisse ao processo poderia ser rotulado como *kulak* e ter sua propriedade e rebanho confiscados. Além disso, seria preso e exilado para colônias penais ou executados como inimigos do Estado. Durante os anos mais intensos de coletivização, 1930 e 1931, as autoridades deportaram aproximadamente 1,8 milhões de camponeses que resistiram ao processo. A grande maioria foi enviada para fazendas penais ou assentada em áreas remotas da nação, como Sibéria e Ásia Central<sup>226</sup>.

As consequências de todo o referido processo na produtividade agrícola foram bem severa. Em 1934 a oferta de gado bovino, ovino, suíno e equino era aproximadamente a metade do que havia sido no ano de 1929<sup>227</sup>. Como forma de resistir à coletivização, os camponeses realizaram uma matança preventiva dos animais das fazendas, o que produziu um grande declínio na produção de carne e cereais<sup>228</sup>. Em 1932 uma combinação de colheita fraca, redução de produtividade e elevadas quotas de cereais

---

<sup>224</sup> SHEARER, David. Op. Citi., p. 195

<sup>225</sup> KENEZ, Peter. Op. Citi., p. 85

<sup>226</sup> SHEARER, David. Op. Citi., p. 195-196

<sup>227</sup> Ibidem. 196.

<sup>228</sup> KENNEDY, Paul. Op. Citi., p. 310

adquiridas pelo Estado, gerou fome em áreas da Ucrânia, norte Cáucaso e Rússia central, levando a morte de 5 milhões de pessoas<sup>229</sup>.

Em relação ao seu objetivo inicial podemos considerar a estratégia de Stalin bem sucedida. O fim dos *kulaks* e a coletivização do campo foram proclamados como um triunfo da modernização socialista. Conforme destacado por Gerschenkron (1947), a grandes custos econômicos e humanos o governo soviético havia adaptado a estrutura agrícola às necessidades da industrialização acelerada.

### III.4.2 Industrialização

Antes da Revolução, os Bolcheviques acreditavam que o proletariado assumiria o poder somente após o país ser industrializado sob um sistema de produção capitalista<sup>230</sup>. Entretanto, a realidade que se seguiu divergiu consideravelmente das crenças iniciais, ocorrendo a Revolução de Outubro de 1917 em um país atrasado. A NEP foi uma tentativa de desenvolver um capitalismo controlado, porém, os efeitos colaterais que ela estava gerando (*NEPman e kulaks*) e a recuperação gradual do setor industrial fizeram com que Stalin, assim que consolidou o seu poder na União Soviética, alterasse as políticas industriais buscando um crescimento mais acelerado.

Stalin trouxe novos elementos ao pensamento Bolchevique, elementos estes bem diferentes dos trazidos anteriormente pela linha marxista ou por Lênin. A questão do nacionalismo e a posição da URSS dentro do Sistema Internacional começaram a ser consideradas. Em um discurso em 1931, Stalin insistiu que o ritmo de industrialização deveria ser acelerado, caso contrário, em suas próprias palavras (apud KENEZ, 2006, p. 89, tradução nossa), “*Rússia soviética ficaria para trás e aqueles que ficam para trás são derrotados*”<sup>231</sup>. Ele recordava a humilhação sofrida pela Rússia Imperial nas mãos de adversários mais fortes, reivindicando a herança histórica e prometendo buscar vingança pelas humilhações do passado. Assim, na visão Stalinista, um esforço extraordinário era necessário para tornar a União Soviética um Estado poderoso dentro do Sistema Internacional<sup>232</sup>. Caso esse esforço não fosse realizado, o custo seria a perda

---

<sup>229</sup> SHEARER, David. Op. Citi., p. 196

<sup>230</sup> KENEZ, Peter. Op. Citi., p. 89

<sup>231</sup> No original: “*Soviet Russia would fall behind, and those who fall behind would be beaten*”

<sup>232</sup> Ibidem. p. 89

de autonomia da nação soviética, conforme podemos observar em outro trecho do discurso de Stalin em 1931 (apud FERNANDES, 2000, p. 270):

“Quereis que nossa pátria socialista seja derrotada e que perca sua independência? Se não o quereis deveis acabar com seu atraso no prazo mais curto possível e desenvolver um verdadeiro ritmo bolchevique na edificação da sua economia socialista... Marchamos com um atraso de 50 ou 100 anos em relação aos países mais adiantados. Tempos de superar essa distância em dez anos. Ou o fazemos, ou nos esmagam”

Podemos perceber nos discursos de Stalin que a industrialização acelerada era guiada pela necessidade de poder no âmbito internacional. Era imperativo, para a Rússia Soviética, diminuir a distancia existente em relação às potências industrializadas. Caso contrário, ao invés de projetar o seu poder, a mesma seria derrotada, se tornando assim área de influência de alguma potência ocidental, o que colocaria em risco a posição e o projeto de poder interno da nova elite russa, os bolcheviques.

Tendo esta visão, durante a década de 30, em especial durante o Primeiro Plano Quinquenal, uma grande quantidade de recursos fluiu em direção a construção de projetos industriais pesados. Durante o período surgiram grandes cidades industriais, como Magnitogorsk, uma cidade que cresceu rapidamente em um intervalo de apenas meia década e que contava com uma população de 100 mil trabalhadores e suas famílias. Outro grande projeto foi a construção da hidrelétrica de Dneprostoi, iniciado em 1928, que em 1934 já se encontrava gerando energia elétrica<sup>233</sup>.

O processo de industrialização soviético durante a década de 30 não foi projetado para gerar um crescimento equilibrado. Como já citado anteriormente, o foco era na indústria pesada, sendo assim, as indústrias foram divididas em duas classes distintas. A primeira classe incluía indústrias de bens de produção, como mineração, metalurgia e construção de bens de capital, já a segunda classe, incluía indústria de bens de consumo. Sendo os recursos do período escassos, as indústrias do primeiro grupo foram beneficiadas e apresentaram uma taxa de crescimento superior as indústrias do segundo grupo. Dessa forma, uma dinâmica indústria pesada coexistia com uma indústria leve estagnada, ou até mesmo, em contração<sup>234</sup>.

---

<sup>233</sup> SHEARER, David. Op. Citi., p. 193

<sup>234</sup> KENEZ, Peter. Op. Citi., p. 91

Os resultados obtidos durante os dois primeiros planos quinquenais foram significativos. Em média, a URSS cresceu 13,2% a.a durante o 1º Plano Quinquenal (1928-1932) e 16,1% a.a sob o 2º Plano Quinquenal (1933-1937). O crescimento foi fundamentado, principalmente, na entrada em operação de novas máquinas ou unidades de produção, que utilizavam as tecnologias mais avançadas disponíveis na época<sup>235</sup>. A extração de carvão durante o mesmo período aumentou de 35,4 para 128 milhões de toneladas e a produção de aço de 4 para 17,7 milhões de toneladas. No setor de energia elétrica, a produção aumentou sete vezes, a construção de máquinas aumentou mais de 20 vezes e a de tratores, em quase 40 vezes<sup>236</sup>.

A indústria bélica também apresentou um crescimento significativo durante o período. A quantidade e qualidade do armamento disponível para o exército vermelho melhorou consideravelmente. A produção de artilharia, por exemplo, passou de 952 em 1930, para 4.368 em 1934 e, alcançou a marca de 15.300 em 1940. O volume de tanques construídos também apresentou um grande aumento, de 170 em 1930, para 3.509 em 1933, atingindo a produção de 4.800 em 1936<sup>237</sup>. O avanço da produção bélica russa, em comparação a produção das demais potências, pode ser observado na tabela 4 abaixo relacionado à produção de aviões.

**Tabela 4** – Produção de aviões das potências, 1932-1939

	1932	1933	1934	1935	1936	1937	1938	1939
França	(600)	(600)	(600)	785	890	743	1.382	3.163
Alemanha	36	368	1.968	3.183	5.112	5.606	5.235	8.295
Itália	(500)	(500)	(750)	(1000)	(1000)	(1500)	1.850	(2500)
Reino Unido	445	633	740	1.140	1.877	2.153	2.827	7.940
Estados Unidos	596	466	437	459	1.141	949	1.800	2.195
U.R.S.S.	2.595	2.595	2.595	3.578	3.578	3.578	7.500	10.382

Fonte: (KENNEDY, 1989: 313)

O controle do governo sobre a agricultura e sobre o processo de industrialização foi fundamental para alcance dos resultados obtidos. A relutância dos governos ocidentais em realizar investimentos na Rússia Soviética, dificultava a obtenção externa dos recursos necessários para o desenvolvimento industrial<sup>238</sup>. Dessa forma, somente com o

<sup>235</sup> FERNANDES, Luís Manuel. Op. Citi., p. 270

<sup>236</sup> KENNEDY, Paul. Op. Citi., p. 311

<sup>237</sup> MEARSHEIMER, John. Op. Citi., p. 315

<sup>238</sup> SHEARER, David. Op. Citi., p. 200

controle quase que total sobre a atividade econômica pôde o governo russo direcionar os recursos para o crescimento dos setores prioritários.

Apesar do notório crescimento e de ter ultrapassado a produção industrial francesa, japonesa e italiana nos fins da década de 30, a indústria soviética ainda enfrentava muitas deficiências. O sistema de comunicação, apesar dos investimentos em ferrovias, continuava sendo inadequado para atender as necessidades crescentes do país. Em muitas indústrias havia a dependência de técnicos estrangeiros, em especial norteamericanos. O gigantismo das unidades fabris dificultava ajustes rápidos na combinação dos fatores de produção ou a introdução de novos modelos<sup>239</sup>.

A magnitude das transformações ocorridas na URSS gerou grande impacto no padrão de vida do proletário. Como os camponeses, os trabalhadores sofreram grandes privações durante o período. Os líderes soviéticos, quando priorizaram a rápida industrialização, não hesitaram em impor sofrimento e piora no padrão de vida da população para alcançarem a sua meta. O salário real dos trabalhadores em 1932 representava apenas metade do que ele havia sido em 1928. Essa redução significou piora na alimentação, vestuário e moradia da população urbana. Apesar de o pão continuar disponível nas cidades, o consumo de carne e leite caiu significativamente<sup>240</sup>.

Apesar de todo sofrimento imposto à população, os líderes soviéticos consideraram a industrialização da nação sua principal conquista. Eles acreditavam que somente o método soviético, especificamente stalinista, poderia realizar tanto em tão pouco tempo. A rápida recuperação do atraso, em relação às potências ocidentais capitalistas, era considerada a principal prova a respeito da superioridade do sistema político, econômico e social soviético<sup>241</sup>. Os fins haviam justificado os meios e no final da década de 30, na opinião de seus líderes, a URSS havia se modernizado, construindo uma estrutura industrial capaz de prover ao exército soviético recursos suficientes para o mesmo projetar o poder Russo no Sistema Internacional.

---

<sup>239</sup> KENNEDY, Paul. Op. Citi., p. 311-312

<sup>240</sup> KENEZ, Peter. Op. Citi., p. 95

<sup>241</sup> Ibidem. p. 96

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da presente dissertação observamos que a busca por aumento e projeção de poder foi a principal motivação para, tanto a Rússia Imperial como a Rússia Soviética, iniciarem um processo de modernização e industrialização tardio. Entretanto, embora as limitações para o referido processo fossem semelhantes, isto é, como obter o capital necessário em uma nação predominantemente agrária, com baixa produtividade e acumulação de capital, as diferenças geradas pela mudança na elite governante e o novo paradigma político e ideológico adotado pelos soviéticos, fizeram com que distintas trajetórias fossem adotadas.

Na Rússia Imperial, durante o processo modernizante, ocorreu pouco incentivo para um aumento na acumulação de capital. A Emancipação dos Servos em 1861 não rompeu com as limitações socioeconômicas que dificultavam a modernização do setor agrícola russo. A ausência de poupança interna fez com que a modernização econômica fosse estimulada quase que exclusivamente pela poupança externa. Assim, observamos que no período imperial, a Rússia fez uso de instrumento inexistente para as nações que já se encontravam industrializadas, qual seja, a utilização da abundância de capital, recursos técnicos e bens de capital existente nas mesmas. Dessa forma a Rússia conseguiu superar o problema da acumulação de capital proveniente da transição mal sucedida do modo de produção feudal para a capitalista.

Os recursos externos provenientes de nações ocidentais que já haviam alcançado um estágio de modernização mais sofisticado, em busca de uma aplicação rentáveis (ainda que menos seguras), fluíram em direção a Rússia. No primeiro momento, o empresário externo incentivou o investimento no setor primário exportador, com a construção de ferrovias sendo um dos principais destinos do capital. As ferrovias tinham a finalidade de escoar a produção de cereais e ligavam regiões produtoras de grãos com os rios navegáveis e os portos no Mar Negro e Báltico.

No entanto, a adoção de medidas liberais fez com que a mineração e a indústria metalúrgica russa fossem pouco incentivadas durante as primeiras décadas pós-emancipação. Dessa maneira, por mais que houvesse um desenvolvimento industrial, este ainda estava aquém do necessário para promover a industrialização requerida para aumentar o poder nacional russo dentro do Sistema Internacional.



Uma postura mais ativa do governo só foi realizada na última década de 1890, sob o comando do então Ministro das Finanças Sergei Witte. No referido período, a Rússia Imperial fez uso do capital externo disponível no mercado internacional, utilizando o mesmo para promover a acelerada industrialização do império. No entanto, a crise internacional no início da primeira década do século XX, resultou em uma redução na quantidade de capital disponível. A situação só melhorou alguns anos após a Revolução de 1905, sendo novamente interrompida com o advento da 1ª Guerra Mundial.

Assim, durante o período czarista, a Rússia fez amplo uso de poupança externa para poder compensar as limitações de sua estrutura socioeconômica. Embora o recurso seja extremamente válido, e tenha logrado um êxito relativo, a Rússia estava sujeita à volatilidade do mercado externo. Quando o mesmo enfrentava situações adversas, liquidez era restringida, o que interrompia o processo de modernização russo.

A única forma de escapar das incertezas da disponibilidade da poupança externa seria estimular o desenvolvimento da acumulação de capital dentro do território russo. Para isso, seria necessário que o governo fornecesse os estímulos necessários para modernização da agricultura. Contudo, a preocupação excessiva com a rápida industrialização do império e o desejo de manter a estrutura social existente fez com que Sergei Witte não desse a devida atenção à situação rural russa. Assim, foi mantida a estrutura criada após a emancipação, com a terra continuando a ser concedida às famílias como parte da propriedade comunal. Dessa maneira, a baixa produtividade do setor agrícola foi mantida. Além disso, mesmo os trabalhadores que se encontravam alocados nas novas indústrias continuavam, em grande parte, vinculados à terra de alguma forma.

Após a Revolução de 1905, o governo czarista começou a dar maior atenção à situação do campo, visto que as medidas adotadas, além de não estimularem o processo de acumulação de capital, não conseguiram assegurar a estabilidade no campo. Em 1906 o Primeiro Ministro Stolypin começou a desenhar um processo que tinha como objetivo transformar a terra em uma propriedade privada de fato. Essa medida foi um importante passo para estimular uma acumulação maior de capital e desenvolver o mercado interno russo, que poderia incentivar o surgimento de um empresário privado que participasse do processo de modernização da Rússia Imperial.

O período citado ainda contava com um bom aporte de capital externo, podendo assim, ao mesmo tempo em que estimulava a acumulação interna de capital, fazer uso da poupança externa para induzir o rápido desenvolvimento industrial e a modernização econômica. No entanto, veio a 1ª Guerra Mundial e o governo czarista nunca pôde visualizar quais seriam os resultados finais caso seu programa de modernização tivesse conseguido continuar sem perturbações por um período maior.

O governo Soviético, após cancelar em janeiro de 1918 todas as dívidas com os bancos capitalistas dos Estados Centrais, acabou criando uma barreira à entrada do capital externo no país. A incerteza em relação ao governo socialista russo era enorme. Por esse motivo, o fluxo de capital não fluiu na mesma proporção do que ocorreu na Rússia Imperial. Entretanto, a baixa produtividade da economia continuava dificultando a acumulação de capital.

Para aumentar a complexidade do problema, a situação da Rússia após a Guerra Civil era extremamente delicada. A agricultura produzia em níveis inferiores aos produzidos anteriormente pelo Império e o ânimo do campesinato se encontrava exaltado por conta da requisição forçada de cereais e outras medidas da Guerra Civil. Assim, mais do que proporcionar um período de rápida modernização e crescimento, a NEP (Nova Política Econômica) possuía como objetivos reestruturar a atividade econômica na Rússia e estabilizar as tensões sócias herdadas do período imperial e da guerra civil.

As concessões capitalistas feitas pela NEP buscaram estimular a produção agrícola voltada para o mercado, incentivando o aumento da produção. Entretanto, o aumento da produção não levou a um aumento da produtividade, visto que a alteração na forma de extração do excedente agrícola, isto é, o fim requisição forçada e sua substituição por um imposto, gerou aumento da qualidade de vida camponesa sem uma necessidade imediata mudança nas técnicas de produção adotadas, permanecendo assim o problema da baixa produtividade. Esse fato demonstra claramente que a requisição ia além do excedente econômico produzido pelo camponês.

Em relação ao crescimento industrial, a escassez de recursos e o objetivo de reestruturação da atividade econômica fizeram com que o crescimento industrial durante a NEP fosse gerado em grande parte pela revitalização de empresas já existentes. A indústria de bens leves foi a que conseguiu uma melhor taxa de recuperação. A indústria

pesada, o principal setor industrial para proporcionar o aumento do poder de um Estado, apresentou uma recuperação lenta.

Assim, embora no longo prazo houvesse a perspectiva de que a NEP conseguiria superar os problemas relacionados à acumulação de capital e que iria estimular o aumento da produtividade, ela não foi capaz de resolver os anseios imediatos relacionados à questão do poder da Rússia Soviética. Além disso, ao romper com pressupostos revolucionários, permitindo atividades capitalistas e a presença de classes consideradas “burguesas”, a NEP sofreu com pesadas críticas dentro do governo Bolchevique. O crescimento da classe “burguesa” representava uma ameaça potencial a nova elite dominante russa. A ascensão de Stalin ao poder e a série de “ofensivas socialistas” adotadas pelo mesmo puseram fim a NEP.

Ao assumir a liderança Stalin iniciou um processo buscando aumentar o poder da URSS no Sistema Internacional. Com esse objetivo foram lançados os Planos Quinquenais, que promoveram o crescimento acelerado da indústria soviética. A escassez de capital foi contornada pelo processo de coletivização do campo, ação que permitiu ao governo soviético drenar recursos da sociedade e direcioná-los para indústria pesada. Entretanto, os efeitos dessas medidas para a grande maioria da população foram a deterioração na qualidade de vida e aumento do sofrimento.

Os sacrifícios impostos pelos Planos Quinquenais mostram claramente que, apesar do pano de fundo da ideologia comunista, a necessidade de poder direcionava as ações do governo soviético. Dessa forma, guardadas as diferenças específicas de cada processo, que naturalmente não são dispensáveis, tanto o esforço de modernização da URSS como da Rússia Imperial foram entendidos pelos seus propugnadores como um instrumento a favor da sobrevivência do Estado russo (comunista ou imperial) no Sistema Interestatal Capitalista da Era Industrial.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONIN, Nikolai. “The Navy in 1900: Imperialism, Technology and Class War”. In LIEVEN, Dominic (Org). *The Cambridge History of Russia: Volume 2: Imperial Russia, 1689-1917*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, pp. 575-589

ANANICH, Boris. “The Russian Economy and Banking System”. In LIEVEN, Dominic (Org). *The Cambridge History of Russia: Volume 2: Imperial Russia, 1689-1917*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, pp. 394-425

ATKINSON, Dorothy. “The Statistics on the Russian Land Commune, 1905-1917”. *Slavic Review*, Champaign, IL, v. 32, n. 4, Dec 1973, p 773-787. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2495496>> Acesso em 21 jul 2010.

BALL, Alan. “Building a New State and Society: NEP, 1921-1928”. In SUNY, Ronald Grigor (org) *The Cambridge History of Russia: Volume 3: The Twentieth Century*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, pp. 168-191.

BARKAI, Haim. “The Macro-Economics of Tsarist Russia in the Industrialization Era: Monetary Developments, the Balance of Payments and the Gold Standard”. *The Journal of Economic History*, Cambridge, v. 33, n. 2, Jun 1973, pp. 339-371. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2116684>> Acesso em 21 jul 2010.

BASSIN, Mark. “Geographies of Imperial Identity”. In LIEVEN, Dominic (Org). *The Cambridge History of Russia: Volume 2: Imperial Russia, 1689-1917*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, pp. 45-63.

BASTOS, Carlos Pinkusfeld; BRITTO, Gustavo. “Introdução”. In: AGARWALA, A.; SINGH, S. P. (org). *A Economia do Subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado, 2010, p. 7-41.

BAYKOV, Alexender. “The Economic Development of Russia”. *The Economic History Review*, Bristol, UK, v. 7, n. 2, 1954, pp. 137-149. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2591618>> Acesso em 25 jan 2011.

BLANCHARD, Ian. “Russian Railway Construction and the Urals Charcoal Iron and Steel Industry, 1851-1914”. *The Economic History Review*, Bristol, UK, v. 53, n. 1, Feb 2000, pp. 107-126. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2599467>> Acesso em 07 nov 2010.

BORDYUGOV, Gennadii. “The Policy and Regime of Extraordinary Measures in Russia under Lenin and Stalin”. *Europe-Asia Studies*, London, v. 47, n. 4, Jun 1995, pp. 615-632. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/153235>> Acesso em 15 abr 2011.

BOWMAN, Linda. “Russia’s First Income Taxes: The Effects of Modernized Taxes on Commerce and Industry, 1885-1914”. *Slavic Review*, Champaign, IL, v. 52, n. 2, Summer 1993, PP. 256-282. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2499922>> Acesso em 21 jul 2010.

CHAPMAN, Tim. *Imperial Russia: 1801-1905*. London: Routledge, 2001.

COLES, Paul. "The Origins of the Modern State: A Problem in Political Formation". *The Western Political Quarterly*, Salt Lake City, UT, v.10, n. 2, p 340-349, 1957. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/443693>> Acesso em 21 jul 2010.

CRISP, Olga. "Russian Financial Policy and the Gold Standard at the End of the Nineteenth Century". *The Economic History Review*, Bristol, UK. v. 6, n. 2, 1953, pp. 156-172. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2590940>> Acesso em 17 jan 2011.

DALLIN, David J. "The Main Traits of Soviet Empire-Building". *Russian Review*, Malden", MA, v. 18, n. 1, Jan 1959, pp. 3-13. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/126234>> Acesso em 21 jul 2010.

DENNIS, Alfred L. P. "Soviet Russia and Federated Russia". *Political Science Quarterly*, New York, NY, v. 38, n. 4, Dec 1923, pp. 529-551. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2142477>> Acesso em 15 abr 2011.

DOBB, Maurice. *A Evolução do Capitalismo*. Tradução Manuel do Rêgo Braga. São Paulo: Abril Cultura, 1983.

"Economic Thought in Russia". *The Quarterly Journal of Economics*, Cambridge, MA, v. 2, n. 2, Jan 1888, pp. 233-243. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1879493>> Acesso em 22 out 2010.

ELLISON, Herbert J. "Economic Modernization in Imperial Russia: Purpose and Achievements". *The Journal of Economic History*, Cambridge, v. 25, n. 4, Dec 1965. pp. 523-540. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2116126>> Acesso em 21 jul 2010.

FERNANDES, Luís Manuel. "Rússia: do Capitalismo Tardio ao Socialismo Real". In FIORI, José Luis (org). *Estados e Moedas no Desenvolvimento das Nações*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000, pp. 251-283.

FIGES, Orlando. "The Red Army and Mass Mobilization during the Russian Civil War 1918-1920". *Past & Present*, Oxford, n. 129, Nov 1990, p. 168-211. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/650938>> Acesso em 19 jun 2010.

FULLER Jr., William. "The Imperial Army". In LIEVEN, Dominic (Org). *The Cambridge History of Russia: Volume 2: Imperial Russia, 1689-1917*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, pp. 530-553.

GARVY, George. "Banking Under the Tsars and the Soviets". *The Journal of Economic History*, Cambridge, v. 32, n. 4, Dec 1972, pp. 869-893. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2117258>> Acesso em 21 jul 2010.

GATRELL, Peter. "Industrial Expansion in Tsarist Russia, 1908-14". *The Economic History Review*, Bristol, UK. v. 35, n. 1, Feb 1982, pp. 99-110. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2595106>> Acesso em 21 jul 2010.

GERSCHENKRON, Alexander. "The Rate of Growth in Russia: The Rate of Industrial Growth in Russia, Since 1885". *The Journal of Economic History*, Cambridge, v. 7, Supplement: Economic Growth: A Symposium, 1947, pp. 144-174. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2113273>> Acesso em 21 jul 2010.

GILPIN, Robert. *War and Change in World Politics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

GREGORY, Paul. "Economic Growth and Structural Change in Tsarist Russia: A Case of Modern Economic Growth?". *Soviet Studies*, London, v. 23, n. 3, Jan 1972, pp. 418-434. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/150210>> Acesso em 21 jul 2010.

GREGORY, Paul; SAILOR, Joel W. "Russian Monetary Policy and Industrialization, 1861-1913". *The Journal of Economic History*, Cambridge, v. 7, n. 4, Dec 1976, pp. 836-851. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/21192492>> Acesso em 22 out 2010.

GUBSKY, N. "The Land Settlement of Russia". *The Economic Journal*, Malden, MA, v. 31, n. 124, Dec 1921, pp. 472-481. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2223077>> Acesso em 22 out 2010.

HASLAN, Jonathan. "Comintern and Soviet Foreign Policy". In SUNY, Ronald Grigor (org) *The Cambridge History of Russia: Volume 3: The Twentieth Century*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. pp. 626-661.

HARTLEY, Janet M. "Provincial and Local Government". In LIEVEN, Dominic (Org). *The Cambridge History of Russia: Volume 2: Imperial Russia, 1689-1917*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. pp. 449-467.

HILTON, Rodney. "Introdução". In SWEEZY, Paul. et al. *A Transição do Feudalismo para o Capitalismo: Um Debate*. Tradução Isabel Didonet. 5a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, pp. 9-36.

HOBBSBAWM, Eric. "Do Feudalismo para o Capitalismo". In SWEEZY, Paul. et al. *A Transição do Feudalismo para o Capitalismo: Um Debate*. Tradução Isabel Didonet. 5a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, pp. 39-69.

HOCH, Steven L. "The Banking Crisis, Peasant Reform, and Economic Development in Russia, 1857-1861". *The American Historical Review*, Bloomington, IN, v. 96, n. 3, Jun 1991, pp. 795-820. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2162431>> Acesso em 21 jul 2010.

HODGSON, John H. "Soviet Foreign Policy: Mental Alienation or Universal Revolution?". *The Western Political Quarterly*, Salt Lake City, UT, v.24, n. 4, Dec 1971, pp. 653-665. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/447103>> Acesso em 21 jul 2010.

HOOKHAM, Maurice. "Reflections on the Russian Revolution". *International Affairs*, Malden, MA, v. 43, n. 4, p 643-654, 1967. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2612802>> Acesso em 23 ago 2010.

IRIYE, Akira. "Japan's Drive to Great Power Status". In JANSEN, Marius B. (org) *The Cambridge History of Japan: Volume 5: The Nineteenth Century*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

JOLL, James. *Europe since 1870 : An International History*. Londres: Penguin Books, 1990.

KAGARLITSKY, Boris. *Empire of the Periphery: Russia and the World System*. Translated by Renfrey Clarke. London: Pluto Press, 2008.

KAHAN, Arcadius. "Capital Formation during the Period of Early Industrialization in Russia, 1890-1913". In MATHIAS, Peter; POSTAN, M. M. (org) *The Cambridge Economic History: Volume VII: The Industrial Economies: Capital, Labour and Enterprise, Part 2 – The United States, Japan and Russia*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978, pp 265-307.

KARPOVICH, Michael. "The Russian Revolution of 1917". *The Journal of Modern History*, Chicago, IL, v. 2, n. 2, p 258-280, 1930. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1872315>> Acesso em 23 ago 2010.

KELLY, William J. "Railroad Development and Market Integration in Tsarist Russia: Evidence on Oil Products and Grain". *The Journal of Economic History*, Cambridge, v. 36, n. 4, Dec 1976, pp. 908-916. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2119246>> Acesso em 21 jul 2010.

KENEZ, Peter. "Russian Officer Corps before the Revolution: The Military Mind". *Russian Review*. Malden, MA, v. 31, n. 3, Jul 1972, pp. 226-236. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/128044>> Acesso em 21 jul 2010.

KENEZ, Peter. *A History of Soviet Union from the Beginning to the End*. 2a Ed New York: Cambridge University Press, 2006.

KENNEDY, Paul. "The First World War and the International Power System". *International Security*. Cambridge, MA, v. 9, n. 1, Summer 1984, pp. 7-40. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2538634>> Acesso em 21 jul 2010.

\_\_\_\_\_. *Ascensão e Queda das Grandes Potências: Transformação Econômica e Conflito Militar de 1500 a 2000*. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1989.

KINDLEBERGER, Charles. *Power and Money; The Economics of International Politics and the Politics of International Economics*. Nova Yorque: Basic Books, 1970.

KINGSTON-MANN, Esther. "Transforming Peasants in the Twentieth Century: Dilemmas of Russian, Soviet and post-Soviet Development". In SUNY, Ronald Grigor (org) *The Cambridge History of Russia: Volume 3: The Twentieth Century*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, pp. 411-439.

KOWALSKI, Ronald. *The Russian Revolution 1917-1921*. London: Routledge, 1997.

KUZNETS, Simon. "Os Países Subdesenvolvidos e a Fase Pré-Industrial nos Países Avançados: uma Tentativa de Comparação". In: AGARWALA, A.; SINGH, S. P. (org). *A Economia do Subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado, 2010, p. 163-180.

LAUE, T. H. Von . "The High Cost and the Gamble of the Witte System: A Chapter in the Industrialization of Russia". *The Journal of Economic History*, Cambridge, v. 13, n. 4, Autumn 1953, pp. 425-448. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2114774>> Acesso em 21 jul 2010.

\_\_\_\_\_. “A Secret Memorandum of Sergei Witte on the Industrialization of Imperial Russia”. *The Journal of Modern History*, Chicago, IL, v. 26, n. 1, Mar 1954, pp. 60-74. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1874874>> Acesso em 21 jul 2010.

LANDES, David S. *Prometeu Desacorrentado: Transformações Tecnológica e Desenvolvimento Industrial na Europa Ocidental, de 1750 até os Dias de Hoje*. Tradução de Marisa Motta, 2ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

LIAROPOULOS, Andrew N. “Revolutions in Warfare: Theoretical Paradigms and Historical Evidence: The Napoleonic and First World War Revolutions in Military Affairs”. *The Journal of Military History*, Lexington, VA, v. 70, n. 2, Apr 2006 363-384. Disponível em : <<http://www.jstor.org/stable/4137957>> Acesso em 21 jul 2010.

LIEVEN, Dominic. “The Russian Empire and the Soviet Union as Imperial Polities”. *Journal of Contemporary History*, Thousand Oaks, CA, v.30, n. 4, Oct 1995, pp. 607-636. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/261085>> Acesso em 21 jul 2010.

\_\_\_\_\_. “Dilemmas of Empire 1850-1918. Power, Territory, Identity”. *Journal of Contemporary History*, Thousand Oaks, CA, v.34, n. 2, Apr 1999, pp. 163-200. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/261214>> Acesso em 21 jul 2010.

\_\_\_\_\_. “Russia as Empire and Periphery”. In LIEVEN, Dominic (Org). *The Cambridge History of Russia: Volume 2: Imperial Russia, 1689-1917*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, pp. 9-26.

LENIN, Vladimir I. *O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia: O Processo de Formação do Mercado Interno para a Grande Indústria*. Tradução José Paulo Netto. São Paulo: Abril Cultura, 1982.

\_\_\_\_\_. *O Imperialismo: Fase Superior do Capitalismo*. Tradução Leila Prado, 4a ed. São Paulo: Centauro, 2008.

LEWIN, Moshe. “Russia/USSR in Historical Motion: An Essay in Interpretation”. *Russian Review*, Malden, MA, v. 50, n. 3, Jul 1991, pp. 249-266. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/131073>> Acesso em 21 jul 2010.

LYNN, John A. “Nations in Arms”. In PARKER, Geoffrey (Org). *The Cambridge History of Warfare*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, 189-216.

MAKLAKOV, V. “The Agrarian Problem in Russia before the Revolution”. *Russian Review*, Malden, MA, v. 9, n. 1, Jan 1950, pp. 3-15. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/125489>> Acesso em 22 out 2010.

MARIUTTI, Eduardo Barros. *Balanço do Debate: A Transição do Feudalismo ao Capitalismo*. São Paulo: Hucitec, 2004.

MASON, Edward S. “Economic Factors in Military Actions”. *Military Affairs*, Lexington, VA, v.6, n. 3, Jun 1942, pp. 133-142. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1982844>> Acesso em 21 jul 2010.

MEARSHEIMER, John. *The Tragedy of Great Power Politics*. New York: W. W. Norton & Company, 2001.



MELTON, Edgar. "Proto-Industrialization, Serf-Agriculture and Agrarian Social Structure: Two Estates in Nineteenth-Century Russia". *Past & Present*, Oxford, n. 115, May 1987, pp. 69-106. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/650840>> Acesso em 22 out 2010.

METZER, Jacob. "Railroad Development and Market Integration: The Case of Tsarist Russia". *The Journal of Economic History*, Cambridge, v. 34, n. 3, Sep 1974, pp. 529-550. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2116752>> Acesso em 21 jul 2010.

MOORE JR., Barrington. *Social Origins of Dictatorship and Democracy: Lord and Peasant in the Making of the Modern World*. With a new foreword by Edward Friedman and James C. Scott. Boston: Beacon Press, 1993.

MOUL, William Brian. "Balances of Power and the Escalation to War of Serious Disputes among the European Great Powers, 1815-1939: Some Evidence". *American Journal of Political Science*, Bloomington, IN, v 32, n. 2, May 1988, pp. 241-275. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2111123>> Acesso em 21 jul 2010.

NIKOLAIEFF, A. M. "The February Revolution and the Russian Army". *Russian Review*, Malden, MA, v. 6, n. 1, Autumn 1946, pp. 17-25. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/125380>> Acesso em 24 mai 2010.

NORTH, Robert. "The Nep and the New Democracy". *Pacific Affairs*, Vancouver, B.C. v. 24, n 1, Mar 1951, pp. 52-60. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3035429>> Acesso em 04 jul 2011.

NURKSE, Ragnar. "Alguns Aspectos Internacionais do Desenvolvimento Econômico" In: AGARWALA, A.; SINGH, S. P. (org). *A Economia do Subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado, 2010, pp. 277 - 291.

PARET, Peter. "Napoleon and the Revolution in War". In PARET, Peter (Org). *Makers of Modern Strategy: From Machiavelli to the Nuclear Age*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1986, pp. 123-142.

PINTNER, Walter M. "The Social Characteristics of the Early Nineteenth-Century Russian Bureaucracy". *Slavic Review*, Champaign, IL, v. 29, n. 3, Sep 1970, pp. 429-443. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2493158>> Acesso em 27 out 2010.

\_\_\_\_\_. "Russian Military Thought: The Western Model and the Shadow of Suvorov". In PARET, Peter (Org). *Makers of Modern Strategy: From Machiavelli to the Nuclear Age*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1986, pp. 354-375.

POLUNOV, Alexander. *Russia in the Nineteenth Century: Autocracy, Reform, and Social Change, 1814-1914*. Translated by Marshall Shatz. Armonk, NY: M.E. Sharpe, 2005.

RAFFALOVICH, Arthur. "Russian Financial Policy (1861-1914)". *The Economic Journal*, Malden, MA, v. 26, n. 104, Dec 1916, pp. 528-532. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2221859>> Acesso em 22 out 2010.

RAY, Oliver Allen. "The Imperial Russian Army Officer". *Political Science Quarterly*, New York, NY, v. 76, n. 4, Dec 1961, pp. 576-592. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2146542>> Acesso em 19 jun 2010.

READ, Christopher. *From Tsar to Soviets: the Russian People and their Revolution, 1917-21*. London: UCL Press, 1996.

RIASANOVSKY, Nicholas V. "The Russian Empire as an Underdeveloped Country". *Slavic Review*, Champaign, IL, v. 20, n. 4, Dec 1961, pp. 589-593. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3004092>> Acesso em 21 jul 2010.

RIMLINGER, Gaston V. "Autocracy and the Factory Order in Early Russian Industrialization". *The Journal of Economic History*, Cambridge, v. 20, n. 1, Mar 1960, pp. 67-92. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2115140>> Acesso em 21 jul 2010.

\_\_\_\_\_. "The Expansion of the Labor Market in Capitalist Russia: 1861-1917". *The Journal of Economic History*, Cambridge, v. 21, n. 2, Jun 1961, pp. 208-215. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2115188>> Acesso em 22 out 2010.

ROSTOW, W. W. "A Decolagem para o Crescimento Autossustentado" In: AGARWALA, A.; SINGH, S. P. (org). *A Economia do Subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado, 2010, pp. 181 - 211.

OWEN, Thomas C. "The Russian Industrial Society and Tsarist Economic Policy, 1867-1905". *The Journal of Economic History*, Cambridge, v. 45, n. 3, Sep 1985, pp. 587-606. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2121753>> Acesso em 21 jul 2010.

OYE, David S. van der. "Russian Foreign Policy: 1815-1917". In LIEVEN, Dominic (Org). *The Cambridge History of Russia: Volume 2: Imperial Russia, 1689-1917*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. pp. 554-574.

SALAMON, Lester. "Comparative History and the Theory of Modernization" *World Politics*, Cambridge, v. 23, n. 1, Oct 1970, pp. 83-103. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2009632>> Acesso em 4 jul 2011.

SHEARER, David. "Stalinism, 1928-1940". In SUNY, Ronald Grigor (org) *The Cambridge History of Russia: Volume 3: The Twentieth Century*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, pp. 192-216.

SIMES, Dimitri K. "The Military and Militarism in Soviet Society". Cambridge, MA, v. 6, n. 3, Winter 1981-1982, pp. 123-143. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2538610>> Acesso em 21 jul 2010.

SIMMS JR, James Y. "The Crisis in Russia Agriculture at the End of Nineteenth Century: A Different View". *Slavic Review*, Champaign, IL, v. 36, n. 3, Sep 1977, pp. 429-443. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/656999>> Acesso em 25 jan 2011.

SKOCPOL, Theda. "State and Revolution: Old Regimes and Revolutionary Crises in France, Russia and China". *Theory and Society*. New York, NY, v. 7, n. 1/2, Jan-Mar 1979, pp. 7-95. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/656999>> Acesso em 21 jul 2010.

SMITH, Jeremy. "Non-Russians in the Soviet Union and After". In SUNY, Ronald Grigor (org) *The Cambridge History of Russia: Volume 3: The Twentieth Century*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, pp. 495-521.

STONE, David R. *A Military History of Russia: From Ivan the Terrible to the War in Chechnya*. Westport, CT: Praeger Security International, 2006.

STRANGE, Susan. *States and Markets*. London: Continuum, 1988

SWEEZY, Paul. “O Debate Sobre a Transição: uma Crítica”. In SWEEZY, Paul. et al. *A Transição do Feudalismo para o Capitalismo: Um Debate*. Tradução Isabel Didonet. 5a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, pp. 39-69.

TEIXEIRA, Aloísio. Estados Unidos: A “Curta Marcha” para a Hegemonia. In FIORI, José Luis (org). *Estados e Moedas no Desenvolvimento das Nações*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

VITARBO, Gregory. “Nationality and the Russian Imperial Officer Corps, 1905-1914”. *Slavic Review*, Champaign, IL, v. 66, n. 4, Winter 2007 pp. 682-701. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/20060379>> Acesso em 19 jun 2010.

WALDRON, Peter. “State Finances”. In LIEVEN, Dominic (Org). *The Cambridge History of Russia: Volume 2: Imperial Russia, 1689-1917*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. pp. 468-486.

WALLICH, Henry. “Algumas Notas para uma Teoria do Desenvolvimento Derivado” In: AGARWALA, A.; SINGH, S. P. (org). *A Economia do Subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado, 2010, pp. 215 - 240.

WEEKS, Theodore R. “Managing Empire: Tsarist Nationalities Policy”. In LIEVEN, Dominic (Org). *The Cambridge History of Russia: Volume 2: Imperial Russia, 1689-1917*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, pp. 27-44.

WILDMAN, Allan K. “The February Revolution in the Russian Army”. *Soviet Studies*, London, v. 22, n. 1, Jul 1970, pp. 3-23. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/149649>> Acesso em 23 ago 2010.

\_\_\_\_\_. *The End of the Russian Imperial Army: The Road to Soviet Power and Peace*. Princeton, NJ: Princeton University Press, Volume II, 1987.

WOLF, Bertram D. “Backwardness and Industrialization in Russian History and Thought”. *Slavic Review*, Champaign, IL, v. 26, n. 2, Jun 1967, pp. 177-203. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2492449>> Acesso em 21 jul 2010.

WOOD, Alan. *The Origins of the Russian Revolution: 1861-1917*. 3a ed. London: Routledge, 2003.

ZEIDLER, Manfred. “The Strange Allies – Red Army and Reichswehr in the Inter-war Period”. In SCHLÖGEL, Karl (Org). *Russian-German Special Relations in the Twentieth Century*. Oxford: Berg, 2006, pp 99-118.

ZENKOVSKY, Serge A. “The Emancipation of the Serfs in Retrospect”. *Russian Review*, Malden, MA, v. 20, n. 4, Oct 1961, pp. 280-293. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/126692>> Acesso em 21 jul 2010.